U.PORTO

MESTRADO

ARQUITETURA

A igreja paroquial de Olivais Sul:

de um primeiro esboço a um futuro imaginado

Damião Franco

M

2021

U.PORTO

Damião Franco. A igreja paroquial de Olivais Sul: de um primeiro esboço a um futuro imaginado

M.FAUP 2021

A igreja paroquial de Olivais Sul: de um primeiro esboço a um futuro imaginado
Damião Rebocho Machado Bebiano de Franco

FACULDADE DE ARQUITETURA

A IGREJA PAROQUIAL DE OLIVAIS SUL

DE UM PRIMEIRO ESBOÇO A UM FUTURO IMAGINADO

Dissertação de mestrado integrado em arquitectura

apresentada por Damião Rebocho Machado Bebiano de Franco
sob a orientação do Professor Doutor João Luís Marques
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto . 2021

Nota à edição

A presente dissertação não segue o novo Acordo Ortográfico, por decisão do autor. As citações transcritas em português referentes a edições de língua não portuguesa foram sujeitas a uma tradução livre pelo autor para proporcionar uma leitura contínua. Algumas das imagens apresentadas foram recortadas e/ou sofreram alterações cromáticas relativamente às originais.

AGRADECIMENTOS

Ao professor João Luís Marques, pela paciência e crítica assertiva,
À Maria Helena Maia, por me ter aberto as portas de sua casa,
Ao pe. Bruno pelas visitas à Igreja Paroquial,
Aos meus queridos amigos, companheiros de viagem,
À minha família, o meu porto de abrigo,

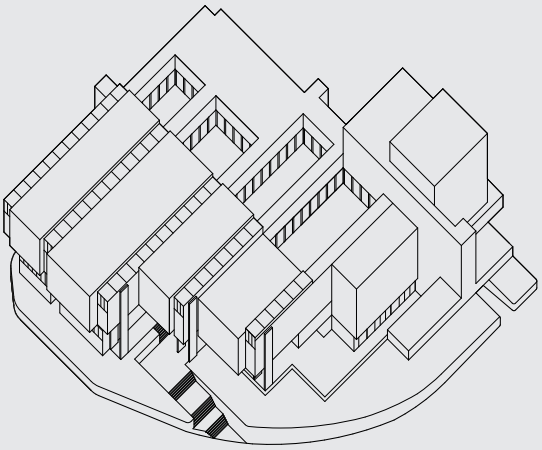
Obrigado.

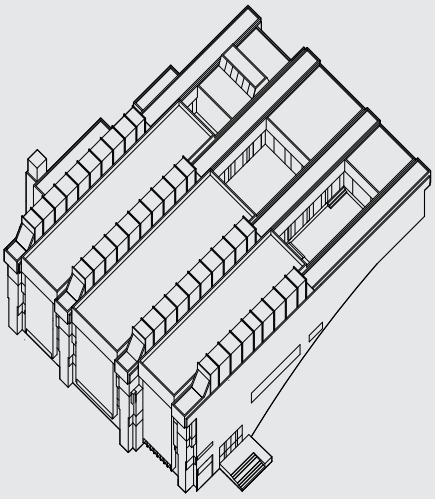
ABSTRACT

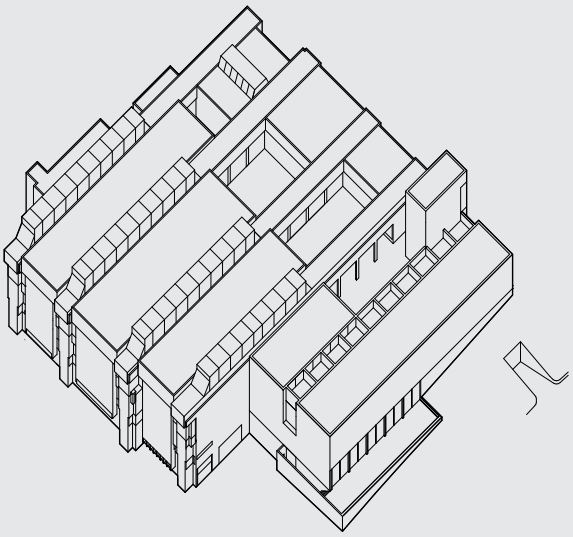
The present work exhibits an investigation regarding the valorisation of a church, a building asleep, in light of the current needs of the parish it serves. A narrative that accompanies the course of a building, from a first draft, to the present moment, exploring a possible future whilst engaging on a project. Beyond the case study, which demands a practical response to a concrete problem, the exercise provides a wider reflection encompassing themes that describe a complex reality, external to the walls of this church – being it the rehabilitation of a recently-arrived modern heritage, the necessary focus on an economy of means during a crisis period, or the search for what may be today, a centre for the life of a Christian community.

RESUMO

Constitui o presente trabalho, a exposição de uma investigação a respeito da valorização de uma igreja, um edifício adormecido, à luz das necessidades actuais da paróquia que serve. Uma narrativa que acompanha o percurso de um edifício, do primeiro esboço, ao momento presente, explorando um possível futuro através do projecto. Para lá do caso prático que se trata, que exige uma resposta a um problema real, o exercício proporciona uma reflexão mais abrangente, em torno dos temas que descrevem uma realidade complexa, exterior aos muros desta igreja – seja a respeito da reabilitação de uma herança moderna recém-chegada, da necessária atenção a uma economia de meios em tempos de crise, ou da procura por o que possa ser hoje, um centro para a vida de uma comunidade cristã.







INDÍCE

Resumo

Nota prévia O11

Breve nota biográfica de Pedro Vieira de Almeida O17

1969 O concurso de esbocetos para a nova igreja paroquial
- lugar, intervenientes, programa O21

Precedentes de uma igreja moderna O25

Desígnios de uma não-envolvente O35

A proposta de Pedro Vieira de Almeida O39

2021 Primeiras impressões O49

Entre o ideal e a sua concretização O55

Um olhar sobre a igreja paroquial -
- dez premissas para um futuro projecto O67

Definição do programa O77

2025 A procura por uma economia de meios O85

Indagações sobre a intervenção em património moderno O91

O futuro imaginado O99

Apontamento final 123

Bibliografia 124

Iconografia 129

Peças desenhadas

[01] igreja paroquial de Olivais Sul.

No rescaldo de um período de profunda renovação da Igreja Católica, após o Concílio Vaticano II (1962-1965), surgia por via de um concurso público, mais propriamente, pela mão do arquitecto Pedro Vieira de Almeida, a igreja paroquial de Olivais Sul, em Lisboa. Igreja que desafiava as fronteiras da sua própria natureza programática compondo além do espaço de culto, uma pequena urbanidade paroquial.

Os dezanove anos que separam o concurso e a inauguração do edifício (1969-1988) revelam, todavia, a dificuldade em fazer cumprir na construção alguns desígnios do projecto. O edifício resultaria inacabado. Num limbo, entre o que propunha o arquitecto, e o que viria a construir-se efectivamente. Na falta dos espaços essenciais para o normal funcionamento da paróquia, as suas actividades realizam-se na Igreja provisória de S. José, anterior à igreja paroquial (1966). Situação que, considerando a fragilidade desta construção temporária e persistente falta dos espaços necessários, exige hoje uma alternativa adequada.

A circunstância económica da paróquia, agravada pela mais recente crise, limita significativamente as opções a explorar. E pela dificuldade acrescida que representa à partida, a complexa recuperação da igreja paroquial, reúnem-se antes os esforços da comunidade para a construção de um novo templo, no lugar da actual igreja de S. José. O trabalho convida a uma indagação alternativa – **de que ferramentas dispomos para acordar uma igreja adormecida?**

Pretende-se, portanto, conhecer e dar a conhecer esta forma singular de igreja, tanto pelo que é, como pelo que poderá vir a ser no futuro.

Uma disponibilidade económica reduzida, no contexto de um exercício hipotético, poderia facilmente ser descartada. Considerando, desde início, a possibilidade de vir a apresentar o trabalho à paróquia, tomou-se esta à partida como preocupação central do projecto. Ora, se uma economia de meios - entendida como a gestão dos recursos e gestos no projecto - fará sempre parte do exercício da arquitectura, sobremaneira em Portugal, adquire particular relevância perante a actual conjuntura da paróquia em tempos de crise.

Por outro lado, atendendo ao vasto legado de edifícios construídos no século anterior que, como a igreja paroquial, requerem hoje uma intervenção, o exercício coloca-se no centro de um debate mais alargado, a respeito da reabilitação de uma herança moderna. Se considerarmos que ao longo do

século vinte se contruíram mais edifícios que na soma de todos os séculos precedentes[1], numa óptica de sustentabilidade, prevê-se que reutilizar além dos ícones, os fragmentos imperfeitos dessa herança, venha a ocupar parte significativa da actividade dos arquitectos nas décadas que se seguem[2].

Através do projecto, experimenta-se a dificuldade de trabalhar a partir de uma herança recém-chegada, e a procura por um equilíbrio entre os valores conflituantes que habitualmente caracterizam esta prática. Do balanço sensível entre preservar um sentido de autenticidade, porém, transformando para garantir as condições de conforto de acordo com as exigências actuais; ao exercício de proporcionar durabilidade a materiais ou sistemas que sugerem antes a transitoriedade; à gestão de dois momentos distintos de construção.

Perante uma forma de igreja sem precedentes óbvios, procurou-se saber mais. Terá sido essa curiosidade a ignição da dissertação, mais que a exortação da obra ou o arquitecto que, afinal, por aquela altura, se desconheciam por completo.

A aproximação ao trabalho, captada através de alguns elementos do processo que adiante se mostram, reflecte a pouca consideração pela pré-existência numa fase inicial. Sobretudo, manifesta ingenuidade ao abordar a temática da reabilitação; boa parte certamente se conservará.

No discorrer de uma sucessão de experiências que envolviam a transformação radical do existente, ou planos de demolição pouco criteriosos, tomou-se gradual consciência de uma necessária revisão ao método de que, por hábito, se vinha dispondo no projecto de edifícios “de raiz”. Havia que conhecer melhor o objecto no qual se intervinha, desvelar o seu potencial, e cruzá-lo com uma intenção de futuro, cujos contornos careciam ainda de definição.

Posto isto, além da exposição de uma investigação a respeito da obra, e do modo como poderá evoluir no futuro, pode esperar-se o sumário de uma investigação a respeito do próprio método, e da forma de o comunicar, dentro dos moldes expectáveis da dissertação.

Julgou-se até uma fase adiantada do trabalho, tratar-se este de uma decomposição do processo de projecto, explorando a complexidade que

1 Jonge, Wessel de. [co-fundador da Docomomo] em Delft Lectures on Architectural Design. Delft: TU Delft Open, 2018, p. 315

2 Ibid. p. 330

sempre lhe é inerente. Contudo, e sem que disso se tivesse particular consciência até determinado momento, trabalhava-se em sentido diametralmente oposto. Um processo, atribulado, não-linear, hesitante de quando em quando, por oposição, estruturou-se firme e linearmente a partir de uma selecção de momentos-chave. Esta revelou-se a maneira mais eficaz de sistematizar o conhecimento adquirido, comunicá-lo, e, por fim, torná-lo útil para o projecto.

Organiza-se então a dissertação em três partes - 1969, 2021 e 2025 - que acompanham cronologicamente a igreja paroquial de Olivais Sul, da fase de concurso, aos nossos dias, vislumbrando um possível futuro através do projecto.

O primeiro capítulo consiste no estudo do projecto levado a concurso por Pedro Vieira de Almeida em 1969, à luz do tempo e do lugar que o viram surgir. Conhecê-lo permite a leitura de uma lógica que o edifício construído não incorpora com igual clareza. Dialéctica que informa desde logo um futuro projecto.

O segundo capítulo procura compreender o edifício em 2021. Avaliar o potencial que ficou por cumprir entre as expectativas criadas pelo primeiro esboço e a realidade, permite começar a traçar o caminho para a sua possível concretização. Revelam-se as oportunidades de uma futura intervenção e a capacidade desta igreja vir a atender as necessidades da paróquia. Traça-se um novo programa, a partir do existente.

"Thinking by doing"[3] é a expressão vulgarmente utilizada para caracterizar o exercício a que o terceiro capítulo se presta – investigar através do projecto. Cruzando elementos do processo e uma selecção de leituras, começa por dar sinal de duas indagações centrais, decorrentes do exercício. Mais propriamente, a respeito da procura por uma economia de meios, e de uma reflexão suscitada pela intervenção em património moderno. Segue-se a apresentação o projecto - estratégia global para a valorização desta igreja, prevista para 2025. O conjunto de representações finais, acompanhadas por uma memória descritiva alongada, esclarecem a da tomada de decisões que a edificam. Trata-se do culminar de uma investigação que assume, finalmente, a forma de uma solução de projecto.

3 "Conduzir uma investigação, praticando simplesmente o projecto é cada vez mais importante para a arquitectura, e representa um reconhecimento académico por alternativa à produção e consumo de literatura, como modo de penar." - Lucas, Ray. Research Methods for Architecture. London: Laurence King Publishing, 2016, p.8

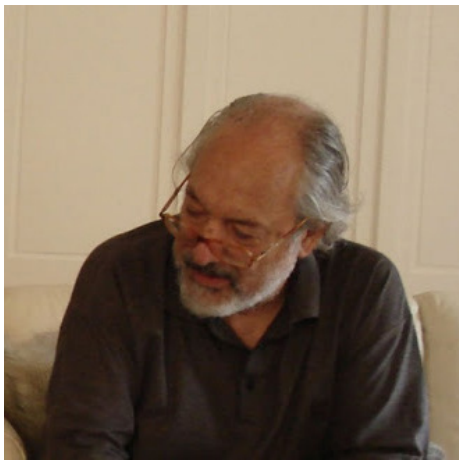
[02] cartaz de almoço de angariação de fundos para a construção de uma nova igreja no lugar da igreja provisória de S. José publicado a 27 de Fevereiro de 2018.

O argumento desenrola-se desde início na perspectiva de quem procura matéria-prima para uma futura intervenção. Assume no entanto uma forma diferente para os diferentes estádios do processo. Num primeiro momento, procurando decifrar o contexto histórico, espacial e intelectual que vê surgir esta igreja, socorre-se dos autores dedicados justamente a esses tópicos, e desenvolve-se substancialmente a partir das suas considerações. Em fase posterior, para o estudo do edifício e preparação do projecto, o conhecimento empírico torna-se a principal fonte de informação, convocando-se livremente uma pluralidade de autores que acompanharam o processo, incidindo directamente sobre o tema da reabilitação, ou, genericamente, influenciando uma orientação teórica. Por fim, a descrição da solução de projecto assume uma autoridade própria, sustentada todavia pela linha de raciocínio que a precedeu.

Invariavelmente ao longo do trabalho, as figuras, frequentemente associadas a pequenos apontamentos, complementam a narração que se desenvolve em paralelo. De modo a evitar a excessiva repetição das legendas, optou-se por designar as fotografias do autor apenas com a descrição do conteúdo. Podem ainda ser consultadas na íntegra as peças desenhadas num volume à parte, que informam mais aprofundadamente a leitura da dissertação - desenhos do existente, vermelhos e amarelos, elementos de representação do projecto, bem como os painéis de apresentação.

Acompanhar o percurso desta igreja, como se de uma entidade se tratasse, de um primeiro esboço, a um futuro imaginado, levar-nos-á a redescobrir as qualidades originais do projecto que pretendemos preservar. Contudo, será também ocasião de investigar os mecanismos de transformação necessários, que possam salvaguardar a sua maior capacidade de resposta face às exigências actuais.

Na origem desta dissertação, uma igreja que vem progressivamente caindo em desuso. No final, espera-se, uma investigação que sublinhe o seu maior potencial, desvelando para si um futuro possível.

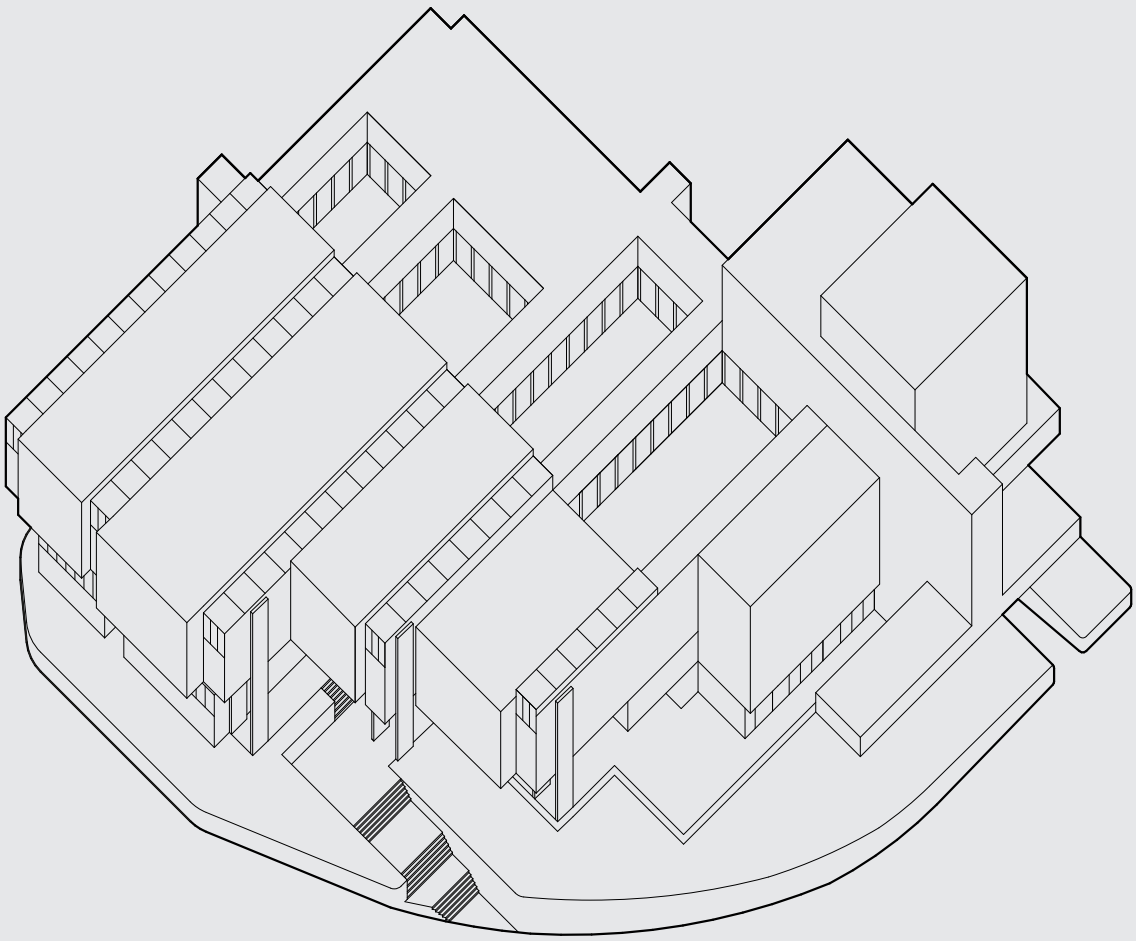


[03] Pedro Vieira de Almeida.

A nota biográfica que se apresenta, baseia-se no texto de Ana Tostões, publicado pela Ordem dos Arquitectos, por ocasião da morte de Pedro Vieira de Almeida. No âmbito do trabalho, optou-se por resumir esta biografia aos seus traços essenciais.

BREVE NOTA BIOGRÁFICA

Pedro Vieira de Almeida (1933-2011), formado na Escola Superior de Belas Artes do Porto (1964), exerceu a sua actividade entre Portugal, Cabo Verde e Moçambique. No final da década de cinquenta integrou o atelier de Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas, onde colaborou em diversos projectos, entre os quais se destaca a igreja do Sagrado Coração de Jesus em Lisboa (1962). Também na capital, **venceu o concurso para a igreja paroquial de Olivais Sul (1970-88)**, iniciou o plano morfológico da Avenida da Liberdade (1972), o plano de Telheiras-EPUL (1973-1974) e elaborou o projecto para a igreja da Brandoa (1986-89). Obteve ainda o primeiro prémio no Concurso Internacional para a Urbanização de Vilamoura (1981). Desenvolveu em paralelo uma extensa actividade enquanto teórico, crítico e historiador de arquitectura, com vasta obra publicada, marcando profundamente o debate arquitectónico a partir dos anos 60. Na década de 80, tornou-se professor de teoria da arquitectura na Escola Superior Artística do Porto e investigador do Centro de Estudos Arnaldo Araújo, o qual dirigiu até à data do seu falecimento.

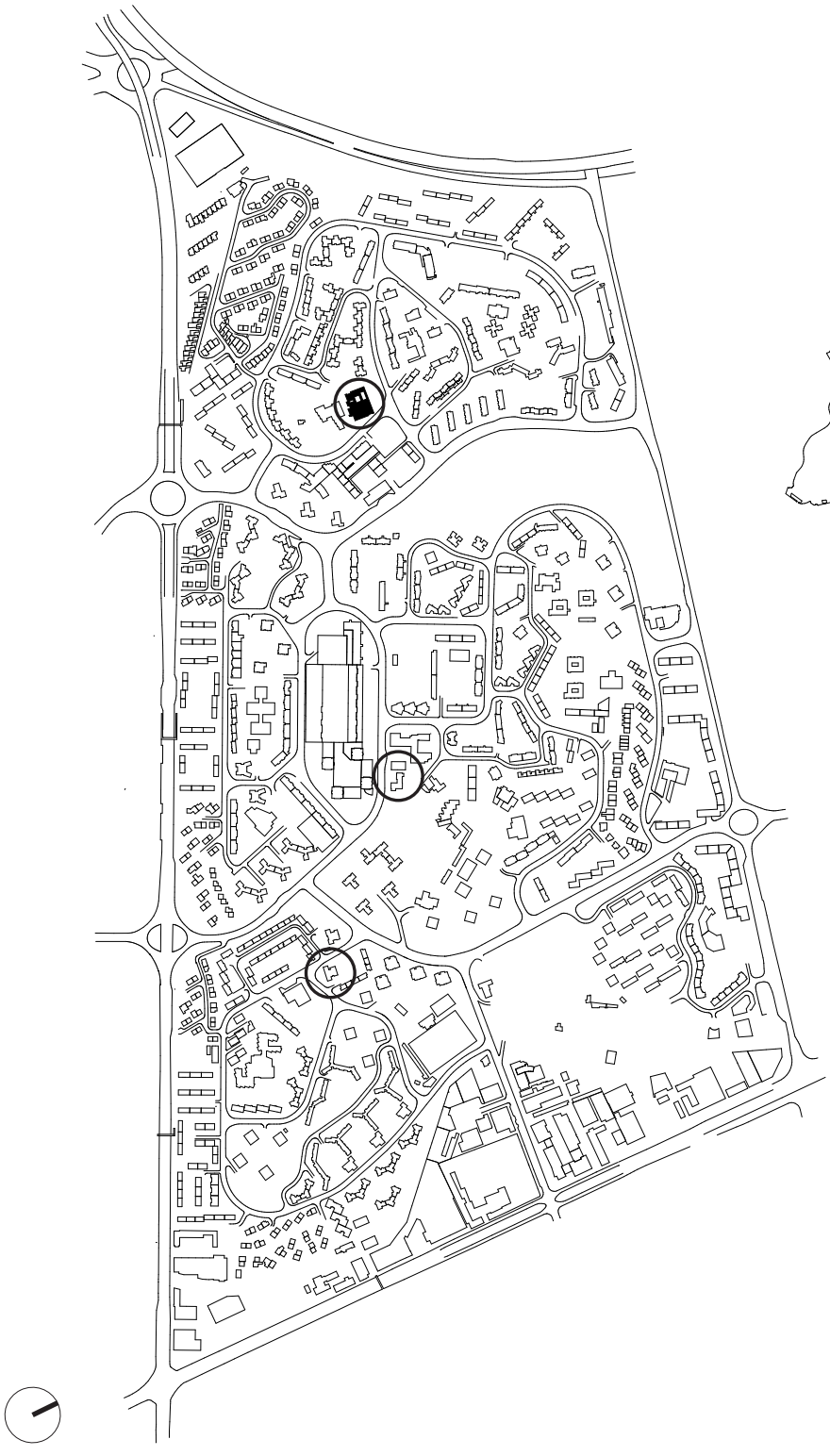


1969

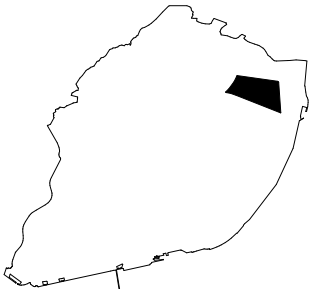
Sem que nos afastemos do edifício, fonte primária desta indagação, importa começar por contextualizá-lo no espaço e no tempo, para melhor compreender as ideias estruturantes da solução, bem como o ambiente que as terá despoletado.

Recuar à data do concurso que lhe precedeu, introduz-nos num universo que se estende além-fronteiras, de inesgotáveis reflexões e projectos que descrevem a pluralidade da arquitectura religiosa ao longo do século XX. Uma vez que no âmbito do presente trabalho, tal investigação se limita a informar o caso de estudo, propomo-nos à difícil tarefa de captar em síntese, o contexto complexo que informou esta forma de igreja peculiar, compreendido e apresentado segundo duas vertentes – por um lado, coincidindo com um período de profundas transformações na Igreja Católica, que abria novas possibilidades para a arquitectura dos edifícios de culto; por outro, condicionado pela urbanidade particular de Olivais Sul.

Partimos de seguida para o estudo do esboceto apresentado por Pedro Vieira de Almeida, revisitando algumas das intenções que ficariam por concretizar na construção. Sempre na espectativa de que dele possamos retirar apontamentos úteis para um futuro projecto.



[04] mapa esquemátic de Lisboa, Olivais Sul assinalado



[05] desenho do autor, plano para Olivais Sul (1961), José Rafael Botelho e Celestino de Castro. acima assinalada, a localização da actual igreja, na célula B; ao centro, a localização da igreja provisória de S.José, na célula G; a baixo, lugar alternativo previsto para a instalação de um equipamento religioso, na céluca C.

CONCURSO DE ESBOCETOS PARA A NOVA IGREJA PAROQUIAL
LUGAR, INTERVENIENTES, PROGRAMA

A criação da paróquia de Olivais Sul (1967), para uma área de expansão urbana nos arredores de Lisboa, justificou a edificação de uma nova igreja, que desde logo estaria prevista no plano urbanístico de Rafael Botelho e Celestino Castro (1961), a par de outros dois edifícios de culto.

À medida que se instalavam os primeiros moradores em Olivais Sul, os equipamentos colectivos como as igrejas, assumiram um papel fundamental como lugar de encontro, propiciando a integração social de uma população heterogénea. Nesse sentido, à semelhança das "new towns" inglesas, um centro cívico, pensado como praça pública e rua pedonal, dispondo de um conjunto diversificado de equipamentos, ocuparia no bairro uma posição central, na célula G. Ainda que se tenha destinado o centro paroquial para este lugar, instalando-se ali uma capela provisória (1966), "os sucessivos atrasos, revisões ao plano, cedências e trocas de terreno que permitiram [no centro cívico] a desenfreada construção de escritórios, de um centro comercial [e] de blocos de habitação"[4], empurraram a construção da nova igreja para um centro cívico secundário, na célula B.

Em 1969 lançou-se então o concurso para a igreja paroquial, em parceria com o Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado (SNIP). Participaram por convite cinco arquitectos familiarizados com a encomenda religiosa: Fernando Marques da Fonseca; Filipe Mário Lopes; Germano Venade; Manuel Vicente; e Pedro Vieira de Almeida.

O júri reuniu, além de quatro membros da Comissão da Fábrica da Igreja, outros três representantes do Patriarcado, protagonistas do debate gerado em torno da renovação da arte religiosa: o pe. Albino Cleto, da Comissão Diocesana de Arte Sacra, Diogo Lino Pimental (do SNIP) e José Maya Santos, arquitectos e antigos membros do Movimento de Renovação da Arte Religiosa. O colectivo reconhecia as "inúmeras interrogações [à data] postas a nível pastoral, urbanístico, sociológico e arquitectónico ao programa de igreja-paroquial" [5] e anunciava-se unânime na "recusa de quaisquer fórmulas-chave no conceber e projectar de igrejas"[6].

4 Marques, João Luís. "A Igreja Na Cidade, Serviço E Acolhimento: Arquitectura Portuguesa 1950 1975. Porto." FAUP, 2017, p. 451

5 Maurício, Luís et al. Relatório Do Júri - Concurso De Esbocetos Para a Nova Igreja De Olivais Sul. Lisboa, 1970, p.3

6 Ibid. Loc. cit.

[06] terreno designado para a construção da igreja paroquial de Olivais Sul na célula B, à data ocupado por um armazém, (1966) Augusto de Jesus Fernandes.

Pedia-se uma igreja de 500 lugares sentados, 500 lugares de pé, e os espaços de reunião característicos, num enunciado que pouco diferia das orientações gerais para a construção de novas igrejas, consubstanciadas no programa-base do SNIP. Dirá João Luís Marques que "[m]ais do que um programa de igreja inovador, o concurso dos Olivais [se destacou] pelos pressupostos em que assentava"[7]. Isto é, pela declarada abertura a um esforço de reinvenção e ao contributo dos arquitectos para a própria reformulação do programa, encarado ele mesmo, como exercício de reflexão.

"Entendendo-se que um programa de construção não deve ser uma simples enumeração de funções e instalações, pretende-se contar com a colaboração do projectista para a sua definição. Programar e projectar não serão acções sucessivas e independentes, mas simples estádios de uma mesma acção não separados por uma fronteira rígida." [8]

Estavam reunidos os ingredientes necessários para um verdadeiro laboratório de experimentação do espaço religioso em Olivais Sul.

7 Marques, João Luís. Op.cit. p. 454

8 Programa De Concurso Esbocetos Igreja De Olivais Sul. Arquivo SNIP. Lisboa, 1969. p. s/n. cit. in. Marques, João Luís. Ibid. p.456

[07] Concílio Vaticano II

"O Concílio Vaticano II (1962-1965), focado nos objectivos de promover a união de todos os cristãos e de alimentar um renovado diálogo com o mundo actual, abre na Igreja uma nova época, caracterizada sobretudo por uma nova dinâmica de procura."

Miranda, Bernardo Pizarro. "Liturgia E Arquitectura. Pensar Um Lugar Para a Liturgia: O Aggiornamento Como Programa?", FAUP, 2014, p.8

"[Houve] maior preocupação no detectar de propostas de "reinvenção" do programa-igreja, mais do que numa análise de referência a modelos pré-estabelecidos. Aceitavam-se assim os riscos de preferir a potencialidade revelada, à segurança da imagem experimentada e reconhecida." [9]

A predisposição experimental do júri, ao prejuízo da "segurança da imagem experimentada e reconhecida", situa o concurso no contexto de uma profunda reflexão sobre a natureza e forma da liturgia, que vinha lançando novos desafios à arquitectura desde o final do século XIX.[10]

Perante a realidade de um mundo em mudança e a crescente secularização da sociedade, iniciava-se como noutros períodos da história, um processo de "aggiornamento", isto é, de (re)actualização da Igreja, que procurava regressar à função original da liturgia cristã. O entendimento do edifício de culto como monumento, dava assim lugar à imagem domiciliária, de encontro íntimo com Deus, mas também, com a própria comunidade. Tal reflexão desenrolar-se-á nas primeiras décadas do século XX, preparando o caminho, revigorado no Concílio Vaticano II (1962-65), para uma alteração de paradigma na construção dos edifícios de culto católicos[11].

Bernardo Miranda, em - "Liturgia e arquitectura: pensar um lugar para a liturgia: o aggiornamento como programa?" - sistematiza a partir de quatro pontos as consequências deste processo para a arquitectura. Interessa aqui recuperá-los, por permitirem decifrar com maior clareza as diferentes preocupações com as quais se deparavam arquitectos e jurados por ocasião do concurso em Olivais Sul:

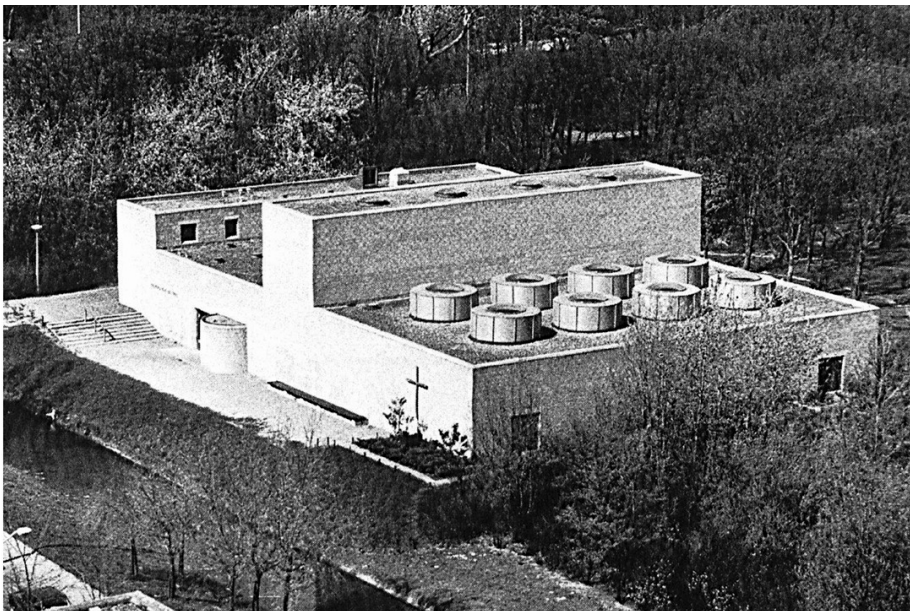
"(i) um novo entendimento do edifício cultual, enquanto expressão de uma liturgia edificada, acompanhando a "passagem de uma piedade privada vivida em comum" para uma comunhão experiencial da fé;

(ii) a associação à arquitectura moderna, num tempo histórico marcado pela emergência de uma nova forma de entender o espaço, a forma e os meios de construção, diferenciado no entanto da adesão acrítica à ortodoxia do "estilo internacional";

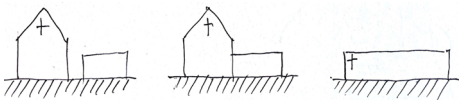
9 Maurício, Luís et al. Op. cit. Loc. cit

10 Miranda, Bernardo Pizarro. "Liturgia E Arquitectura. Pensar Um Lugar Para a Liturgia: O Aggiornamento Como Programa?", FAUP, 2014, p.8

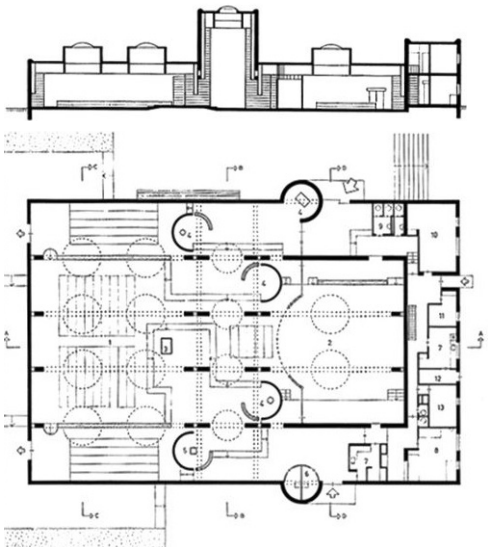
11 Ibid. Introdução XIX



[08] igreja Pastoor van Ars, (Haia,1969) Aldo Van Eyck , exemplo de integração de igreja e programa paroquial num único volume.



[09] desenho do autor, rês modelos utilizados para integração do programa paroquial ao longo do século XX: em corpo separado da igreja; em corpo anexo mas visívelmente distinto; como conjunto único.



[10] igreja Pastoor van Ars, corte longitudinal e planta, à esquerda o espaço da igreja; ao centro um espaço alto de deambulação entre capelas circulares; à direira zona de convívio e serviços paroquiais.

(iii) a procura e adopção de novas soluções espaciais, que viabilizassem a participação activa de todos, nas várias acções litúrgicas (baptismo, celebração da ceia, celebração da palavra, matrimónio, reconciliação, etc.);

(iv) a procura de modelos de planta alternativos à igreja de orientação axial-longitudinal, procurando o espaço unitário e desimpedido, polarizado no altar, entendido então, como imagem simbólica de Cristo."[12]

Em ambos, primeiro e terceiro pontos, o autor refere-se à necessidade de acomodar a passagem de uma fé individual, à experiência da fé vivida em comunidade, ao encontro da experiência dos primeiros cristãos. Na prática, aquilo que se pretendia alcançar no programa de igreja-paroquial. Como aliás se estabelecia no programa-base do SNIP, deveria associar-se à "igreja-templo (…) para celebrações litúrgicas ou actos de culto em forma comunitária ou privada", o "centro paroquial [onde] essa mesmo comunidade toma consciência da sua própria existência como comunidade cristã."[13]

No segundo ponto, diferenciando a "adesão acrítica à ortodoxia do estilo internacional", o autor refere-se à "associação à arquitectura moderna", isto é, ao recurso das novas técnicas construtivas, significando igualmente, a adesão a uma nova linguagem.

O regresso à originalidade cristã inspirava um sentido de austeridade e despojamento, por oposição ao ornamento exuberante, algo a que se adequavam as novas expressões artísticas. No entanto, como constava no programa-base do SNIP, o desejo de "uma igreja pobre, no sentido evangélico do termo, [excluía] qualquer aspecto de indigência"[14]. Logo, sem esquecer o carácter festivo da liturgia, o desafio passaria por acomodá-lo fazendo uso dos novos métodos, "evitando as falsidades construtivas", e tendo em vista uma maior economia de meios.

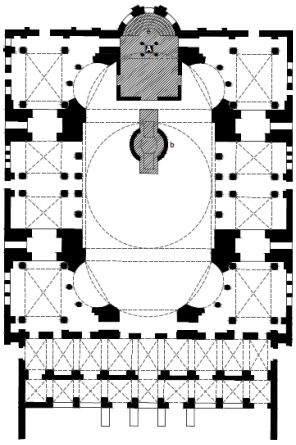
Finalmente, no quarto ponto, o autor remete-nos para a indagação por alternativas ao modelo axial-longitudinal, motivada pela pluralidade com que, nos primeiros tempos do cristianismo, a basílica romana adquiriu diferentes expressões da acção litúrgica adaptando-se a lugares e culturas – "conhecimento desvelado por um processo prolongado de investigação,

12 Ibid. pp.122, 123

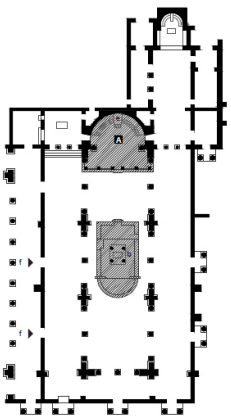
13 [SNIP], Programa de construção de novas igrejas, Boletim de Informação Pastoral, nº46-47, (Abr.-Jun.1966), pp.25-38. - consultado integralmente em - Marques, João Luís. "A Igreja Na Cidade, Serviço E Acolhimento: Arquitectura Portuguesa 1950 1975". Porto: FAUP, 2017, pp.710-713

14 Ibid. Loc.cit

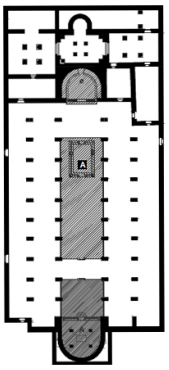
plantas demonstrativas da pluralismo do espaço litúrgico nos primeiros tempos do cristianismo, Bernardo Miranda.



[11] basílica de S. Sofia (Istambul, Turquia, séc. ano 523-37), ambão avança ralativamente ao altar.



[12] basílica de Santa Cruz (Resafa, Síria, ano 431), ambão ocupa o centro da nave.



[13] basílica de Sbeitla (Sbeitla, Tunísia, séc. VI), altar ocupa o centro da nave.

[14] igreja de Santo António (Moscavide, 1956), João de Almeida e António Freitas Leal.

[15] igreja de S. João de Deus (Lisboa, 1953), António Lino.

[16] igreja de N.S. Fátima (Lisboa, 1938), Porfírio Pardal Monteiro.

que contribui[u] para um novo entendimento da importância da estruturação arquitectónica do espaço litúrgico no século XX."[15] (ver fig.11,12,13)

Apoiando-se nos escritos de Louis Bouyer, teólogo e pensador incontornável do período de renovação da Igreja ao longo do século XX, Bernardo Miranda explica-nos ainda como a disposição "face ao povo", tornada célebre em São Pedro de Roma, validada certamente pela longa prática dos papas estará todavia historicamente associada à passagem de uma celebração participada comum, ao "culto colectivo por uma celebração clerical"[16]. À data do concurso, a desmistificação do modelo que tinha sido cristalizado, motivava a investigação por novos espaços – unitários, desimpedidos e polarizados no altar – numa tentativa de voltar a envolver a assembleia na acção litúrgica.

Dos pontos que se consideraram até agora, sobressaem então uma série de dicotomias - um lugar de intimidade, porém, de encontro para a comunidade; uma presença discreta, porém, dignificante; ou, um sentido de pobreza, porém, de carácter festivo - pólos entre os quais se movia o debate e a prática pluralista da arquitectura religiosa ao longo do século XX.

No contexto português em particular, obras como a Igreja de Nossa Senhora de Fátima de Pardal Monteiro (1938), ou a Igreja de Santo António de João de Almeida e António Freitas Leal (1956), anteciparam o debate produzido pelo Movimento de Renovação da Arte Religiosa (MRAR, 1952-69), mostrando-se permeáveis às mais recentes manifestações culturais.

António Lino por seu lado, embora renunciasse tais tendências expressivas, integrava na Igreja de S. João de Deus (1953), para além do espaço de culto, um programa social vasto, coerente nesse sentido com espírito de "aggiornamento".

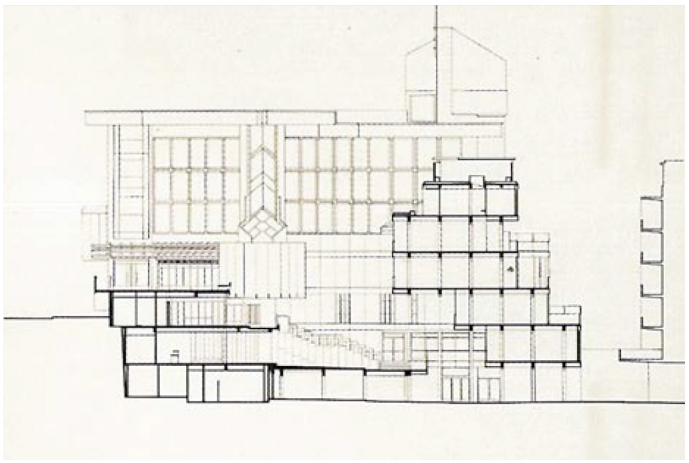
Contrariando os modelos conservadores que à data se via surgir nos centros urbanos de Lisboa e Porto, o MRAR "[empenhou-se] em elevar a arquitectura religiosa e arte sacra em Portugal a uma maior dignidade e qualidade plástica"[17], encontrando expressão evidente na Igreja do Sagrado Coração de Jesus em Lisboa (1962-72), da autoria de Nuno Portas e Nuno Teotónio Pereira, com a colaboração de Pedro Vieira de Almeida.

15 Miranda, Bernardo. Op.cit. p.15

16 Bouyer, Louis "Architecture et liturgie", p. 54. cit.in Ibid. p.20

17 Alves da Cunha, João, "Mrar - Movimento De Renovação Da Arte Religiosa."https://www.snpcultura.org/obs_13_movimento_renovacao_arte_religiosa.html, acedido a 18.12.2020.

[17] igreja do Sagrado Coração de Jesus (Lisboa, 1962-72), Nuno Portas e Nuno Teotónio Pereira.



[18] igreja do Sagrado Coração de Jesus, corte por escada exterior

Na medida em que se integrou um complexo programa social aberto à cidade; se fez uso das novas técnicas construtivas; se desenhou com liberdade o espaço interior da igreja; ou se inseriu urbanisticamente todo o conjunto convidando ao atravessamento entre-ruas através de uma escada central a céu aberto - a igreja do Sagrado Coração de Jesus reflecte os preceitos espaciais debatidos no Concílio Vaticano II na década de sessenta, que em Portugal se iam manifestando na arquitectura, nunca porém com tanta assertividade.

Ainda a respeito desta obra, recordaria Nuno Portas o modo como se encarou o programa numa fase inicial do projecto, que encontraria clara ressonância nas premissas do concurso de esbocetos.

"Na fase em que concorremos à Igreja do Sagrado Coração de Jesus, o programa discutiu-se muito – era como a preparação de um manifesto (…) Eles viam, criticavam ou apoiavam, aprofundava-se o programa em face do que se desenhava (…) o que quer dizer que o programa era central mas não anterior ao desenho: era paralelo, era interactivo."[18].

Compreende-se então como, entre outras experiências que a precederam, a igreja do Sagrado Coração de Jesus tenha preparado o caminho para convocatórias a uma investigação livre em torno do programa "igreja-paroquial", como é caso o concurso para a igreja paroquial de Olivais Sul.

A oportunidade de "reinvenção" de um programa milenar revelou-se, afinal, enquadrada num esforço mais alargado, comprometido no sentido de uma Igreja mais dialogante com a sociedade, que encontrava alento nas raízes do cristianismo. A essência da "ecclesia" primitiva, sinónimo de assembleia para os primeiros cristãos, e não de edifício como mais tarde viria a conotar-se, informava assim, na dupla acepção da expressão, a construção de uma igreja moderna.

18 Nuno Portas, "Sobre o Método e os Significados no Atelier Nuno Teotónio Pereira". Cit. in. Pathé, Maria. "Imaginar as experiências dos outros: o centro social da quinta da saúde", FAUP, 2019. Dissertação de Mestrado

contexto português

Montijo, Portugal
Capela de Pegões
Eugénio Correia

1952

Lisboa, Portugal
Criação do MRAR
V.A.

1953

Funchal, Madeira, Portugal
Capela-ossário
João de Almeida

1956

Lisboa, Portugal
Criação do SNIP
V.A.

1961

Lisboa, Portugal
Ig. Nossa Senhora de Fátima
Pardal Monteiro

1938

Lisboa, Portugal
Ig. do Santo Condestável
Vasco Regaleira

1951

Lisboa, Portugal
Ig. de São João de Deus
António Lino

1953

Moscavide, Portugal
Ig. de Santo António
J. de Almeida e A. F. Leal

1956

Miranda do Douro, Portugal
Capela do Picote
Manuel Nunes de Aleida

1958

Pedro Vieira de Almeida

ESBAP, Porto, Portugal
CODA
Pedro Vieira de Almeida

1964

Aachen, Alemanha
Ig. do Corpo de Deus
Rudolf Schwarz

1929

Nordeney, Alemanha
Igreja de Stella Maris
Dominikus Böhm

1931

Boust, França
Ig. celeiro (Scheunenkirche)
Emil Steffan

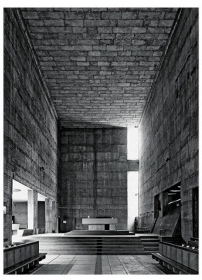
1943

Ronchamp, França
Notre Dame du Haut
Le Corbusier

1955

Düren, Alemanha
Ig. de Santa Ana
Rudolf Schwarz

1956



Éveux, França
Convento S.M. de la Tourette
Le Corbusier

1960

contexto internacional

Colónia, Alemanha
Ig. de Santa Maria in Benden
Emil Steffan

1956

[19] cronologia visual da arquitectura religiosa do século XX, composição do autor

c. português; actividade de Pedro Vieira de Almeida; c. internacional.

PROGRAMA
DE
CONSTRUÇÃO DE
NOVAS IGREJAS

INTRODUÇÃO

Lisboa, Portugal
Programa-base novas. igrejas
SNIP

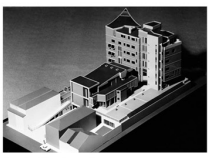
1969

Olivais Sul, Lisboa, Portugal
Capela provisória
SNIP

1966

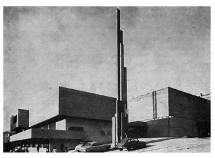
Olivais Sul, Lisboa, Portugal
Concurso ig. (2°prémio)
Manuel Vicente

1969



Porto, Portugal
centro de caridade N.S.P.Socorro
Luíz Cunha

1970

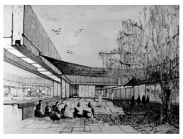


Lisboa, Portugal
centro paroquial da Damaia
Nuno San Payo

1981

Bragança, Portugal
Concurso para a Sé (3° prémio)
Pedro Vieira de Almeida

1964



Olivais Sul, Lisboa, PT
Concurso ig. (1°prémio)
Pedro Vieira de Almeida

1969

Lisboa, Potugal
Ig. do Sagrado Coração de Jesus
com N. Portas e N. T. Pereira

1972

Salvaterra de Magos,Portugal
Capela - salão
Pedro Vieira de Almeida

1975

Olivais Sul, Lisboa, Portugal
Inauguração da igreja paroquial
Pedro Vieira de Almeida

1988

Brandoa, Lisboa, Portugal
Ig. de S.Teresa do Menino Jesus
Pedro Vieira de Almeida

1989

Inauguração do Concílio Vaticano
II, Papa João XXIII

1962

Vaals, Países Baixos
Ampliação de mosterio
Dom Hans van der Laan

1968

Den Haag, Países Baixos
Ig. Pastoor van Ars
Aldo van Eyck

1969

Aarschot, Bélgica
Igreja de St. Roch
Marc Dessauvage

1968

[20] Olivais Sul em construção, Estúdio Mário Novais.

Entre as seis células que estruturam o plano de Rafael Botelho de Celestino Castro para Olivais Sul, os três lugares determinados à priori para a instalação de equipamentos de culto, obedeciam a uma estratégia de zoneamento funcional, desde logo questionada pelo júri do concurso, uma vez que "não pressupunha outras alternativas, nem pedia complementaridades, como (…) se admite e por vezes se deseja."[19].

A relutância do júri quanto ao modelo urbano de Olivais Sul, mas também dos próprios concorrentes nas respectivas memórias descritivas, dá conta da dificuldade em intervir naquela conjuntura, em particular, no terreno disponível no centro cívico secundário, na célula B.

"Neste esquema não há alternativas possíveis. Não há opções possíveis. Coerentemente portanto, foi reservado um terreno central, vasto, isolado e proeminente. Veio pois a haver uma certa contradição entre o programa, exigindo maleabilidade e abertura à maior capacidade de opções de utilização, e a localização fortemente condicionada pela topografia e envolvência." [20]

No lugar estipulado para a construção da nova igreja paroquial, a topografia acidentada limitava significativamente as opções de projecto. Simultaneamente, a multiplicidade de interpretações das equipas projectistas, comprometia qualquer leitura unitária da envolvente, dificultando, portanto, a integração do novo edifício. Dessa amalgama de gestos independentes que se erguiam faseadamente, resultavam, como descreveria Nuno Portas em 1973:

"zonas que não são mais que conjuntos de blocos sem qualquer percepção de conjunto, zonas que formam quase-quarteirões mais ou menos introvertidos, conjuntos de torres que incapazes de pontuarem o grande conjunto são antes elementos dispersivos porque arbitrariamente variadas, tudo isto nos mais variados figurinos arquitectónicos e construtivos (...)." [21]

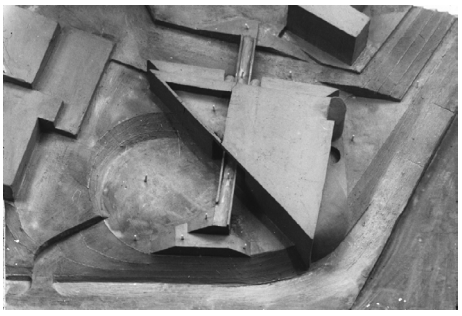
No relatório do júri transparece ainda a ideia de que a clareza de resposta do ponto de vista urbano, determinou, tanto quanto a capacidade de reinvenção, a avaliação das propostas. Nesse sentido, destacar-se-iam dois projectos,

19 Maurício, Luís et al. Op. cot, Loc. cit

20 Ibid. Loc. cit

21 Nuno Portas, "Evolução da arquitectura moderna em Portugal (1973)", pp.208-209. Cit. in. Marques, João Luís. Op cit. p. 457

[21] realojamento de quarenta e cinco familias da avenida de Ceuta para os Olivais Sul e bairro da Boavista (1966) . Armando Maia Serôdio.



[22] maquete da proposta de Manuel Vicente para oconcurso para a nova igreja de Olivais Sul.

nomeadamente, o de Manuel Vicente e de Pedro Vieira de Almeida, que por caminhos díspares, se não totalmente antagónicos, revelaram a mesma apreciação crítica do bairro e, no entendimento do júri, uma maior maturidade de resposta face à envolvente.

Pese embora o júri reconhecesse a lucidez do trabalho de Manuel Vicente, no que diz respeito à presença urbana que propunha, uma "igreja-sinal", como elemento destacado para organizar "o deserto (da não significação)", daria primazia à proposta de Pedro Vieira de Almeida que, como veremos, continha discretamente uma urbanidade própria alternativa ao próprio bairro.

Torna-se portanto evidente, que apesar da liberdade que se proporcionou para a investigação de novas soluções, havia que atender às especificidades de um lugar "(…) longe de estar isento de problemas e frustrações (…) urbanisticamente determinado em contexto conceptual [à data] posto em causa embora não negado"[22].

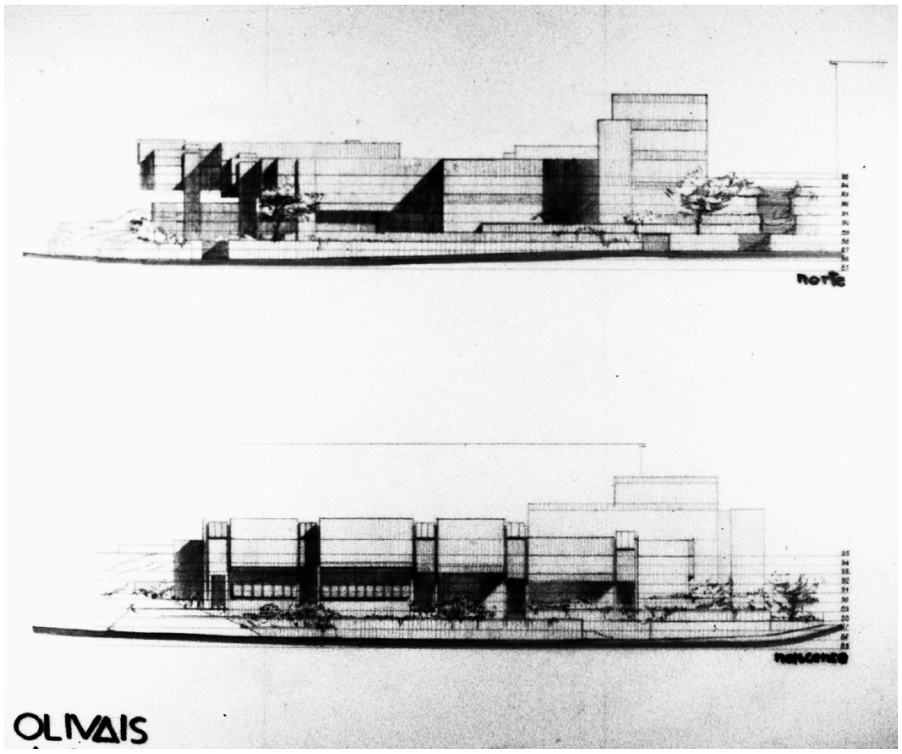
Se as considerações do júri entoam uma crítica clara ao modelo urbano Olivais Sul ainda que o bairro estivesse em construção, demonstram igualmente a pertinência de trabalhar nele, ou a partir dele. Tratava-se afinal, da oportunidade de contribuir para o sentido de identidade de uma população heterogénea, que ali se tinha instalado num curto espaço de tempo.

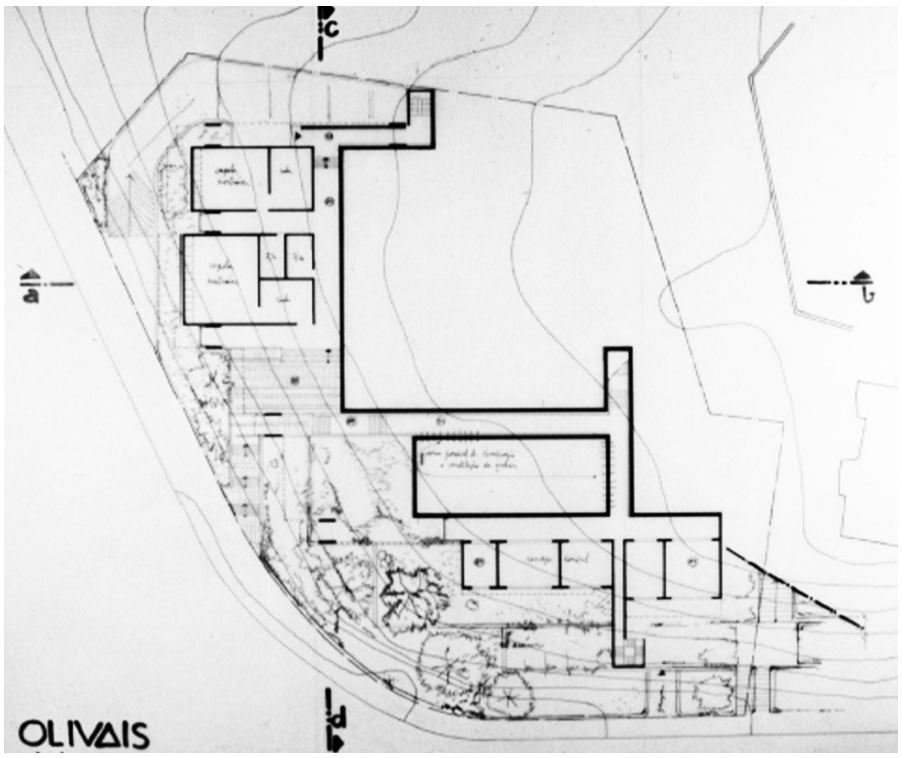
"A arquitectura religiosa moderna participava na criação de um lugar de relação entre pessoas, contribuindo para a imagem e identidade comunitária dos novos aglomerados habitacionais, em particular no território da periferia (…) Da igreja-templo, monumental, passa-se a uma igreja à medida da comunidade que servia – uma igreja de serviço, uma igreja de acolhimento."[23]

A passagem de uma "igreja-templo", a uma "igreja-acolhimento" repercutia-se assim, para lá da arquitectura, à escala do território, como lugar de encontro no contexto anónimo e fragmentado da periferia.

22 Maurício, Luís et al. Op. cit., Loc. cit.

23 Marques, João Luís. Op cit. p. 627





[23] alçados da proposta de Pedro Vieira de Almeida.

[24] planta do piso inferior da proposta de Pedro Vieira de Almeida.

"Na vastidão de um bairro, propõe-se uma microestrutura que, noutra escala, realiza o que esse bairro não tem: carácter urbano. Nasce assim um oásis, isto é, um conjunto de instalações, dificilmente definível como edifício, vivendo por si próprio e por si próprio possibilitando uma maneira de viver. (…) A estrutura que inter-relaciona os espaços ocupados e livres, é a mesma estrutura que se constitui em percursos e circulações interiores, e ainda a mesma que construtivamente suporta o conjunto. A invenção é aqui um sistema e não forma. Sistema aberto conduzindo a uma utilização interiorizada."[24]

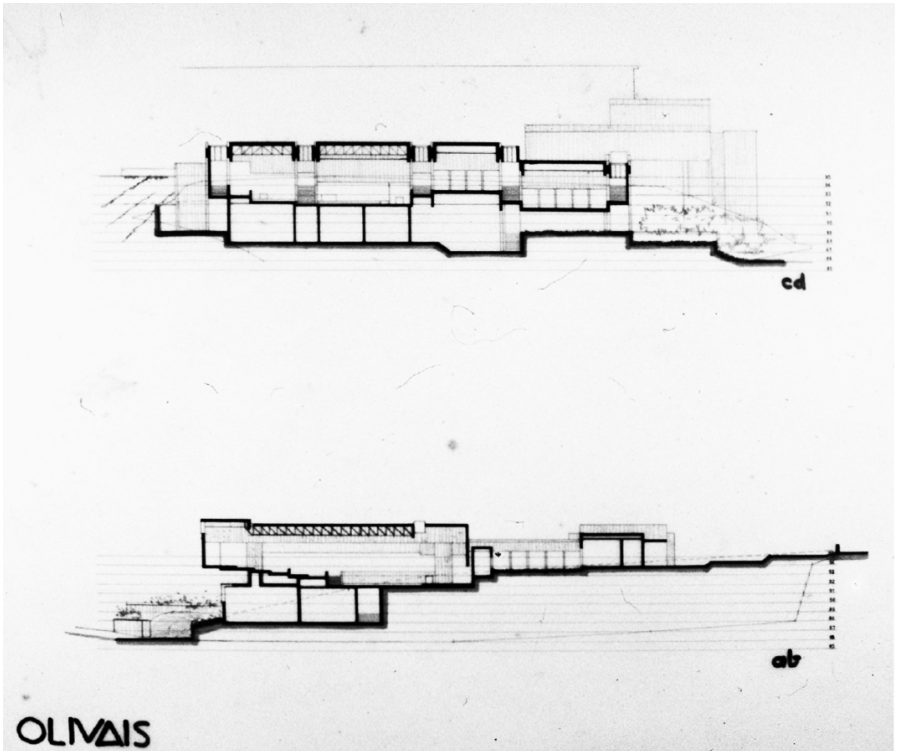
Como nos ilustra este excerto do relatório do júri, a posição crítica face ao modelo urbano de Olivais Sul determinará fundamentalmente a proposta de Pedro Vieira de Almeida. Neste sentido, em vez de propor mais um edifício-objecto entre os demais, com os quais seria difícil dialogar, estipulava um conjunto de regras claro, que estruturavam uma urbanidade própria, que a envolvente não proporcionava. Dificilmente reconhecido como igreja, o conjunto semienterrado não se impunha, mas antes se apresentava num jogo de volumes discreto, proporcionando uma entrada gradual numa realidade alternativa à do bairro – refúgio no caos que a envolvia.

Na memória descritiva que acompanhou o esboceto, Pedro Vieira de Almeida começaria por descrever a solução como "não só uma ideia de igreja, mas também uma ideia de arquitectura", assumindo desde logo a independência da criação espacial ante o programa. Evitava, portanto, vincular estritamente a forma à função, de modo a exponenciar uma liberdade de acções, possibilidades de ocupação interior, bem como futuras alterações conforme a evolução das necessidades – preocupações que conduziram a sua proposta, intitulada: "arquitectura-para-a-apropriação".

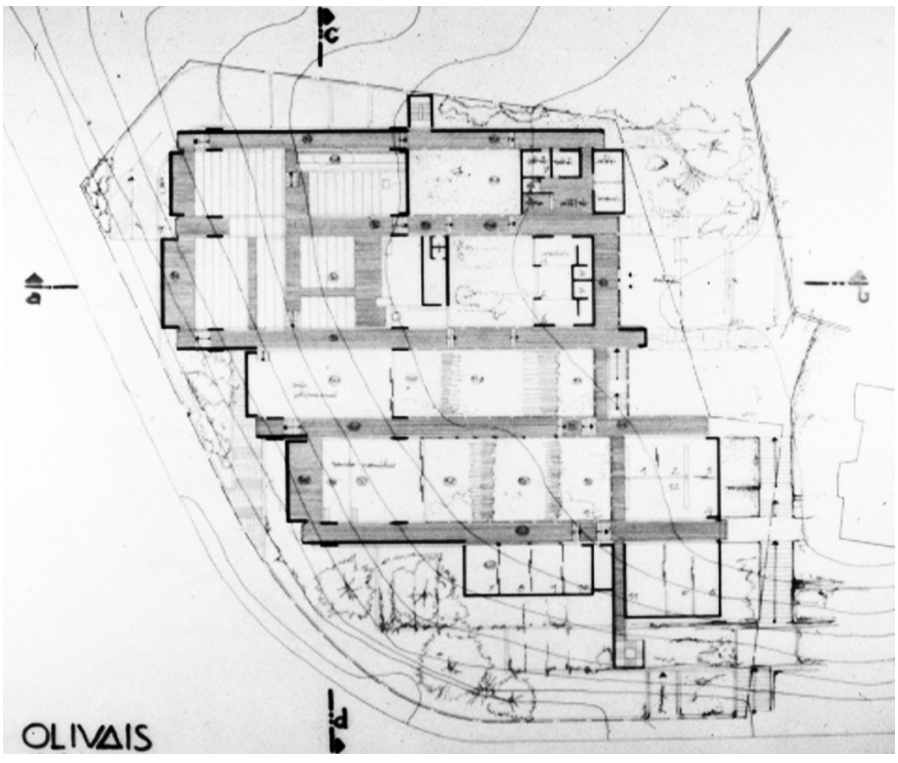
"Dado tratar-se de um concurso de esbocetos para um programa cuja indefinição parece voluntária, no sentido de favorecer o "esforço de reinvenção de soluções actuais", o que se pretende defender nesta solução é não só uma ideia de igreja, mas também uma ideia de arquitectura. Pretende-se, de facto, que uma das condições de modernidade necessárias a uma arquitectura actual [seja] o de se propor como arquitectura-de-apropriação"[25].

24 Maurício, Luís et al. Op. cit., Loc. cit.

25 Vieira de Almeida, Pedro. Memória Descritiva e Justificativa [concurso de esbocetos para a nova Igreja de Olivais-Sul], Arquivo SNIP, 1970. p.1.



[25, 26 e 27] peças desenhadas: cortes, planta do piso superior, esquemas.



legenda de esquemas de maleabilidade:

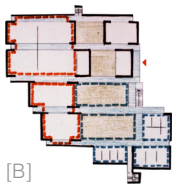
[A] igreja mínimo; sala polifuncional + sala de reunião de grandes assembleias + 2 pátios; núcleos de estudo

[B] igreja mínimo; sala polifuncional + sala de reunião para grandes assembleias; núcleos de estudo; reuniões ao ar livre.

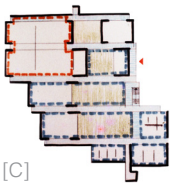
[C] igreja mínimo; grupos simultâneos.

[D] igreja máximo extensão; sala de reunião de grandes assembleias + pátio ; núcleos de estudos.

[A]



[B]



[C]

[D]

Como aliás se reconhecia na avaliação da proposta, mais que uma igreja, propunha-se um sistema, associando ao espaço celebrativo um programa multifacetado de centro-paroquial, perfazendo uma área útil total de aproximadamente 5.000m2. As galerias, como eixos viários, seriam o elemento primário desta urbanidade, articulando transversalmente o conjunto, suportando-o em largas vigas de betão e iluminando-o a partir de clarabóias. Como tal, segundo o arquitecto, estas não poderiam ser tidas "como circulação apenas perdida, mas como espaço-chave, verdadeiramente funcional e estruturador de toda a solução"[26]. Entre as galerias, dispunham-se espaços de permanência para pequenas e grandes assembleias, a diferentes cotas.

O espaço da igreja encontra lugar no sistema, sem que lhe seja atribuído particular destaque. Tratando-se, naturalmente, do núcleo com maior área, corresponde sensivelmente a vinte por cento área do total do conjunto. Ao ali chegar, os largos corredores dilatavam-se numa assembleia a diferentes cotas, promovendo o encontro informal, acentuado pela ausência de uma axialidade clara, privilegiando um sentido mais íntimo de comunidade que, segundo o arquitecto, proporcionaria "um ambiente que [daria] uma sensação de segurança, mas sem austeridade".[27] Numa posição sobrelevada em relação à igreja, uma sala polivalente poderia funcionar como extensão da mesma, autonomamente, ou ainda, associada a uma sala de reuniões para grandes assembleias no extremo oposto.

Herman Hertzberger, arquitecto holandês contemporâneo de Pedro Vieira de Almeida, viria a expressar a predilecção por um tipo de abordagem análoga, compondo, provavelmente sem que disso tivesse consciência, um fiel retrato às convicções que conduziram a proposta do arquitecto português em 1969.

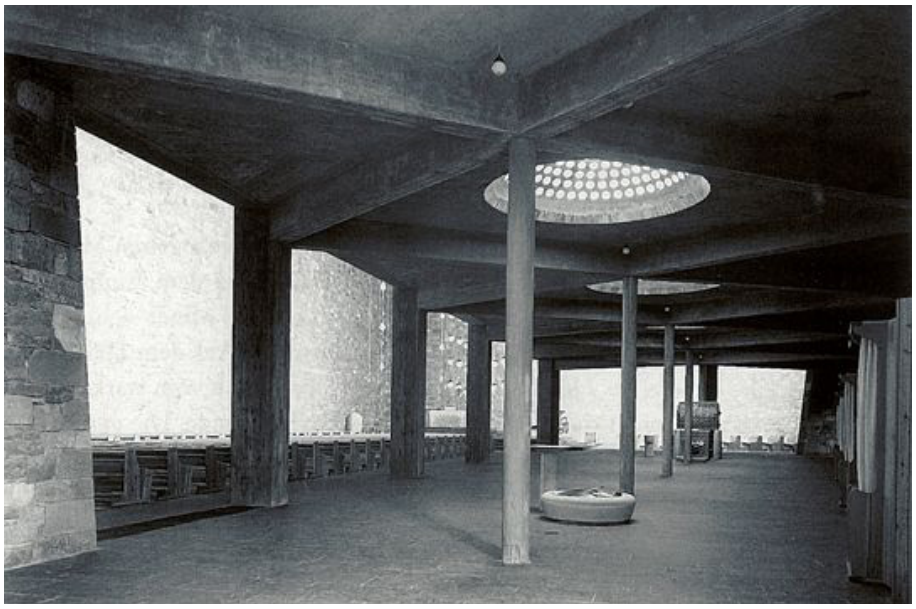
"Os únicos edifícios na condição de responder a mudanças de ordem social, são os que se organizam segundo uma linha urbanística, por outras palavras, dispondo como uma cidade, de uma estrutura principal de ruas e praças como fio condutor, não afectada na sua essência, por quaisquer alterações de uso. Para todos os edifícios, o que importa é que sejam equipados por uma boa estrutura de acessos, para que todas as divisões sejam entre elas cozidas num 'esqueleto' espacial elementar, abrangendo todo o edifício."[28]

As razões evocadas pelo júri para justificar a escolha da proposta de Vieira de Almeida, focaram-se sobretudo na maleabilidade da solução, isto é,

26 Ibid. p.2

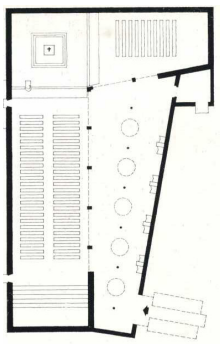
27 Ibid. Loc.cit.

28 Hertzberger, Herman. Articulations. Munique: Prestel publishing, 2002, p. 119



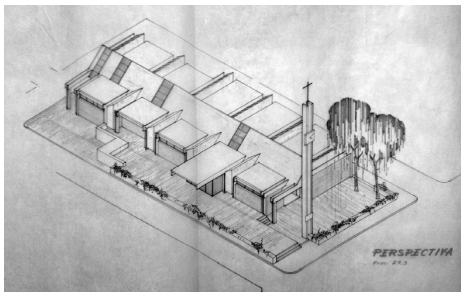
[28] igreja de Santa Ana, (Duren,1956), Rudolf Schwarz
"peça fundamental da nossa época (...) É efectivamente aqui que me parece poder ler uma declarada intensão de favorecer o tradicional e então perdido "deambular" dentro da Igreja, numa situação que voluntariamente se pretende ambígua em relação à presença do altar."

Pedro Vieira de Almeida, "O espaço perdido e outros textos críticos", p.38



[29] igreja de Santa Ana, planta

[30] igreja Pastoor van Ars, (Haia,1969) Aldo Van Eyck , espaço de deambulação.



[31] axonometria de capelas-salão (Marinhais, 1969-75), Pedro Vieira de Almeida

na sua capacidade de vir a acomodar eventuais alterações de uso. Esta compunha, no seu entender, "a melhor resposta a um programa cheio de interrogações"[29].

Para o efeito, e convocando nitidamente a experiência do anteprojecto para a capela-salão de Marinhais onde explorou um esquema polivalente semelhante [30], o arquitecto empregava "uma estruturação firme que admitindo alterações e aumentos futuros, simultaneamente e desde [logo] os [disciplinava]"[31], favorecendo uma construção faseada, que inclusivamente estaria prevista na estimativa orçamental. Simultaneamente, e como ilustram os esquemas que acompanharam a proposta, possibilitava múltiplas associações entre os espaços com recurso a dispositivos móveis.

Para lá das transformações físicas que se previam no sentido de acomodar futuras possibilidades de uso, na perspectiva do arquitecto, a resiliência do edifício dependeria igualmente da capacidade inerente ao próprio espaço de estimular uma liberdade de acção - algo que exigia, na prática, o emprego de uma superfície que ultrapassaria generosamente a área determinada pelo conteúdo programático – noção que vulgarmente apelidava de espaço perdido, e que vinha ocupando as suas reflexões desde o início da década de sessenta.

"Se hoje creio convir ultrapassar o sentido estritamente "funcionalista" até nas próprias habitações económicas, se devemos encarar como situação válida, o estar ou não estar, desta ou daquela maneira, se creio que devemos valorizar um sentido aleatório do estar e do viver, parece-me ser efectivamente nos programas de equipamento urbano que se pode pedagogicamente (e economicamente também) propor de novo o uso de um espaço liberto e se quisermos ambiguamente nas acções que autoriza (…) Assim, embora com bases limitadas parece-me poder concluir que a existência de espaços neutros não "funcionais" (mas psicologicamente controlados) pode ser hoje uma das propostas necessárias a fazer crítica e operacionalmente." [32]

Em Olivais Sul Pedro Vieira de Almeida recuperava esta ideia, que associava à própria tradição da Igreja, reconhecendo-a nos habituais itinerários de deambulação[33]. No esboceto levado a concurso, vemo-la reinterpretada nos

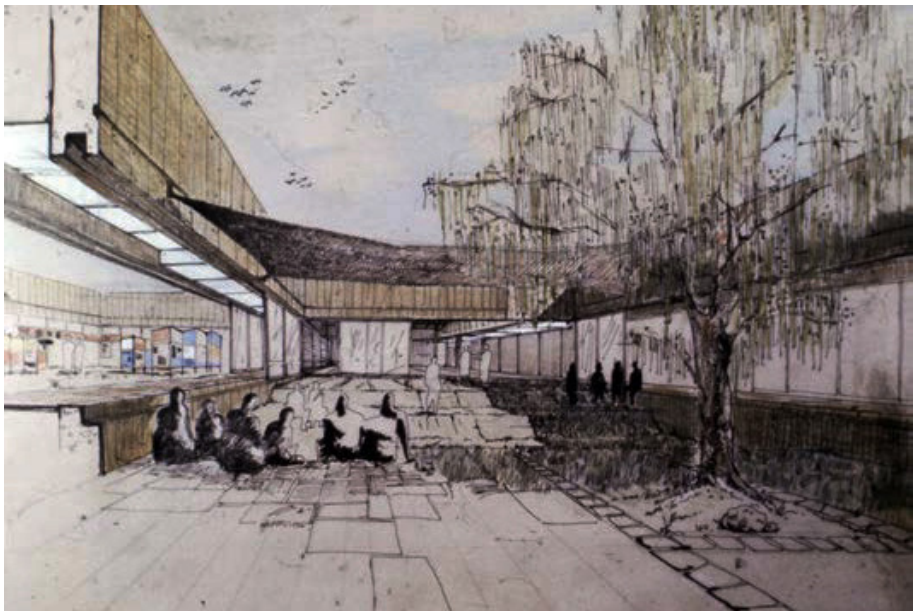
29 Maurício, Luís et al. Op.cit. p.9

30 Marques, João Luís. Op.cit. p. 473

31 Vieira de Almeida, Pedro. Op. cit. loc. cit.

32 Vieira de Almeida, Pedro. O Espaço Perdido E Outros Textos Críticos. Porto: Centro de Estudos Arnaldo Araújo, 2018, p.38

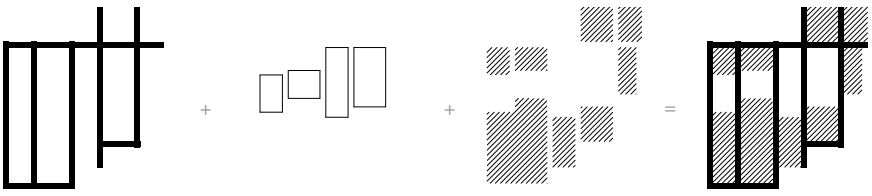
33 Ibid. p.35



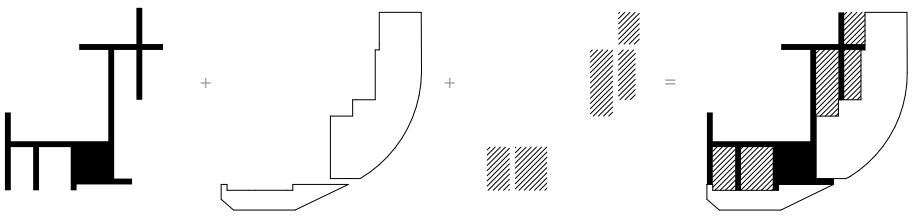
[32] representação de pátio exterior da igreja paroquial conforme o esboceto, Pedro Vieira de Almeida.

[33] esquema de composição da igreja paroquial: circulação (ruas) + espaços exteriores. (praças) + núcleos de permanência (quarteirões) = pequena cidade, desenho do autor.

piso superior



piso inferior



pátios, em espaços intermédios entre interior-exterior criados nas galerias quando abertas, ou numa circulação dilatada, que em determinados momentos sugere a permanência, sobretudo, ao encontrar-se com o espaço de culto. Posto isto, uma composição de espaços definidos quando necessário, admitia, no entanto, a existência de "espaços neutros não funcionais (mas psicologicamente controlados)" [34], cuja utilização se deixaria livremente ao critério dos futuros utilizadores. Uma "obra aberta" no sentido que lhe atribuía Umberto Eco, coadunava-se a um programa paroquial de contornos imprecisos, porventura redesenhados sucessivamente:

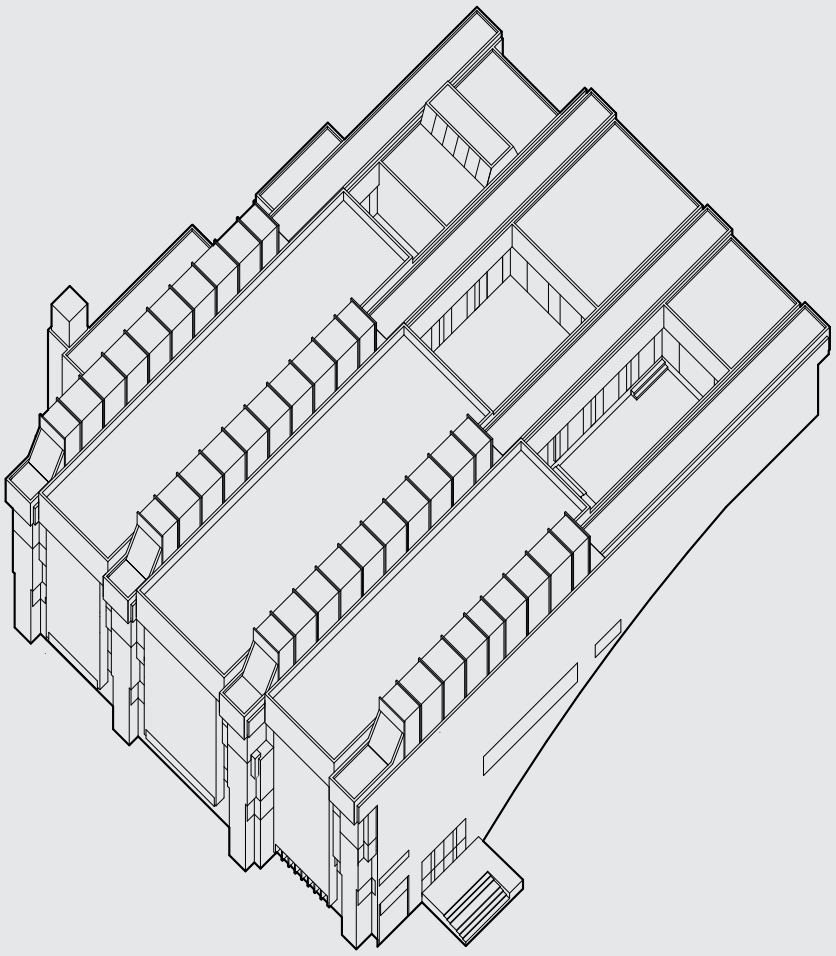
"O desenvolvimento da sensibilidade contemporânea foi acentuando pouco a pouco a aspiração a um tipo de obra de arte que, cada vez mais consciente da possibilidade de diversas "leituras", se assume como estímulo para uma livre interpretação orientada apenas nos seus traços essenciais."[35]

A estes ingredientes, somavam-se ainda os espaços verdes exteriores. No piso superior, possibilitavam o prolongamento da actividade do interior para o exterior; constituíam uma importante fonte de iluminação num conjunto de poucas aberturas; separavam, como convinha, a igreja dos espaços recreativos; e compunham um dilatado espaço de transição, preparando uma entrada gradual, entre o bairro a poente, e o espaço de culto. No piso inferior, plataformas ajardinadas desenhavam um percurso fluido até ao interior, filtrando a relação com a rua.

Em suma, a visita ao projecto de 1969 permite-nos encarar uma lógica que o edifício hoje não transparece, pelo menos, com igual clareza. Nele encontramos ideias que dificilmente se concretizaram, mas que merecerão desenvolvimento, entre outros temas, que adiante deverão ser reavaliados tendo em vista as presentes necessidades da paróquia.

34 Ibid. p.38

35 Eco, Umberto. The Open Work. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, (1962) 1989, p.19



2021

Quando entre as ruas de Olivais Sul nos deparamos pela primeira vez com a igreja paroquial, dificilmente esta nos remeterá para outra qualquer igreja que conheçamos. Caso não saibamos tratar-se de um espaço de culto, pode muito bem este passar despercebido como tal. Uma igreja que incorpora a passagem de uma “igreja-monumento” a uma “igreja de acolhimento”, que nos desafia a um entendimento renovado sobre o programa que abarca, coerentemente, assume para si uma linguagem própria, única e irrepetível.

A experiência no terreno e uma breve investigação pelas forças que motivaram a evolução do projecto até à construção, permitem uma maior compreensão desta forma de igreja peculiar. De seguida, uma vez que o olhar sobre o edifício nunca foi indiferente a uma intervenção posterior, surge este acompanhado por alguns dos apontamentos que sob a forma de desenho ou escrita, foram noticiando a evolução de uma postura crítica a seu respeito e, consequentemente, lançando as premissas para um futuro projecto .

Traça-se ainda um novo programa para uma pequena urbanidade paroquial, a partir do existente e em função das actuais necessidades da paróquia.

[34] planta de implantação da igreja paroquial de Oivais Sul, desenho do autor.

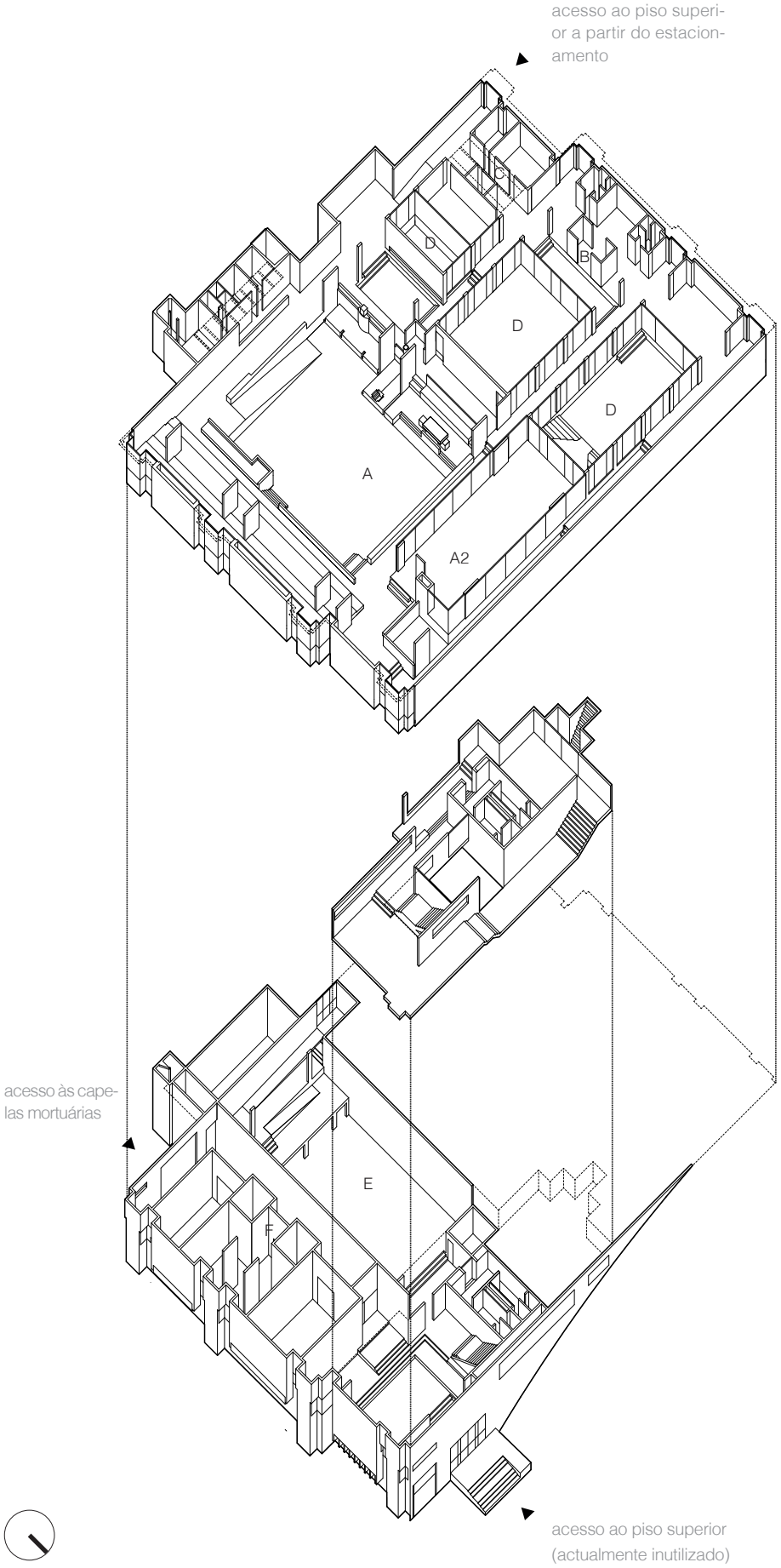
Perante uma envolvente sem regra clara, pousa autónomo o volume da igreja paroquial, para si estipulando uma ordem própria, abruptamente interrompido por uma empena a Norte que deixa livre boa parte do terreno.

O edifício assume o anonimato. Marcadamente encerrado, timidamente se manifesta como igreja. Uma cruz metálica fixada a Norte, e um pequeno campanário junto a uma passagem de serviço a Sul, revelam pontualmente o programa no interior. A fachada nascente, que se assume como principal, pelo natural declive do terreno e no tratamento, não corresponde à entrada utilizada para a igreja, que antes se dá a partir do estacionamento a poente, por uma fachada de carácter manifestamente secundário.

O ideal de uma igreja despojada, no sentido evangélico do termo, encontra expressão no betão, material estrutural e, numa abordagem brutalista por excelência, responsável pela expressão global do edifício, tanto pelo interior como pelo exterior. O avanço e recuo das fachadas, variando, ora em betão cofrado ora com acabamento rugoso, aliado aos elementos vegetais em seu redor, criam um contínuo jogo de luz e sombra que quebra a eventual monotonia das extensas superfícies.

Organiza-se o programa em dois pisos, conforme o esboceto. Quatro galerias de três metros de largura articulam o piso superior, dispondo entre si de espaços de permanência a diferentes cotas, entre os quais, três pátios a céu aberto, para onde se pode estender a actividade do interior. Junto à entrada a poente, organizam-se os serviços da paróquia em pequenos compartimentos, uma biblioteca e uma pequena zona de convívio servida de uma copa, definida com uma ligeira diferença de cota. À falta de mais compartimentos, uma reprografia e quatros espaços destinados à catequese, ocupam informalmente áreas de circulação.

Percorrendo as extensas galerias que atravessam os pátios exteriores, gradualmente se vai entrando no espaço destinado à prática da liturgia. Aí dilata-se a circulação, como lugar informal para a assembleia em dias de maior afluência. Com uma diferença de cota de um metro relativamente à circulação, define-se ao nível inferior o espaço solene da igreja, surpreendentemente centrado no baptistério, em detrimento do altar. Pela sua assimetria, informalidade, mas também pela qualidade de espaço recatado, aproxima-se do carácter doméstico, longe de qualquer sentido de monumentalidade. O mármore branco do altar e baptistério, conduz o olhar no contraste com o betão predominante.



[35] axonometria explodidada da igreja paroquial, sem escala, desenho do autor.

legenda:
A igreja
A2 sala polivalente piso superior
B zona de convívio
C serviços da paróquia
D pátios exteriores
E sala polivalente piso inferior
F capelas mortuárias

Ainda no piso superior, adjacente à igreja, uma sala polivalente habitualmente disposta como extensão da assembleia, pode autonomizar-se para qualquer outro uso, com recurso a um sistema de dispositivos móveis em guilhotina. Como noutras ocasiões do edifício, a madeira dos painéis surge pontualmente como material nobre, que caracteriza zonas de excepção.

No piso inferior, com acesso independente a nascente, encontram-se três capelas mortuárias, associadas à sacristia da igreja por uma escada de serviço coincidente com o actual campanário. Também neste piso se encontra uma sala polivalente, à qual se acede através de uma passagem de serviço a Sul, ou a partir de um acesso vertical a nascente, que garante a ligação entre a rua à cota baixa e a igreja no piso superior. Esta larga escada prolonga-se numa sucessão de espaços que formam um piso intermédio, aberto pontualmente sobre o polivalente, com ligação ao pátio no piso superior.

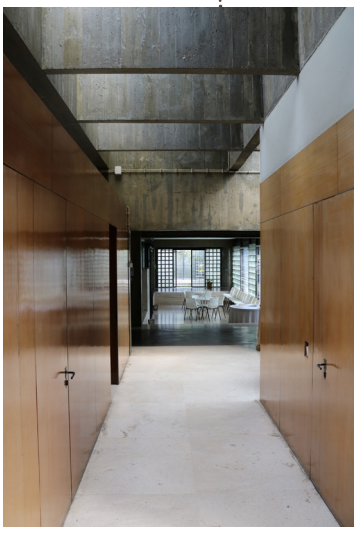
Para um conjunto de poucas aberturas, constam uma série de clarabóias que encimam as galerias iluminando o espaço da igreja, providas de um sistema manual de painéis rotativos, para o controlo da intensidade luz. Os pátios no coração do edifício assumem também neste sentido um papel importante, como fonte de iluminação para o interior. Iluminação que resulta porventura excessivamente escassa em certos instantes, graças à actual solução de caixilharia, conjugada com blocos de vidro translúcido e um gradeamento metálico.

Actualmente, a passagem do tempo faz-se sentir no desgaste dos materiais de construção. Notoriamente nas fachadas, mas também pelo interior, verificando-se infiltrações na cobertura e clarabóias. Por outro lado, a difícil abertura aos pátios por impedimento da caixilharia em necessidade de manutenção, e impossibilidade de abertura dos vãos exteriores no espaço da igreja, privam a ventilação daquele espaço, para a qual não contribui também um sistema mecânico que há muito deixou de funcionar.

Aos aspectos materiais observados, que comprometem o normal funcionamento dos espaços da igreja paroquial, acresce ainda um problema reconhecido a partir de uma interpretação pessoal, da experiência no terreno, mas também do testemunho de quem está mais próximo da comunidade - o progressivo desgaste material do edifício desvirtua uma linguagem que se queria coerente com os valores cristãos, adquirindo hoje uma conotação precária, que prejudica a percepção global desta obra, bem como o sentido de afecto da população que a habita.

[36] pátio exterior.

[37] representação de pátios exteriores da igreja paroquial de Olivais Sul conforme o projecto original . Arquivo SNIP.

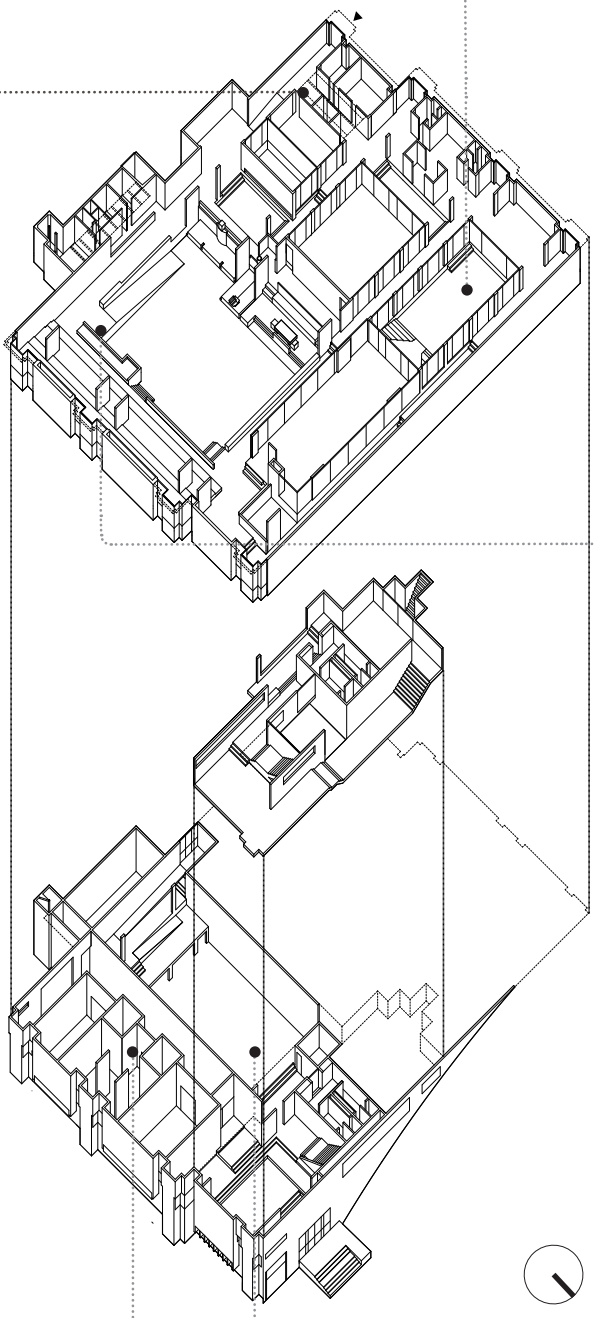


[38] vista da actual entrada sobre a área de convívio.

[39] capela mortuária central no piso inferior.

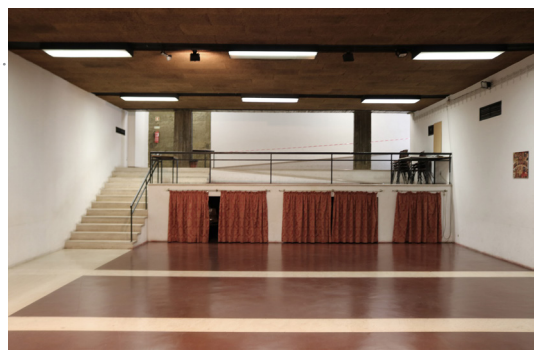
[40] vista exterior poente, actual entrada para a igreja paroquial.

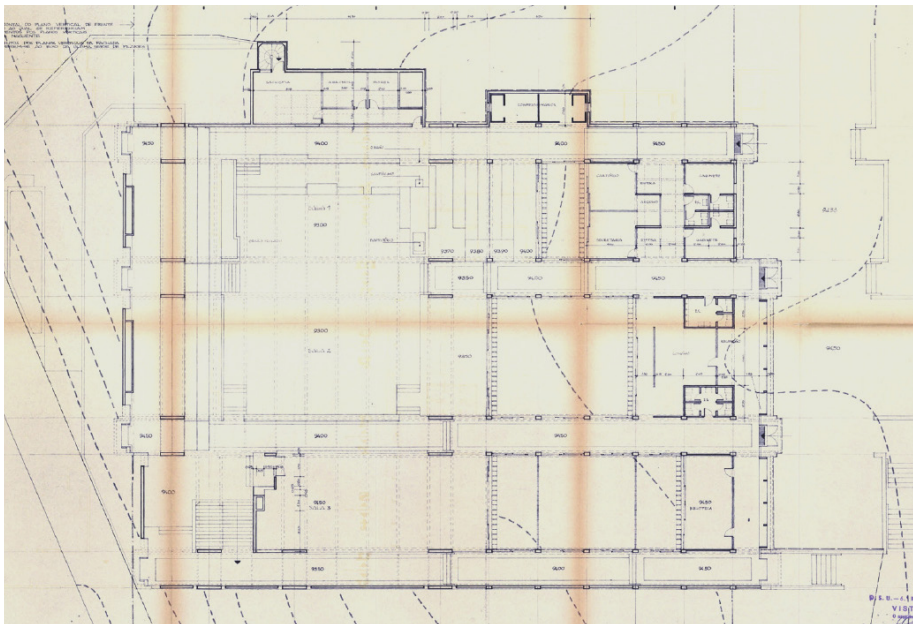
[41] espaço de culto aberto para sala polivalente a ele associada.



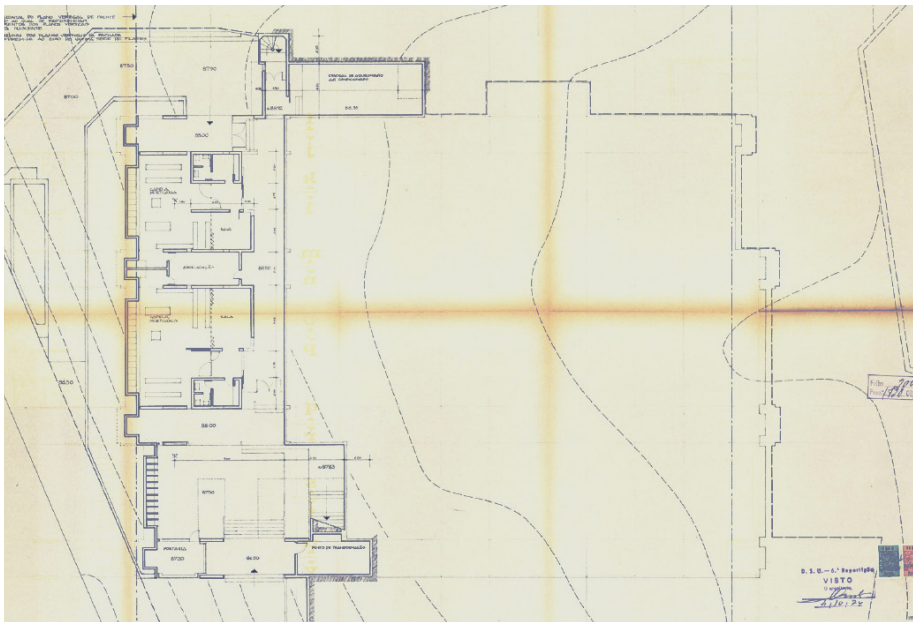
[43] axonometria explodida da igreja paroquial de Olivais Sul.

[42] sala polivalente no piso inferior.





[44] planta do piso superior, projecto de execução (1972), Pedro Vieira de Almeida



[45] planta do piso inferior, projecto de execução, (1972), Pedro Vieira de Almeida

No âmbito de uma investigação que visa informar uma perspectiva de futuro para a igreja paroquial de Olivais Sul, pouco interessaria explanar por inteiro o processo que por dezoito anos se estendeu até á sua inauguração em 1988. Revisitá-lo porém em dois momentos espaçados no tempo, em 1972 e 1985, clarificou a evolução do projecto e permitiu avaliar no existente, o que terá sido a intenção do autor e o que, por força das adversidades, viria a ser construído. Proporcionou, portanto, uma leitura crítica do actual edifício.[36]

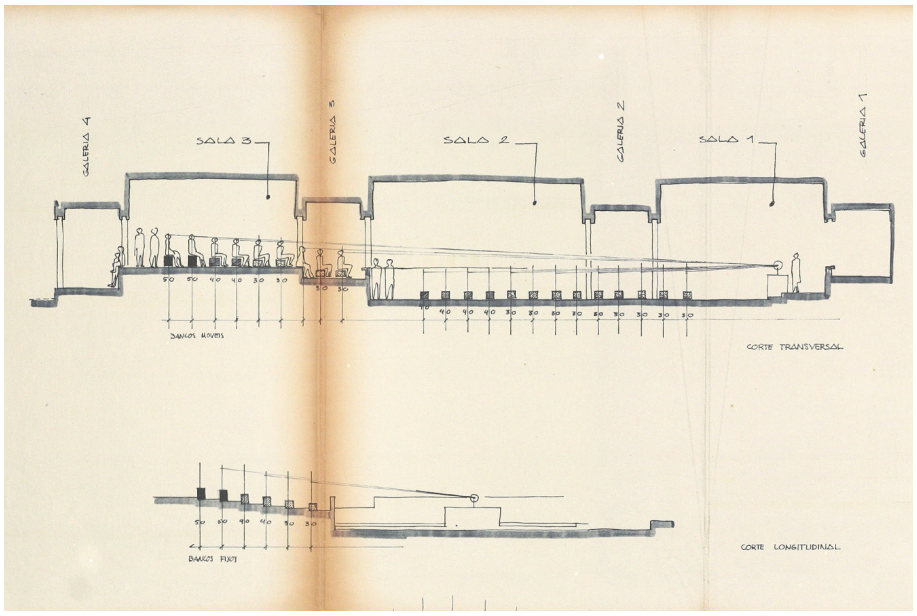
Os desenhos que se recolheram de 1972 correspondem ao projecto de execução para a primeira fase de construção. Na memória descritiva que os acompanhou, Pedro Vieira de Almeida assegurou que se mantinham três princípios gerais do esboceto de 1969:

"1º - Criação de uma arquitectura-para-a-apropriação sem deixar de ser estruturadora e disciplinadora dessa mesma apropriação.
2º - Integração quanto possível de todo o espaço livre do organismo construído.
3º - Proposta de uma igreja que como volume se integra no bairro refazendo a praça situada a poente do terreno da implantação do edifício, e cuja expressão não seja demasiado eclesial embora mantenha características de escala, de materiais e de tratamento que a definem como edifício público de marcada representatividade." [37]

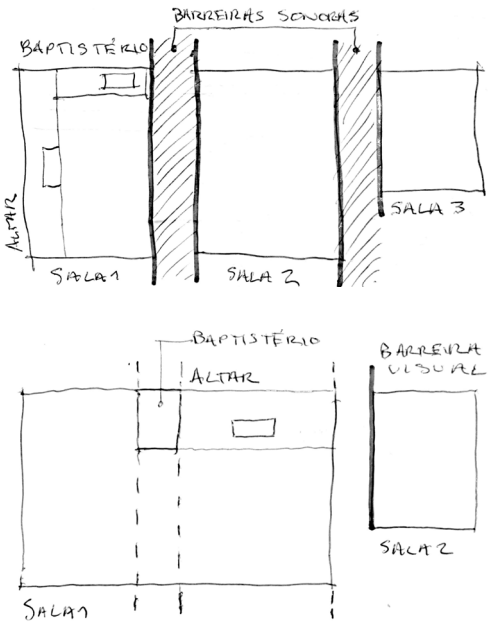
No alinhamento de uma "arquitectura para a apropriação", o arquitecto abordou em maior detalhe os mecanismos de maleabilidade anunciados no esboceto. A solução, que melhor se compreende consultando os desenhos, possibilitava a sectorização do amplo espaço da igreja em três parcelas menores de modo a estimular uma liberdade de utilização. O envolvimento que propunha entre o sagrado e o profano, seria, no seu entender, estímulo necessário para uma participação ávida da comunidade e condição desejável para uma igreja moderna, em conformidade com os desígnios do Concílio Vaticano II.

36 Não se encontraram quaisquer representações inteiramente fiéis ao edifício construído. Os desenhos do existente, que podem ser consultados integralmente num volume de peças desenhadas, são por isso o resultado do cruzamento entre as representações que se encontraram mais próximas da construção, e a experiência no terreno.

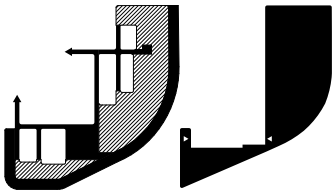
37 Vieira de Almeida, Pedro. "Memória Descritiva" [projecto de execução para a nova igreja de Olivais Sul], Arquivo SNIP, 1970. p.1



[46] corte longitudinal e transversal pelo espaço da igreja (1972) Pedro Vieira de Almeida.



[47] em cima, esquema de maleabilidade do espaço da igreja: solução de 1972, desenho do autor. em baixo, esquema de maleabilidade do espaço da igreja: solução implementada, desenho do autor.



[48] esquema de permeabilidade do piso inferior: à esquerda o projecto de 1969, à direita o edifício construído.

O “espaço livre”, compreendido como espaço a que não se destina um uso específico, assume, do esboceto à construção, um protagonismo que é pouco habitual. Nesta lógica, a circulação extrapassa a mera função de distribuição, promovendo a deambulação, por vezes sugerindo até a permanência, ocupando cerca de 50% da área útil do edifício, 1430m2. Pela escala e tratamento que se lhe confere, adquire a qualidade de espaço livre, não apenas integrado, mas verdadeiramente estruturador do organismo construído.

Em linha também com o que se propôs em 1969, o edifício preserva uma linguagem distante do vocabulário comum de uma igreja, procurando salvaguardar ainda assim uma dignidade coerente com o programa que abarca.

Na respectiva memória descritiva, em contrapartida, o arquitecto tomou nota das alterações mais importantes que se verificaram entre o esboceto e o projecto de execução.

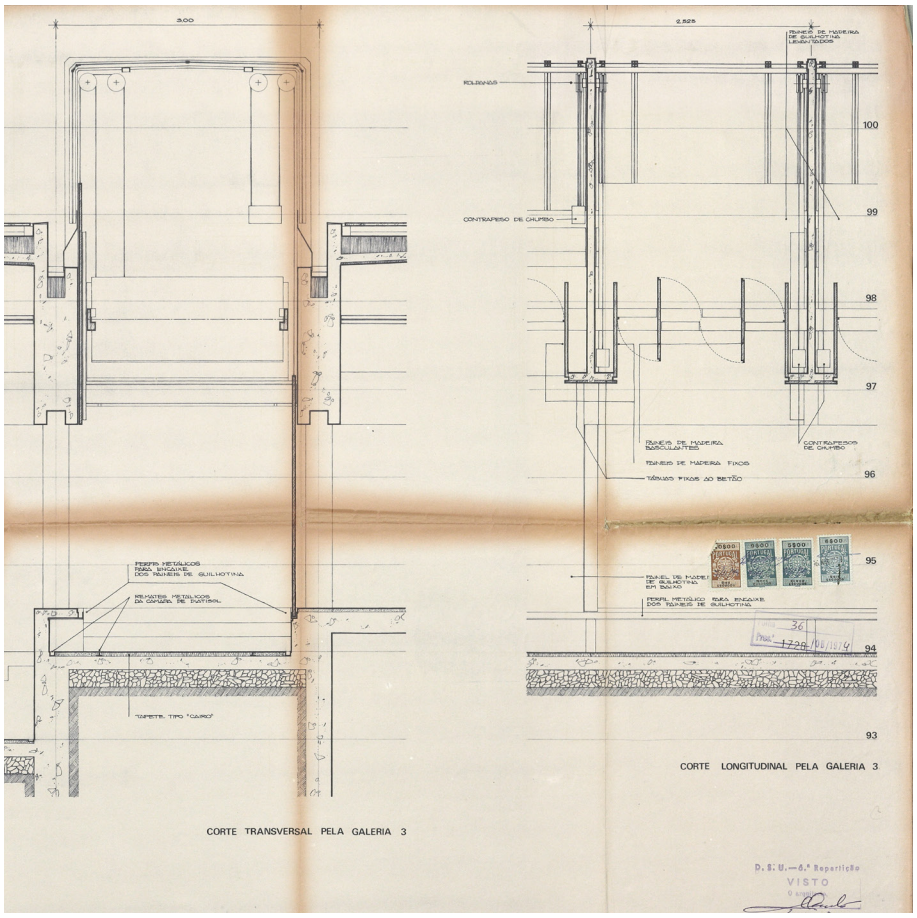
A rotação do santuário para uma orientação longitudinal, considerada na memória descritiva do concurso como possibilidade futura, encontra-se aqui formalizada. De outra parte, se no projecto de 1969 se previa uma passagem desimpedida à cota baixa, da rua até ao interior, a restruturação das capelas mortuárias implicou a postura encerrada do edifício que hoje se testemunha, alterando significativamente a experiência da entrada, mas também a percepção global da obra.

Entre outras notas referentes maioritariamente a questões de pormenorização, o autor fez ainda menção ao desenvolvimento de um acesso vertical a nascente ligando a rua à cota baixa à igreja no piso superior. Esta escada, que pela sua dimensão adquire o estatuto de principal acesso à igreja no piso superior, não estaria prevista no esboceto, sendo justificada pelo arquitecto considerando “a sua importância em relação à distribuição da população dos Olivais”[38].

Uma carta enviada pelo arquitecto a 22 de maio de 1985, ao pároco e presidente da comissão fabriqueira, veio clarificar alguns imprevistos que se sucederam na construção, bem como os motivos de descontentamento do remetente, que inclusivamente se terá em determinado momento afastado da obra.

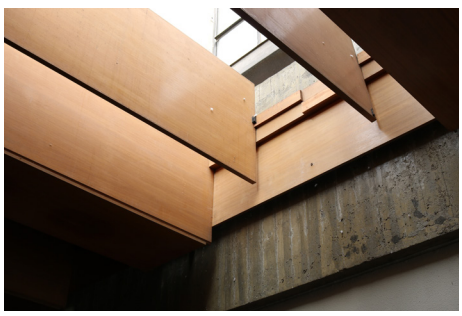
“Creio de sublinhar que (…), as demoras na decisão com relação a aspectos técnicos da [obra], ou o questionar progressivo do projecto, se vão traduzir

38 Vieira de Almeida, Pedro. Ibid. Loc. cit.



[49] pormenorização de clarabóias e dispositivos móveis para a divisão do espaço (1972), Pedro Vieira de Almeida.

transição entre igreja e sala polivalente adjacente à cota alta.



[50] sistema manual de paineis rotativos para o controlo da luz, solução construída.

por atrasos que certamente se virão a repercutir nos custos globais, agravamentos que a Comissão não deixará de ter em conta.

(…) face à péssima qualidade do betão à vista, executado pelo primeiro empreiteiro (situação que me fez em determinado momento desistir da obra) fui forçado a inflectir todo o tipo de tratamento interior da igreja a nível de remates de materiais, controle da luz, e definição de tipos de acabamento.

Assim, a única fórmula que pareceu possível seguir, de maneira a que a obra da I.O. viesse a assegurar uma dignidade compatível com o seu significado global, foi tratar a estrutura como uma pré-existência (tal como se fosse um vestígio arqueológico de um templo posto a descoberto) (…)"[39]

Considerando a pobre execução do betão cuja presença é nesta obra determinante, Pedro Vieira de Almeida afirmava confrontar-se com o seu próprio "vestígio arqueológico", que requeria uma intervenção "em termos de recuperação patrimonial."[40]. Via assim como necessárias uma série de rectificações ao projecto tendo em vista "uma nova estabilidade para o conjunto.".[41]

Entre detalhes de menor preponderância, propôs a substituição integral do pavimento previsto de solho à inglesa (madeira) por um revestimento em asfalto; decisão que fundamentou por responder à exigência de um pavimento que comportasse uma altura inferior no espaço da igreja, visto que, por lapso de execução, a cota de tosco ultrapassava já a cota prevista para o acabamento; por ir ao encontro da expressão acidentada do betão; mas também, por reconhecer na deliberada continuação de um pavimento exterior para o interior, uma longa tradição na construção de igrejas . Uma pequena urbanidade paroquial, conjunto de espaços articulados a partir de um sistema viário de galerias, adquiria deste modo expressão directa no pavimento, que se prolongava do bairro até ao interior.

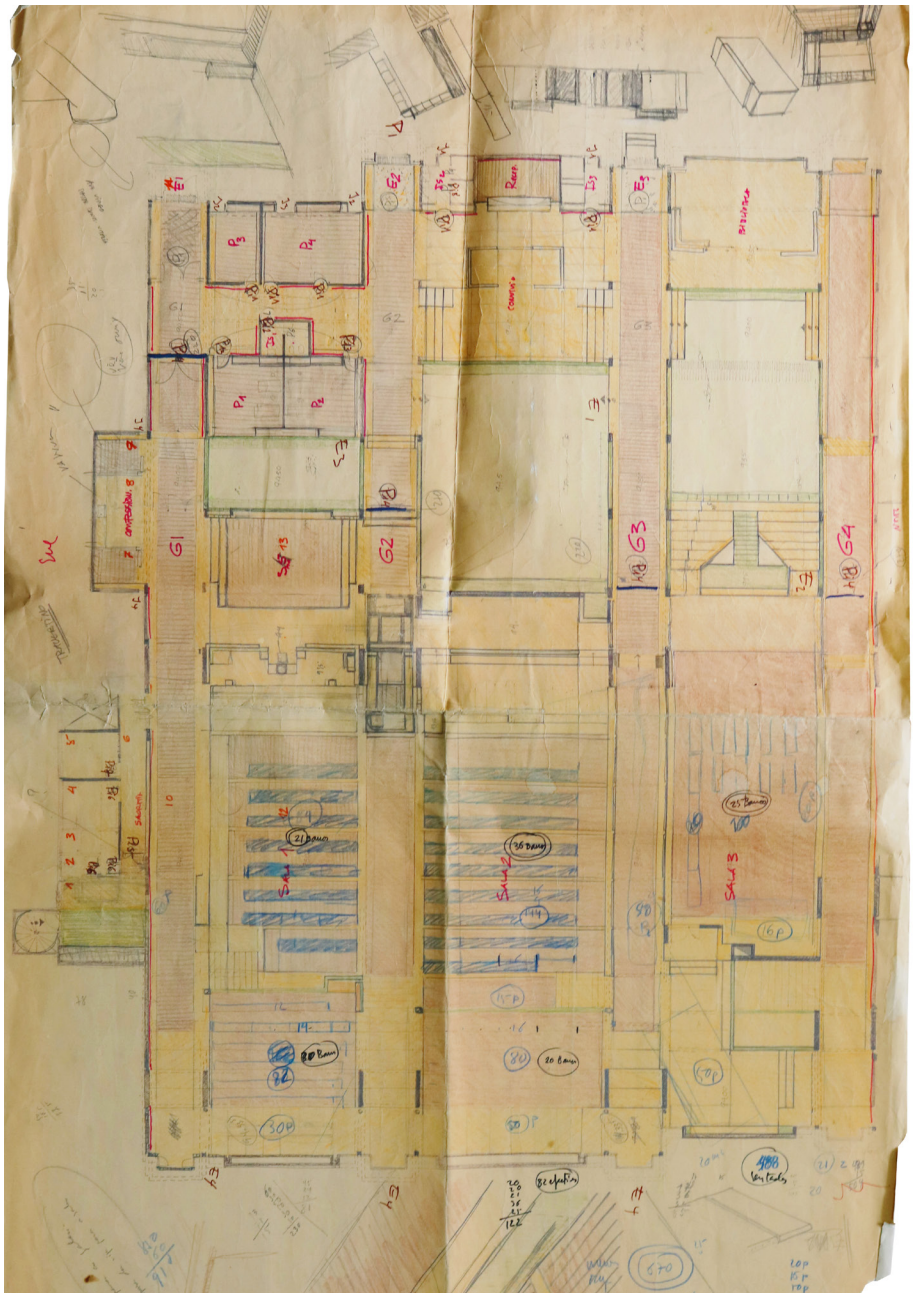
Como nos dá a entender o arquitecto, a opção pelo asfalto encontrou resistência por parte comissão fabriqueira, no seu entender, graças "(…) [a este] ser no imaginário comum um material pobre que apresenta uma assumida austeridade, senão "franciscanismo" difíceis de aceitar (…)"[42]. Por fim, em alternativa, optou-se por um pavimento em aglomerado de cimento e cortiça, na generalidade em tom vermelho, enquadrado por faixas brancas do mesmo material.

39 Vieira de Almeida, Pedro, [carta dirigida a pe. Janela e Presidente da Comissão Fabriqueira da Nova Igreja de N. Senhora de Olivais Sul], arquivo pessoal de Helena Maia, Lisboa, 1985;

40 Ibid. pp.1, 2

41 Ibid. p.2

42 Ibid. p. 3



[51] desenho do processo de Pedro Vieira de Almeida, sem data.

Vieira de Almeida alertava ainda para a inevitabilidade de rever integralmente o tratamento da luz natural e artificial, "eliminando um carácter excessivamente quente que no projecto se traduzia na procura de um interior macio e evolvente, mas que na obra real resultaria "adocicada sem força estruturante e já provinciana." [43]. Sem que esclareça inequivocamente este ponto de vista, ou discrimine os pormenores implicados, acrescentou apenas ser necessário "(…) arrefecer a luz natural e por outro lado controlar o seu carácter aditivo e não excessivamente integrado"[44].

Se as alterações propostas pelo arquitecto em 1985 visavam compatibilizar os acabamentos com o que se encarou como uma pré-existência, desfecho inesperado do projecto, por outro lado, como o próprio refere, foram igualmente influenciadas por constrangimento económicos.

"Note-se que estas alterações se processaram no sentido de uma maior economia de materiais e de mão de obra.

Por isso, todo este esforço se traduz – também por necessidade de coerência de intervenção – em alteração de desenho de pormenores, em simplificação de forma no sentido de encontrar o seu núcleo mais essencial, bem como em alteração de materiais, procurando um novo equilíbrio e uma nova estabilidade para o conjunto." [45]

Acompanhar o desenvolvimento da proposta, do concurso à construção, põe a descoberto traços gerais que se mantiveram de uma intenção original, contudo, revela também uma disparidade evidente, entre as expectativas de Pedro Vieira de Almeida e a realidade. Esta compreende-se, essencialmente, a partir dos seguintes pontos:

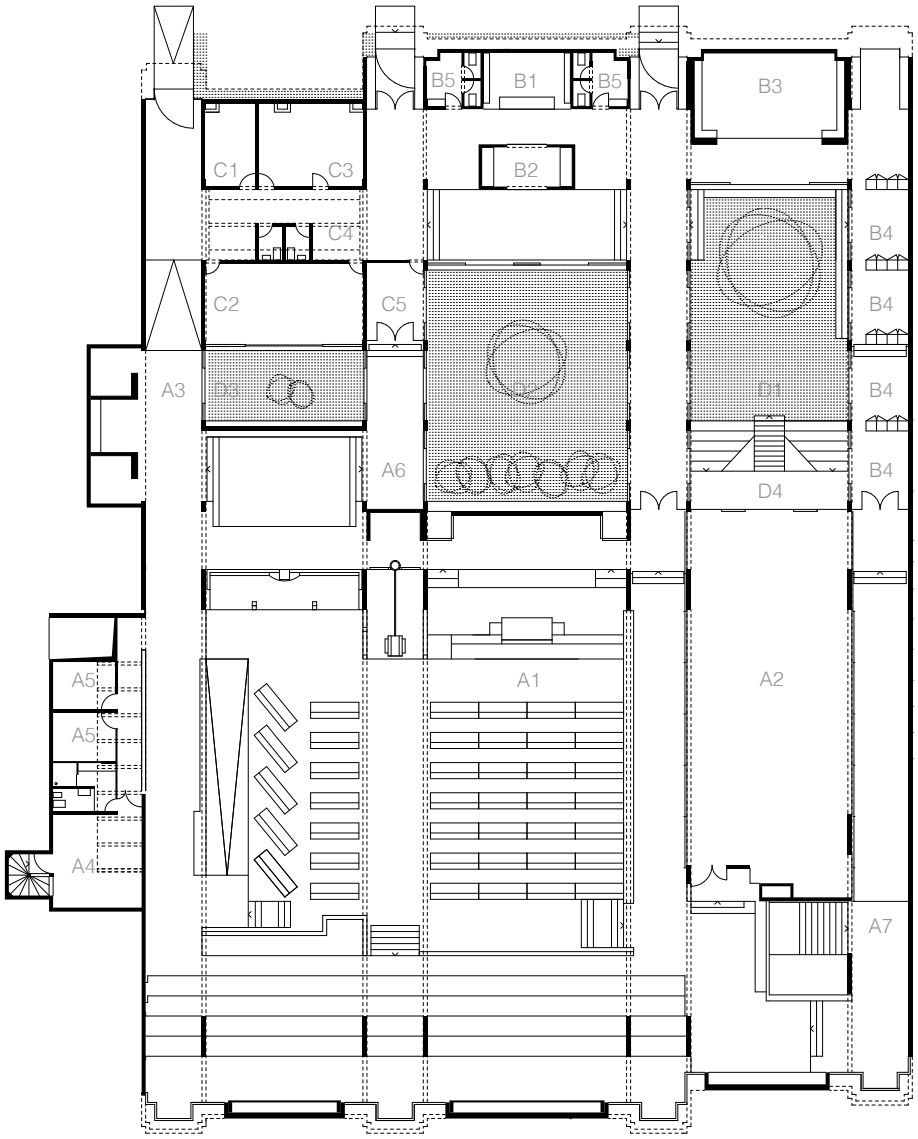
▪ De duas fases previstas para a construção, apenas a primeira se realizou - persiste até hoje a falta de espaços de catequese, entre outros destinados ao apoio social, que na proposta de 1969 se organizavam em torno de um outro pátio, elevando-se a poente por mais dois pisos (fig.23, p.38). Resulta por isso comprometido o sentido de urbanidade interior a que aspirava o esboceto, que implicava uma dinâmica de utilização variada que actualmente não se verifica. De uma "micro-cidade" [46], como lhe apelidou o júri do concurso, construiu-se quando muito um bairro, que não atrai para o edifício a vida quotidiana da paróquia.

43 Ibid. p. 2

44 Ibid. Loc. cit.

45 Ibid. Loc. cit.

46 Maurício, Luís et al. Op. cit. Loc. cit.



[52] planta do piso superior (2021), desenho do autor.
legenda:

A igreja
A1 espaço litúrgico
A2 sala polivalente
A3 confessionários
A4 sacristia
A5 arrumo
A6 espaço sacário
A7 acesso vertical à igreja.

B espaços de reunião
B1 recepção
B2 convívio, copa
B3 biblioteca
B4 catequese
B5 i.sanitárias

C serviços da paroquia
C1 gabinete 1
C2 gabinete 2
C3 cartório
C4 i.sanitárias
C5 reprografia

D e. exteriores
D1 pátio 1
D2 pátio 2
D3 pátio 3
D4 a. vertical

10m

▪ Não se reconhece na igreja de Olivais Sul a presença urbana que se pretendia - ainda que Pedro Vieira de Almeida procurasse assegurar para esta igreja "características de escala, de materiais e de tratamento que a [definissem] como edifício público de marcada representatividade."[47] , tal leitura hoje não se verifica, ora porque o edifício permaneceu incompleto, deixando exposta uma empena a norte, ora graças à progressiva desgaste material da fachada, agravado pela falta de manutenção.

▪ Perdeu-se uma relação de transparência com a envolvente próxima - a revisão às capelas mortuárias de 1972 implicou, como anteriormente se referiu, uma transformação significativa do piso inferior, comprometendo a permeabilidade que se antevia no esboceto, entre a rua e o interior. Já no piso superior, o extenso plano de vidro que convidava a entrar na área de convívio deu lugar a uma fachada opaca, aberta apenas pontualmente no final dos corredores (fig.44, p.54).

▪ O principal acesso à igreja previsto por Pedro Vieira de Almeida não é utilizado como tal - constitui pois uma área considerável, que hoje vem sendo utilizada como arrumo informal, sem destino claro. A entrada faz-se antes exclusivamente pelo piso da igreja, ao qual se acede directamente a partir do estacionamento a poente.

▪ Integrou-se tardiamente no projecto mais uma capela mortuária - nesse sentido, após o desenvolvimento de 1972, reorganizou-se uma vez mais o piso inferior. A sua actual disposição, considerando em particular a capela central onde a estrutura interfere no campo visual, não favorece a sua utilização.

▪ Integrou-se tardiamente no projecto uma sala polivalente no piso inferior - a esta alteração não é feita qualquer menção, tampouco consta nos desenhos aos quais se teve acesso até 1982, tendo sido por esta altura incorporada a pedido do pároco que acompanhou a obra.

▪ Alterou-se a disposição da igreja - apesar do desenvolvimento de 1972, que previa uma orientação longitudinal do espaço, com o altar e baptistério na extremidade, estes viriam a ocupar uma posição central, contra a vontade manifestada pelo arquitecto.[48]

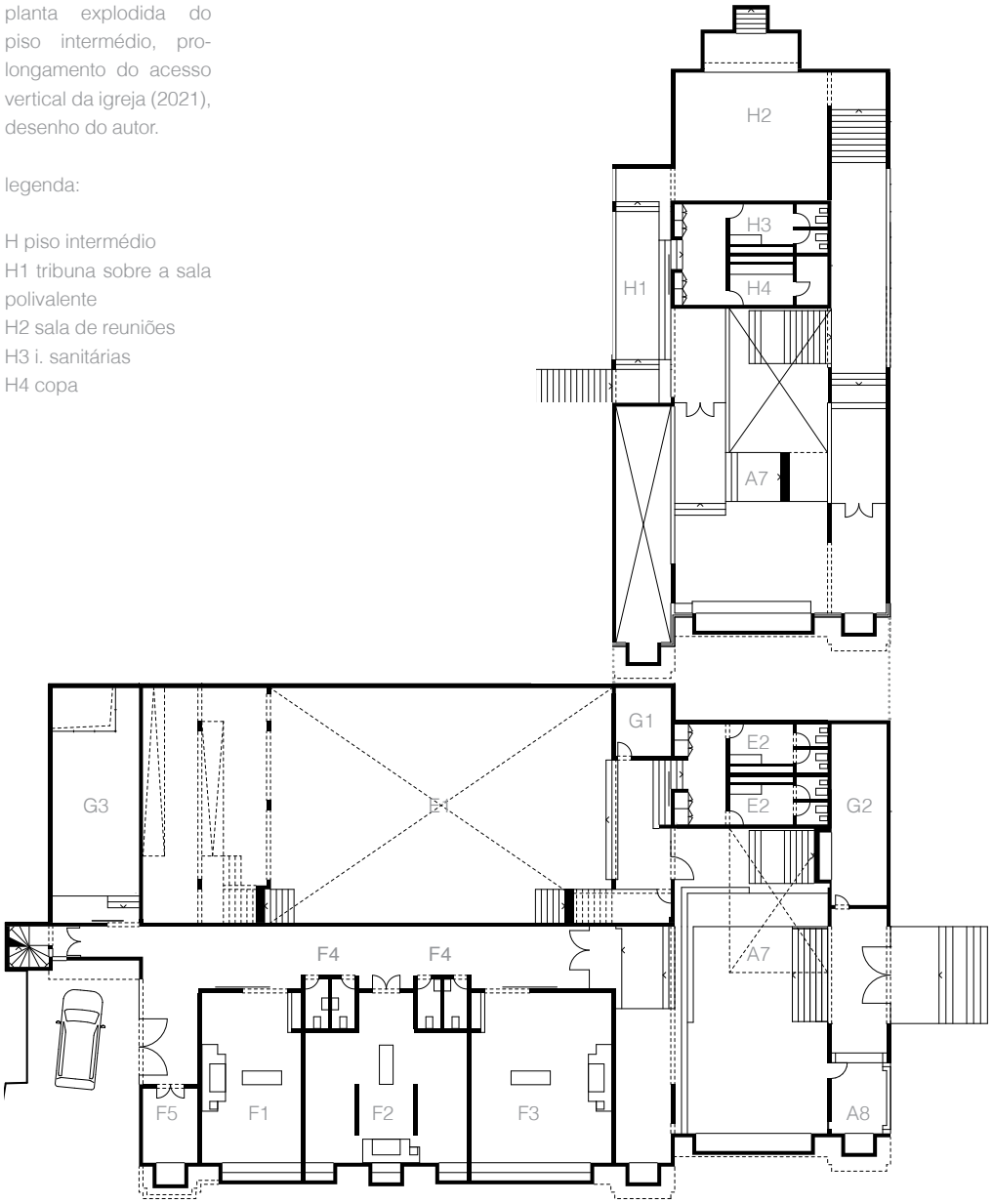
47 Vieira de Almeida, Pedro. "Memória Descritiva" [projecto de execução para a nova igreja de Olivais Sul], Arquivo SNIP, 1970. p.1

48 Segundo o pároco que acompanhou a obra, a actual disposição da igreja prevaleceu contra a vontade do arquitecto – Valério, João. "A Espessura da Luz". Portugal, 2018.

planta explodida do piso intermédio, prolongamento do acesso vertical da igreja (2021), desenho do autor.

legenda:

H piso intermédio
H1 tribuna sobre a sala polivalente
H2 sala de reuniões
H3 i. sanitárias
H4 copa



[53] planta do piso inferior (2021), desenho do autor.

legenda:

A7 acesso vertical da igreja no piso superior
A8 recepção

E polivalente
E1 sala polivalente
E2 i.sanitária

F serviços fúnerários
F1 capela mortuária 1
F2 capela mortuária 2
F3 capela mortuária 3
F4 i. sanitárias
F5 sacristia

G Área técnica
G1 posto técnico
G2 p. transformação
G3 central de aquecimento e ar condicionado

10m

▪ De quatro divisórias móveis que possibilitavam a sectorização do espaço da igreja, apenas uma se realizou – o abandono parcial desta solução compreende-se, por um lado, pela difícil habituação a tais dispositivos[49]. Contudo, poderá também prender-se com a actual configuração do espaço. Se uma orientação longitudinal favorecia a maleabilidade da solução, permitindo a autonomização da igreja na extremidade e associação das restantes parcelas, ocupando o altar uma posição central, autonomizar a igreja passaria a implicar, necessariamente, duas outras parcelas menores, incapazes de se associarem, assim comprometendo o melhor proveito desse sistema (fig.47, p.56).

▪ O pavimento previsto em madeira deu lugar a um pavimento em aglomerado de cimento e cortiça, em tom vermelho – trata-se esta porventura da mais significativa alteração de pormenor, parte de uma estratégia mais vasta de revisão ao projecto em fase adiantada da obra, divergindo no entanto da consideração do autor que propunha um pavimento em asfalto.

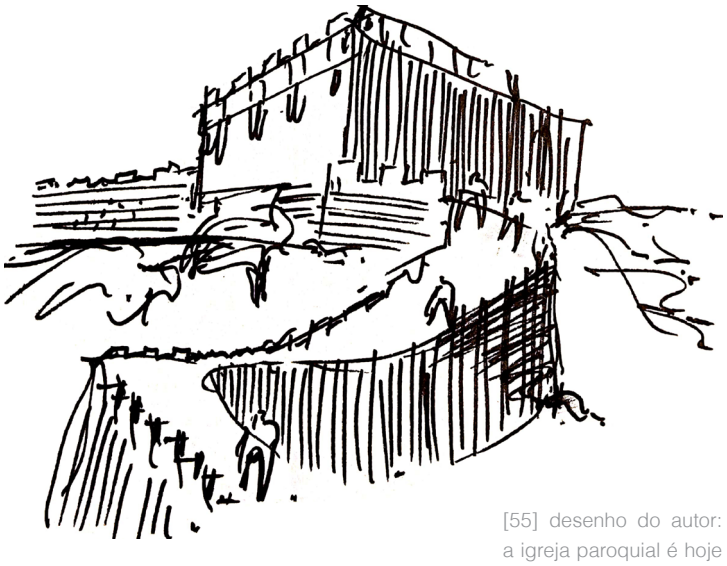
▪ A actual caixilharia compromete o contacto que se previa com os pátios exteriores – aparentemente implementada como solução de recurso, esta prejudica uma relação mais transparente com o exterior.

Na perspectiva de quem propõe que esta igreja se conserve como tal, tomar consciência do desfasamento entre o ideal e a sua concretização, permite que se dêem os primeiros passos para a sua realização – ao encontro de uma pequena urbanidade, detentora de uma vida e animação próprias.

Reconhecendo nos pontos enunciados, matéria útil para uma intervenção futura, depreende-se que o contributo do projecto passe não tanto por trazer a novidade, mas em grande medida por despertar qualidades que se encontram adormecidas no actual edifício, recuperando as aspirações do autor que se perderam na materialização da proposta.

49 A respeito da solução de maleabilidade do espaço da igreja, afirmou Diogo Pimentel, do Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado, que "o sonho era esse. Veio a ser um bocadinho utópico (…) porque as pessoas não estão habituadas a utilizar um mecanismo deste género." – Ibid.

[54] igreja paroquial de Olivais Sul: cruz metálica dá tímido sinal do programa no interior.



[55] desenho do autor: a igreja paroquial é hoje como uma fortaleza - pelo contrário, esta deverá abrir-se ao bairro.

UM OLHAR SOBRE A IGREJA PAROQUIAL
DEZ PREMISSAS PARA UM FUTURO PROJECTO

Até aqui, de um modo geral, o trabalho cingiu-se a compreender o objecto de estudo, da fase embrionária de projecto à construção. Expõe-se agora, mais que uma descrição, o olhar crítico de quem procura intervir, traduzido em dez premissas que se traçam para um futuro projecto - intenções que antecederam a estabilização do programa, ou constituem em si mesmas um programa espacial ou formal de arquitectura, independente das especificidades do uso.

Completar o sistema

Ainda que o projecto de Pedro Vieira de Almeida previsse o faseamento da construção implementando uma lógica clara para futuras ampliações, parcialmente construído, jamais poderia acomodar um programa dinâmico e multifacetado, do qual tanto dependia o entusiasmo da solução.

Como primeiro princípio para a valorização desta igreja, considera-se que será fundamental completar o sistema segundo as linhas gerais da ordem já estabelecida. O terreno livre a Norte, oferece essa oportunidade.

Promover um programa multifacetado

No sentido que lhe atribuiu Manuel de Solà-Morales, supõe-se estarmos diante uma oportunidade de contribuir para uma acupunctura urbana em Olivais Sul. Tal como acontece na acupunctura chinesa, "a localização do ponto sensível é o primeiro passo para o tratamento estratégico da pele urbana"[50]. Todavia, como o próprio esclarece, esta analogia "não [terá] que ver tanto com o pequeno, o minucioso ou o delicado, senão com o estratégico, sistemático e interdependente"[51]. Longe de se estar a propor uma revitalização integral do bairro através de uma intervenção na igreja, reconhecendo-lhe a qualidade de ponto sensível da sua epiderme, como edifício e programa de excepção entre os blocos habitacionais, depreende-se que uma intervenção possa vir a ter um impacto significativo na esfera da envolvente próxima.

Para o efeito, propõe-se além do programa paroquial e capelas mortuárias, um programa dedicado a um público mais lato, para eventos culturais ou sociais, como não se encontrou em Olivais Sul. A sala polivalente no piso

50 Solá-Morales, Manuel de. "De Cosas Urbanas". Barcelona: Gustavo Gili, 2008. p. 24

51 Ibid. Loc. cit.

[56] pormenor da facha-
da nascente.

[57] maquete de estudo:
campanário anuncia a
entrada a poente e for-
maliza o convite a entrar.

inferior, a larga escada inutilizada a nascente e espaços por ela originados, bem como uma futura ampliação que se lhes associe, poderão proporcionar isto mesmo.

Gerir os diferentes conteúdos programáticos

Prevendo-se para o edifício três naturezas distintas de programa - o funerário e o paroquial, existentes, e o público que se lhes acrescenta - ressalva-se a pertinência de salvaguardar a sua autonomia.

Se as capelas mortuárias exigem total independência no uso e no acesso do restante programa, por outro lado, o programa paroquial e o público, deverão beneficiar da possibilidade de se associarem, uma vez assegurado o seu funcionamento autónomo quando assim se entender,

Convidar a entrar

Ao enveredar pelo deliberado anonimato, sem fazer uso das estratégias formais que, no imaginário comum, caracterizam a presença de uma igreja, o arquitecto prescindia uma série de arquétipos que usualmente a denunciam como edifício de excepção.

Não se verificando um momento chegada inteligível, vulgarmente caracterizado por um elemento vertical, ou um ponto de encontro consensual, como por tradição se cumpre no adro, sugere-se que a igreja paroquial poderá beneficiar de uma entrada que se manifeste com maior clarividência , sem o prejuízo da sua expressão formal – para que o convite a entrar se torne mais evidente.

Preservar os espaços verdes em redor do edifício

Os elementos vegetais em redor da igreja paroquial desempenham no contraste com as fachadas, um papel categórico na força expressiva do conjunto, quebrando a eventual monotonia das vastas superfícies de betão. A este tema originário do esboceto, ao qual se atribui valor estético e compositivo, pretende dar-se continuidade.

Desenhar um lugar de encontro que anteceda a igreja

Escreveu Tiago Lopes Dias, autor da tese de doutoramento “teoria e desenho da arquitectura em Portugal, 1956-1974: Nuno Portas e Pedro Vieira de Almeida”:

[58] galeria interior: espaço de transição entre o bairro e a igreja e circulação estruturante do conjunto.

[59] antigos Paços do concelho em Guimarães: exemplo da possível articulação entre praças exteriores (ou pátios) no desenho de um lugar de encontro que anteceda a igreja.

[60] pormenor da caixilharia, João Valério.

"[na igreja paroquial de Olivais Sul] todo o corpo que antecede as salas principais pode ser considerado um dilatado espaço-transição que naturalmente torna obsoleta a função do tradicional adro".[52]

Embora se reconheça nos espaços a poente e nas galerias que atravessam os pátios uma qualidade de "espaço-transição", na medida em que preparam uma entrada gradual, do bairro ao espaço de culto, discorda-se que estes tornem obsoleta a função tradicional do adro. Desde logo, porque se trata de um amplo espaço de contornos imprecisos, portanto, dificilmente reconhecido como tal. Mas também, por não possuir em qualquer instância as dimensões próprias para o efeito, nem oferecer, como de resto é habitual no adro, lugar de sociabilidade e, simultâneamente, litúrgico.

Propõe-se então valorizar a igreja com um espaço claramente definido que a anteceda, proporcionando um lugar de encontro e área para que nele se realizem as habituais festividades, preferencialmente ao ar livre.

Recuperar a relação de permeabilidade com os pátios

A relação franca que se previa, numa primeira fase de projecto, entre os pátios exteriores e espaços interiores envolventes, ultrapassava um sentido estritamente utilitário, como área para onde se poderia prolongar a actividade do interior. Constituía, igualmente, uma importante fonte de iluminação num conjunto de poucas aberturas, bem como o enquadramento visual dos espaços interiores, possibilitando ainda a sua ventilação natural. Contudo, o contacto que se adivinhava com os pátios exteriores não se verifica.

No contexto da actual pandemia, que vem impelindo à realização de actividades exteriores tanto quanto possível, refere o padre da paróquia que estes espaços têm sido utilizados com maior regularidade pelos grupos da catequese, atraindo para o edifício uma actividade que há muito não se constatava.

Tendo-se prendido a escolha da actual caixilharia com uma questão de economia, tratando-se de uma solução de recurso, prevê-se, senão uma nova caixilharia, uma revisão e adaptação integral da caixilharia existente, no sentido de se salvaguardar a relação com os pátios, à semelhança do que sugeria a imagem publicada no boletim de campanha para as Novas Igrejas do Patriarcado de 1971. (fig.37, p.52)

52 Lopes Dias, Tiago. "Teoria E Desenho Da Arquitectura Em Portugal, 1956-1974: Nuno Portas E Pedro Vieira De Almeida ", 2017.

[61] espaço da assembleia à cota baixa centrado no baptistério. em cima, sistema manual de paineis rotativos em madeira.

[62] em cima espaço do sacrário da igreja paroquial,

[63] em baixo residência imperial Katsura (Kyoto, Japão).

"De facto, a beleza de uma divisão japonesa, produzida unicamente por um jogo sobre o gau de opacidade da sombra, dispensa quaisquer acessórios. O ocidental vendo isso, fica surpreendido com este despojamento e julga tratar-se apenas de paredes cinzentas desprovidas de qualquer ornamento, interpretação perfeitamente legítima do seu ponto de vista, mas que prova que ele não conseguiu desvendar o enigma da sombra."

Tanizaki, Junichiro. "Elogio da sombra". pp.32 e 33

Há-que reconhecer, no entanto, o inevitável conflito com o que se identificou como uma qualidade particular desta igreja e que, surpreendentemente, a aproxima de algumas referências orientais – a qualidade plástica da sombra.

Nas instâncias que o justificarem, supõe-se que se poderá atenuar tal ruptura, considerando o possível temperamento do vidro, ou um qualquer sistema de sombreamento integrado.

Atentar a uma economia de meios

Do esboceto para uma nova igreja que se queria despojada; a um processo de construção no decorrer do qual a escassez de recursos constituiu um embargo às mais altas aspirações do projecto; à actualidade de uma paróquia que vê a sua disponibilidade financeira reduzida, constatou-se como ao longo dos anos, o imperativo económico condicionou e segue condicionando o melhor aproveitamento desta igreja.

Ambicionar não só que esta se conserve, mas que melhore o seu actual desempenho, implica logo à partida um olhar atento a uma economia de meios, isto é, ao governo dos meios de que se dispõe no projecto.

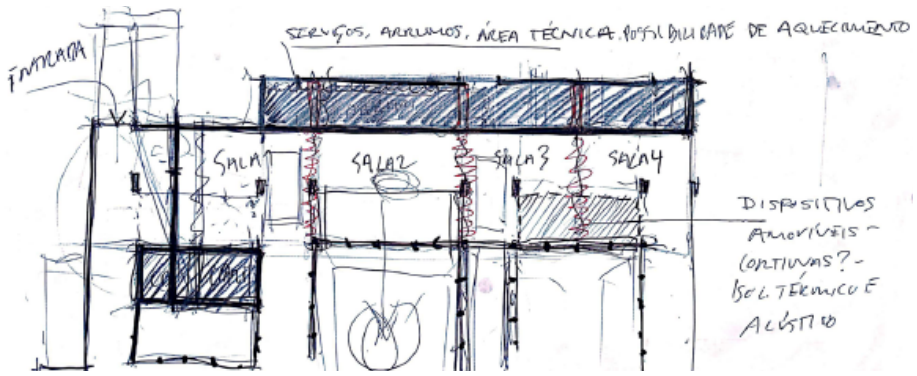
Na prática, a contenção de custos ultrapassa a mera utilização de materiais acessíveis. Diz também respeito à sua durabilidade, disposição, ou ao desempenho térmico que proporcionam.

De outro ponto de vista, terá também que ver com a gestão sustentável dos recursos da paróquia a longo prazo. Prevê-se, nesse sentido, possibilitar uma construção faseada, tal como a criação de uma fonte de rendimento para a paróquia - situação a que um novo programa, aberto ao público e capaz de se autonomizar, corresponde por inteiro.

Atentar a uma economia de meios exige ainda que se encare a pré-existência como recurso à disposição, do qual se procura tirar maior partido. Tanto nas qualidades que se lhe reconhece e procura pôr em evidência, como seja a possível relação com os pátios; ou, pelo contrário, notando o que está em falta e se procura acrescentar, como por exemplo, um lugar de encontro que anteceda a entrada, devidamente sinalizado.

Em todo o caso, a preocupação económica descreve o quadro mental com o qual se encara este projecto em tempos de crise.

[64] área de convívio



[65] desenho do autor: estudo para espaço de reunião e catequese re-interpretando a solução de maleabilidade de Pedro Vieira de Almeida (a métrica estrutural auxilía a divisão do espaço).

Atendendo ao espaço da igreja, em particular, presume-se que se deverá manter e recuperar o mecanismo ali implementado para a divisão do espaço, no sentido estimular uma liberdade de utilização. Por outro lado, admite-se que a flexibilidade por meio de dispositivos móveis poderá bem estender-se, pela sua informalidade, às áreas de reunião e catequese, ou vir a criar novas possibilidades para a sala polivalente no piso inferior.

Uma “arquitectura para a apropriação”, desígnio central do projecto de 1969, conserva hoje a sua pertinência.

Cultivar uma postura ambivalente

As premissas que aqui se expuseram denunciam desde já a proclividade de trabalhar em continuidade, tomando a lógica do edifício existente como ponto de partida. Esta tendência, contudo, não deverá impedir a adaptação da igreja paroquial a um novo tempo, que exigirá seguramente que se transforme. Assume-se portanto uma posição de compromisso. Conservadora, porém, disposta à mudança, valorizando o contributo que se presta.

	Ventilação mecânica	Ventilação natural	Iluminação natural	Quantidade	Área útil por espaço . m2	Subtotais por espaço
NOVO PROGRAMA						
SERVIÇOS FUNERÁRIOS						187
Sacristia		▪	▪	1	12	
Capela mortuária 1	▪	▪	▪	1	67	
Capela mortuária 2	▪	▪	▪	1	42	
Capela mortuária 3	▪	▪	▪	1	42	
Instalações sanitárias	▪	▪	▪	1	24	
ESPAÇO POLIVALENTE						618
Sala polivalente	▪			1	245	
Arrumo do polivalente				1	91	
Recepção	▪		▪	1	24	
Espaço 1 | Átrio	▪		▪	1	75	
Arrumo | Bengaleiro				1	9	
Espaço 2	▪		▪	1	84	
Espaço 3		▪		1	60	
Balneários . Instalações sanitárias	▪			2	19	
ÁREAS DE REUNIÃO E CATEQUESE						241

Partiu-se para o presente trabalho na expectativa de propor um novo programa para um edifício que, uma vez adaptado, poderia abarcar um conjunto de espaços dedicados à cultura, de interesse para Olivais Sul.

O aparente desalento dos paroquianos para com uma igreja latente de potencialidades e decorrente incerteza que a envolve, motivaram antes a criação de um programa que se desenvolve a partir da situação existente, ao encontro das actuais necessidades da paróquia, e em alternativa à construção de uma nova igreja para a qual se têm reunido os esforços da comunidade.

Contrariamente ao que se foi experimentando ao longo do curso, o programa não precedeu o projecto, tampouco se tratou de um dado adquirido. Foi evoluindo em paralelo, à medida que se desenhava. Se, por um lado, se achou algum alento nas memórias descritivas dos arquitectos e jurados, que por ocasião do concurso de esbocetos se debatiam com um desafio semelhante, sentiu-se em determinados momentos, estar a tentar resolver uma equação cujos termos se alteravam constantemente, sempre adiando a estabilização do projecto. Por outro lado, o esboceto permitia outro grau de indefinição, que o projecto mais desenvolvido não admite.

Teria sido certamente proveitoso o contacto directo com a comunidade alargada numa fase inicial do processo, de modo que as suas diferentes perspectivas e aspirações viessem a informar a definição do programa, algo que não se conseguiu no contexto da actual pandemia. Ainda assim, pôde contar-se com o testemunho de uma amostra da população. Mais propriamente, com o do padre da paróquia, mas também com o testemunho de algumas figuras envolvidas na construção da igreja ou na comunidade, através do documentário “A espessura da luz”, de João Valério.[53]

Reconhecendo que a opinião de uma amostra reduzida da comunidade não corresponderá ao entendimento de todos que a integram, verificou-se nos depoimentos aos quais se teve acesso um sentimento de insatisfação comum para com a obra, fundado justamente na sua incapacidade de corresponder às expectativas iniciais, ou responder eficazmente às exigências que hoje se colocam - sobretudo, considerando falta de espaços de apoio à comunidade, seja para a catequese, seja para uma população idosa, mas também, o agravamento da sua condição material, que prejudica a leitura do edifício.

53 Valério, João. A Espessura Da Luz. Portugal, 2018

Convívio | Copa | Zona de leitura informal	▪	▪	▪	1	80	
Catequese 1	▪	▪	▪	1	45	
Catequese 2	▪	▪	▪	1	24	
Catequese 3	▪	▪	▪	2	18	
Reprografia	▪	▪	▪	1	10	
Gabinete	▪	▪	▪	1	22	
Instalações sanitárias	▪	▪	▪	2	7	
Arrumos	▪	▪	▪	1	10	
REFEITÓRIO						205
Zona de refeições	▪	▪	▪	1	81	
Cozinha		▪		1	52	
Compartimento de lixos				1	5	
Dispensa		▪		1	25	
Sala do pessoal	▪	▪	▪	1	25	
Instalações sanitárias	▪	▪	▪	1	17	
IGREJA						560
Espaço litúgico	▪	▪	▪	1	500	
Confessionários			▪	1	19	
Sacristía			▪	1	21	
Arrumos			▪	2	8	
Espaço sacrário		▪	▪	1	34	
CENTRO DE DIA						331

A actividade diária da paróquia realiza-se por isso, maioritáriamente, na igreja provisória de S. José, construída em 1966 junto ao centro cívico no centro do bairro.

Vislumbrar um futuro possível para a igreja respondendo aos desígnios da actual paróquia de Olivais Sul exigiu, naturalmente, a definição de tais necessidades. Nesse sentido, a entrevista ao actual pároco[54] permitiu precisar alguns dados sobre o quotidiano da comunidade, que informaram a construção do programa:

▪participam semanalmente na catequese cerca de 400 crianças e 44 catequistas;

▪ocasionalmente toma parte nas actividades da paróquia um agrupamento de 80 escuteiros;

▪existe uma cantina social para o apoio de famílias carenciadas;

▪um centro de dia e apoio domiciliário auxilia 35 utentes;

▪criou-se há mais de vinte anos uma academia sénior, universidade para a terceira idade, com cerca de 300 alunos. Esta tem vindo a revelar-se determinante no combate ao isolamento social dos mais velhos;

▪nem a igreja paroquial, nem a igreja provisória de S. José dispõe dos espaços necessários para a actividade diária da paróquia, pelo que já se reúnem esforços para a construção de uma nova igreja, no lugar da igreja de S. José.

Numa perspectiva de economia da solução a projectar, optou-se pela preservação do programa existente nos respectivos espaços – igreja, espaços de reunião, sala polivalente e capelas mortuárias – visando, numa primeira fase de intervenção, tirar maior proveito da sua circunstância sem incorrer a alterações de maior.

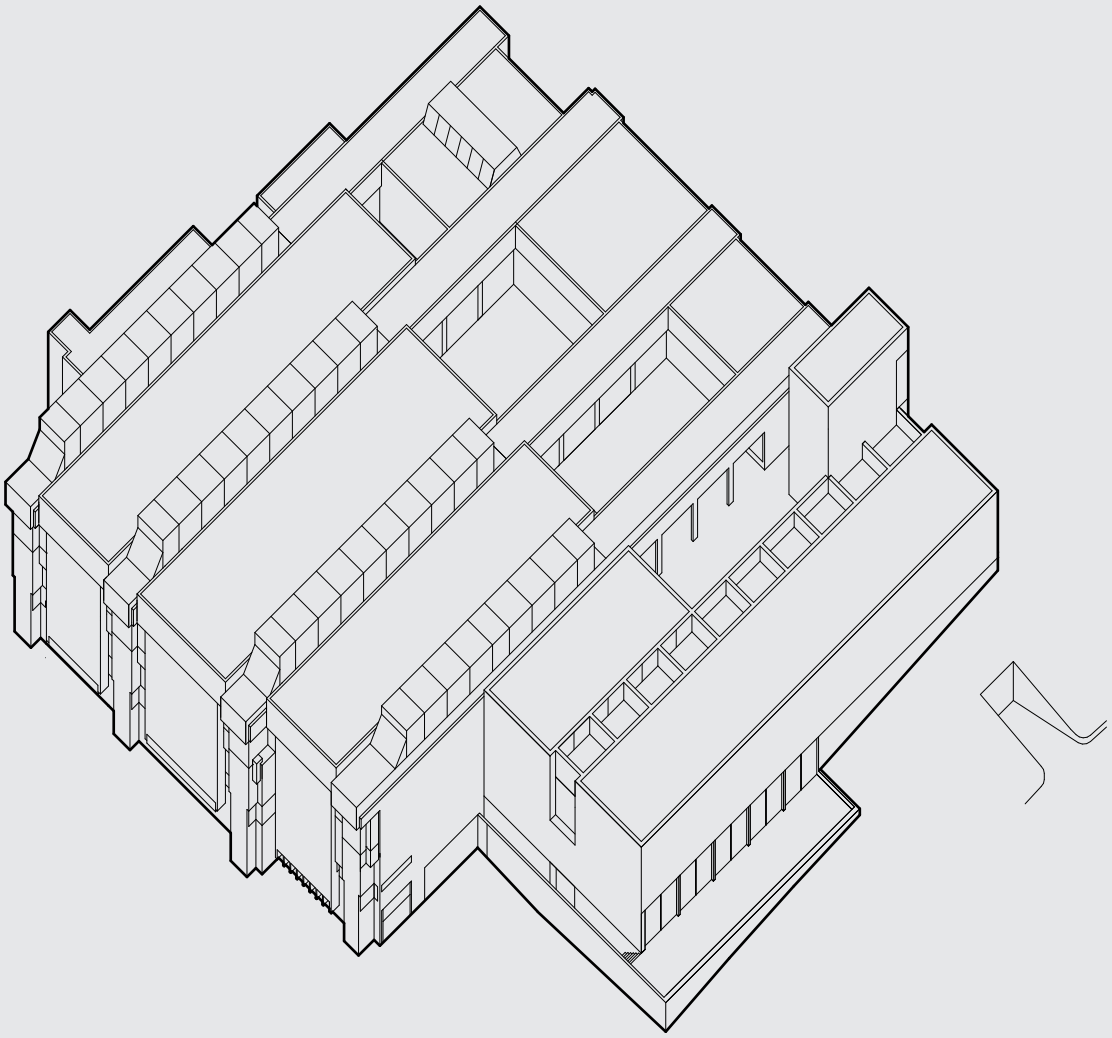
O programa prevê, no entanto, a reformulação das capelas mortárias, bem como da área de reunião e catequese no piso superior, que se quer como espaço único, divisível em pequenos núcleos, com recurso a dispositivos móveis.

54 Machado, Pe. Bruno. em “Igreja Paroquial De Olivais Sul Assinala 30 Anos - Uma Igreja Que Se Prolonga” [entrevistado por Diogo Paiva Brandão] (acedido a 19.05.2020).

Recepção	▪	▪	▪	1	25	
Workshop	▪	▪	▪	3	25	
Sala de estar	▪	▪	▪	1	105	
Arrumos		▪	▪	1	25	
Instalações sanitárias	▪	▪	▪	2	17	
Administração	▪	▪	▪	1	25	
Vestiário I Instalações sanitárias do pessoal		▪	▪	1	17	
ESTACIONAMENTO (8 lugares)						350
ÁREA TÉCNICA EXISTENTE						142
Posto técnico	▪			1	10	
Posto técnico	▪	▪	▪	1	53	
Posto de transformação	▪			1	26	
Central de aquecimento e ar condicionado	▪	▪	▪	1	53	
NOVA ÁREA TÉCNICA						162
Grupo gerador de emergência		▪		1	34	
Cisterna e grupo de bombagem		▪		1	34	
Central térmica		▪		1	34	
UTAS I Chiller	▪	▪		1	60	
ESPAÇOS EXTERIORES						422
Pátio 1				1	278	
Pátio 2				1	114	
Pátio 3				1	30	
ÁREA ÚTIL TOTAL						4411m2

Numa fase subsequente da intervenção será criado um novo volume organizado em três pisos - um centro de dia para cerca de 50 utentes e espaços de workshop para a academia sénior, associados ao restante programa paroquial à cota superior; um refeitório e serviços anexos como prolongamento da sala polivalente no piso intermédio; e lugares de estacionamento para o pessoal e tomada e largada de passageiros, bem como as áreas técnicas ao serviço da nova construção, no piso inferior.

Estipula-se portanto, a consolidação do programa paroquial existente e aglutinação de um programa polivalente mais vasto, que conta com a ampliação significativa de uma área adequada para eventos sociais, culturais, ou desportivos, passível de se autonomizar, cujas receitas possam reverter a favor da paróquia.

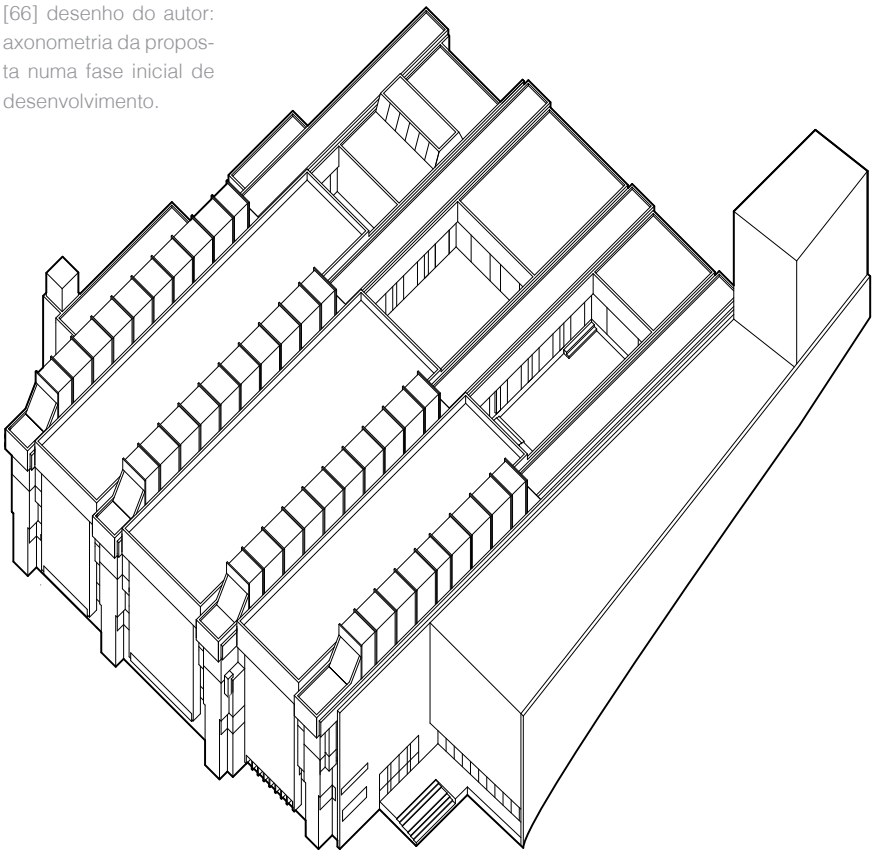


2025

Rumo a um futuro imaginado, dá-se primeiro sinal da dificuldade experimentada no caminho, a partir de duas reflexões que acompanharam desde cedo o projecto, alimentadas por algumas leituras e obras de referência. Designadamente, a respeito da procura por uma economia de meios, e das ponderações suscitadas em torno da reabilitação de um edifício quinquagenário, que aqui se expõem em maior profundidade.

Segue-se uma memória descritiva alongada que descreve, por fim, um cenário possível para esta igreja em 2025, alicarçado na investigação que o precedeu, e acompanhado pelas representações da proposta - fotografias de maquete, desenhos, perspectivas e esquemas demonstrativos da solução de projecto.

Começa por se abordar o edifício como um todo, explanando uma estratégia global, pormenorizando depois as transformações previstas para cada espaço em particular, organizadas segundo as duas fases que se prevêm para a intervenção.



[66] desenho do autor: axonometria da proposta numa fase inicial de desenvolvimento.

Desde cedo nos é incutido em arquitectura, que resolver um problema com apenas um traço, será melhor que resolvê-lo em dois ou três. Esta, que poderia ser a epígrafe da procura por uma economia de meios, revela uma preocupação que excede, no sentido literal da expressão, a contenção de custos, que se detém igualmente na procura da síntese, do gesto significativo, do modo mais elegante de resolver determinado problema. Uma economia de meios extrapassa, portanto, o sentido utilitário ao qual à primeira vista se aparenta cingir.

Como nos relembra Éric Lapierre, autor do livro "Economy of means: How architecture works", a busca por uma elevada tensão formal e conceptual, além de outras manifestações artísticas onde essa correlação se torna mais evidente, encontra igual ressonância nas disciplinas científicas, às quais vulgarmente não associamos qualquer interesse formal.

"[N]a matemática, por exemplo, uma evidência é considerada elegante quando é particularmente concisa ou original – quando se baseia, por exemplo, em teoremas que não aparentam, à primeira vista, estar relacionados. Portanto, ao julgar a qualidade de uma qualquer actividade, são sempre questões formais que se convocam."[55]

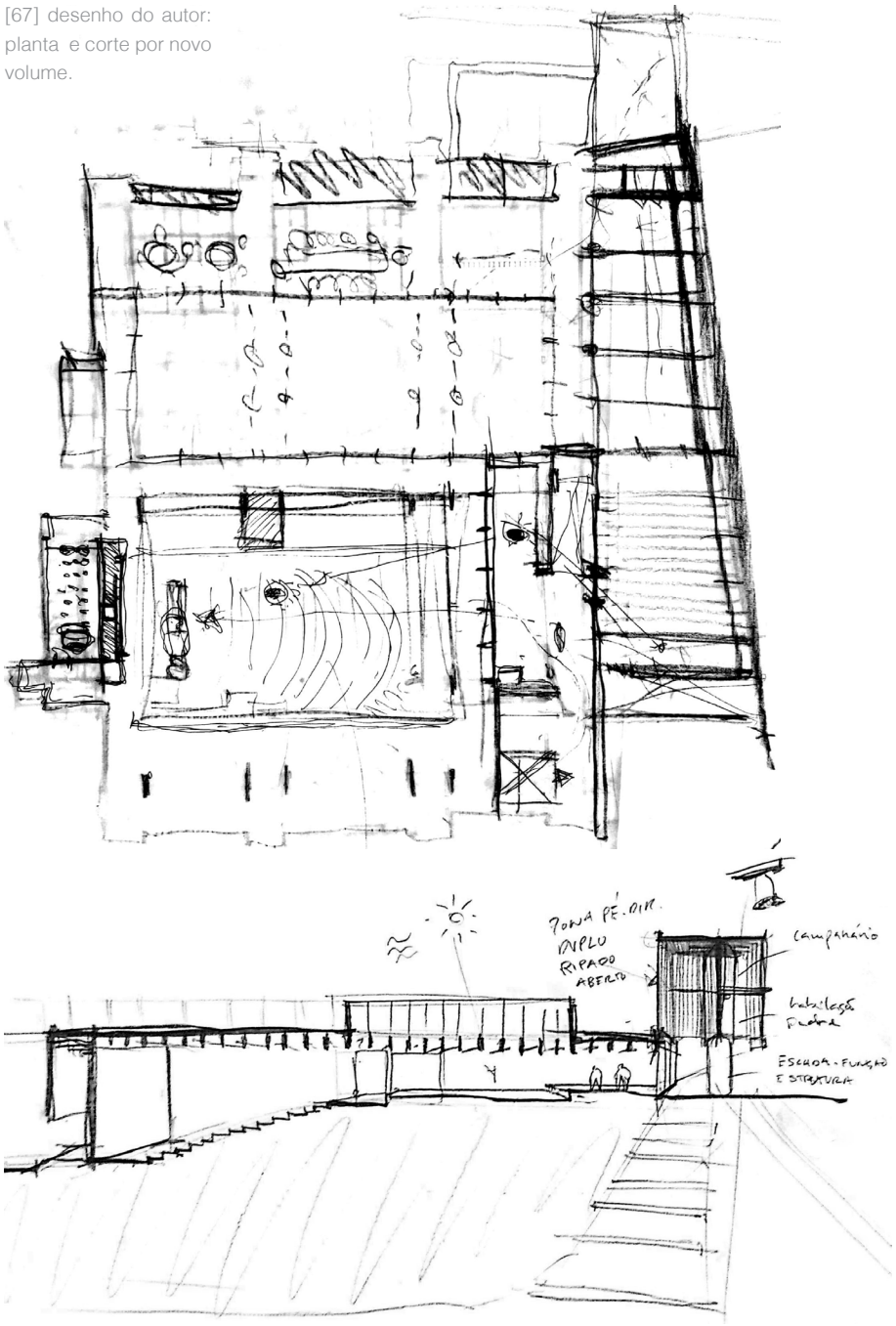
Tendo em vista uma economia de meios no sentido que se acaba de descrever, mas também porque os recursos limitados da paróquia de Olivais Sul assim o exigiam, numa primeira abordagem encarou-se decididamente esta premissa, porventura da maneira mais directa possível – poderia uma única parede resolver o projecto?

Os desenhos de uma fase inicial revelam justamente a vontade de fazer muito com pouco e, com recurso a um mínimo de gestos, tratar os problemas que prontamente se identificaram - a acentuada disparidade de cotas do terreno; a falta dos espaços para a reunião e convívio; e o difícil reconhecimento da entrada. Entre o edifício existente e um novo mural, proporcionava-se então um auditório que estabelecia a ligação entre pisos, uma extensa área divisível descomprometida no uso, e uma entrada veemente, encimada por um campanário.

Em "A modernidade superada" de Josep Maria Montaner, encontrou-se porventura a descrição mais concisa desta tendência teórica e projectual, que se detém na procura da síntese e alude ao minimalismo:

55 Lapierre, Éric. "Economy of Means: How Architecture Works". Lisboa: Lisbon Architecture Triennale, 2019. p. 13

[67] desenho do autor: planta e corte por novo volume.



Por esta altura estudou-se também a possibilidade de proporcionar um espaço exterior, único e regular, composto pela aglutinação dos vários pátios. Este implicava no entanto a demolição substancial e pouco criteriosa do existente.

"De facto, se o minimalismo tem sua referência mais importante nas esculturas dos autores do Minimal Art, a arquitectura contribuiu com um dos pensamentos chave. "Menos é mais" não se refere a uma moda ou nova tendência, mas a uma postura que foi usada ao longo deste século e constituiu um limite quase inalcançável: o desafio de conseguir emocionar sem recorrer a uma grande densidade de elementos decorativos e simbólicos, conseguir expressar o máximo com o mínimo de gestos, palavras, notas musicais e formas."[56]

Se esta solução de projecto em particular aspirava a um máximo de simplicidade tendo em vista a economia e elegância da solução, revelar-se-ia simplista na aproximação ao problema e sintomática da indefinição do programa por aquela altura. Algumas questões eram ignoradas por completo - fosse a indispensável distinção no tratamento de determinados espaços; a devida integração das áreas de serviço necessárias; a identificação criteriosa daquilo que se pretendia preservar ou, pelo contrário, transformar; ou a preocupação do ponto de vista urbano, adiando-se apenas a empena cega a norte, deixando sem destino uma porção de terreno considerável.

No argumento inaugural de "Complexity and contradiction in architecture", encontrou-se uma crítica semelhante, referente à obra de Mies Van Der Rohe, cuja capacidade surpreendente de síntese, segundo Venturi, resulta todavia de uma simplificação do problema, e da omissão de determinadas premissas que compõe o enunciado de um projecto.

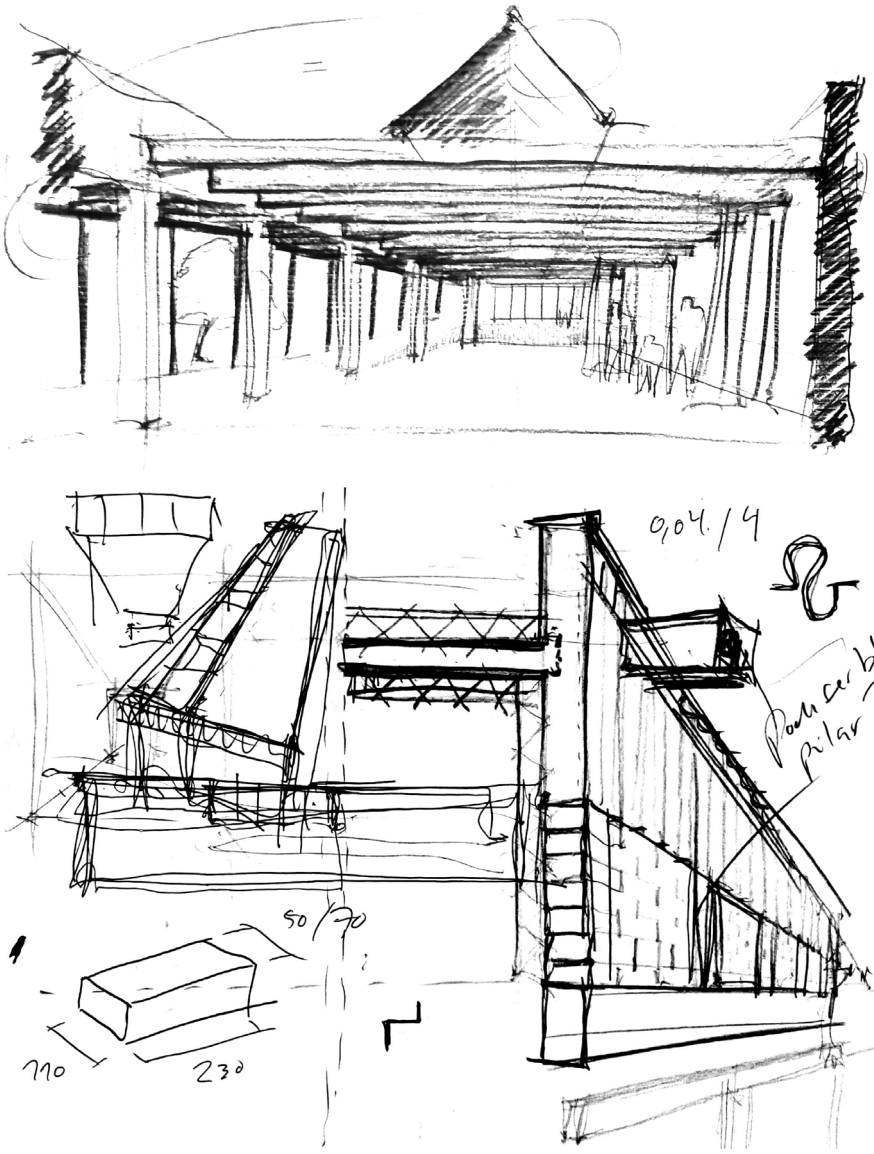
"Racionalizações no sentido da simplificação continuam actuais, ainda que mais subtis que os argumentos de outrora. São expansões do magnífico paradoxo de Mies Van Der Rohe, "less is more." (…) Efectivamente, trata-se de uma característica do século vinte que os arquitectos são muito selectivos ao determinar os problemas sobre os quais se querem debruçar. Mies, por exemplo, produz edifícios encantadores apenas porque ignora muitos aspectos de um edifício. Caso resolvesse mais problemas, seus edifícios seriam muito menos potentes."[57]

Portanto, naquilo que o autor considera ser a força maior da arquitectura de Mies reconhece, simultaneamente, a sua maior limitação. Do mesmo modo se chegou ao entendimento de que a sedutora força conceptual de "resolver com apenas um traço o projecto", não só deixava desamparados

56 Montaner, Josep Maria. "A Modernidade Superada". Barcelona: Gustavo Gili, S.A., 2001. p. 169

57 Venturi, Robert. "Complexity and Contradiction in Architecture". New York: The Museum of Modern Art, 2002. p.16

[68] desenhos do autor: novo espaço divisível e estudo construtivo para novo volume.



alguns cuidados fundamentais na articulação dos diferentes espaços, como limitava significativamente as opções de a explorar no interior.

A igreja de Olivais Sul pode ser ela mesmo tomada como exemplo de uma arquitectura complexa e contraditória, pela qual advoga o autor americano, abrangendo um conjunto complexo de premissas, por vezes conflituantes. Por exemplo, aspirando a uma presença digna, porém, dissociada da imagem vulgar de uma igreja; visando integrar num conjunto de espaços para o encontro social, um espaço de culto; conferindo protagonismo ao espaço perdido; ou procurando responder às necessidades então presentes, antevendo simultaneamente possibilidades utilização futuras. Uma "arquitectura para a apropriação" abarca assim uma multiplicidade de significações pertinentes, de difícil conjugação. O projecto trata a gestão do seu equilíbrio.

Se a resolução de um problema complexo com uma parede apenas aparenta corresponder a um ideal de síntese e de economia, incongruentemente, ignorava para esse fim a lógica deixada por Pedro Vieira de Almeida - recurso valioso à disposição.

Deste ponto de vista, a leitura de "Complexity and contradiction in architecture" desafiou uma concepção primária de uma economia de meios e, perante a circunstância particular na qual se intervém, incentivou a abarcar a complexidade do problema por inteiro.

Assim, entre Lapierre, Montaner, Venturi e Vieira de Almeida, tomou-se consciência da dificuldade, paradoxo por vezes, de ambicionar o máximo com um mínimo de meios. Certo será que a circunstância da actual paróquia exige essa ponderação, e que uma única parede não surge no seu melhor interesse, reflectindo por isso uma noção equivocada de uma economia de meios.

[69] interior do seminário de S.Pedro à data da sua inauguração (Cardross, 1966) . Atelier Gillespie, Kidd & Coia.

[70] seminário de S. Pedro, estado actual de ruína.

[71] seminário de S. Pedro , vista exterior.

A expressão "património histórico", no sentido que lhe atribui Françoise Choay, designa a acumulação contínua de objectos do passado destinados ao usufruto de uma comunidade. No que respeita às edificações, se esta serviu até à segunda metade do século XX para designar edifícios da antiguidade, edifícios religiosos medievais e alguns castelos, daí em diante referir-se-ia também a "testemunhos de um passado cada vez mais próximo (…) integrando em número cada vez maior o corpus patrimonial"[58] - é o caso da igreja paroquial de Olivais Sul. A sua reabilitação levanta dilemas próprios de uma intervenção em património moderno, questões abordadas na prática do projecto, e objecto de uma reflexão que se foi desenrolando em paralelo, da qual se pretende aqui tomar nota.

"É claro que se alcançou um certo nível de consenso no que diz respeito a práticas de preservação, que será em grande parte verdade no campo da arquitectura antiga. Não obstante, o número de edifícios modernos que precisam de ser preservados é ainda mais importante – e, para lá dos trabalhos icónicos e de destaque, não deveremos esquecer-nos da importância de conservar os "fragmentos imperfeitos".[59]

Tendo em conta o legado vastíssimo de edifícios do século vinte, muitos dos quais carecem hoje de uma intervenção, numa óptica de economia e sustentabilidade global, Maristella Casciato, à data presidente da organização Docomomo[60], remetia para a necessidade de conservar além dos ícones, os "fragmentos imperfeitos" dessa herança.

Os ensaios de alguns arquitectos experimentados na reabilitação de património moderno, nomeadamente, por ocasião da décima conferência da Docomomo, deram conta de algumas abordagens dissonantes, ou detidas sobre diferentes preocupações. Mhairi McVicar e Cristian Suau, por exemplo, recuperam o debate gerado em torno da reabilitação de um seminário abandonado em Cardross na Escócia (1966), que reverbera o tom de uma discussão mais alargada a respeito da intervenção em edifícios do mesmo período.

58 Choay, Françoise. "A Alegoria Do Património". Traduzido por Luciano Vieira Machado. São Paulo: Editora estação liberdade, 2001. p. 240

59 Casciato, Maristella. em "The Challange of Change: Dealing with the Legacy of the Modern Movement." [artigo apresentado ocasião da décima conferência internacional da Docomomo], Países Baixos, 2008. prefácio, xiv

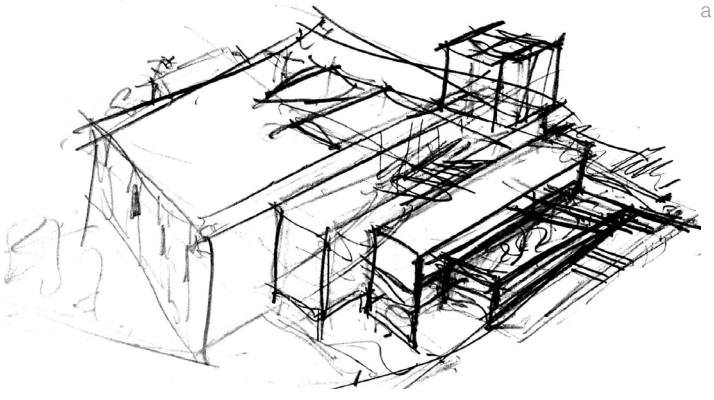
60 Organização sem fins lucrativos cujo nome completo, traduzido, é Comitê Internacional de Documentação e Conservação de Edifícios, Sítios e Bairros do Movimento Moderno.

[72] teatro de Marcello (Roma, 12.a.C - séc. XVI)

Distinguem-se claramente dois tempos de constução. O final da construção do teatro data do ano 12 a.C, o palazzo Savelli-Orsini ocupa parte do edifício desde o século XVI. Ambos se complementam numa leitura contrastante.

[73] mosteiro dos jerónimos (Lisboa, séc. XV - séc.XX)

Por detrás da unidade do Mosteiro dos Jerónimos subjazem vários tempos de construção - de João de Castilho, a Diogo Boitaca, a Diogo de Torralva, a Nicolau de Chanterene, a Jerónimo de Ruão, às intervenções dos séculos XIX e XX,



[74] desenho do autor: estudo de ampliação da igreja de Olivais Sul.

Opõe-se duas facções. Uma das quais, a favor da conservação da memória arquitectónica do ícone do modernismo escocês, recuperando o seu estado original, assumindo porém que cessou funções, como se de um museu se tratasse. Outra entende-o como objecto a valorizar através da adaptação a um novo programa de habitação, admitindo as transformações necessárias para esse fim.

Restituir os edifícios a um estado de graça, replicando por vezes pormenores que não servem os desígnios de conforto actuais, tem sido uma prática corrente na reabilitação de uma herança moderna. “O museu, que era uma instituição”, como relembra Françoise Choay, “tornou-se uma mentalidade”[61]. Esta prática levanta no entanto problemas de economia.

Devolver o seminário de Cardross à sua condição original, sem destino utilitário que não o de museu, dependerá sempre da vontade política, ou de um grupo selecto de entusiastas comprometidos nesse sentido. De outro ponto de vista, coloca-nos também perante um dilema de autenticidade, ou de coerência - fará sentido perpetuar uma arquitectura cuja vocação seria justamente ser transitória ou adaptável?

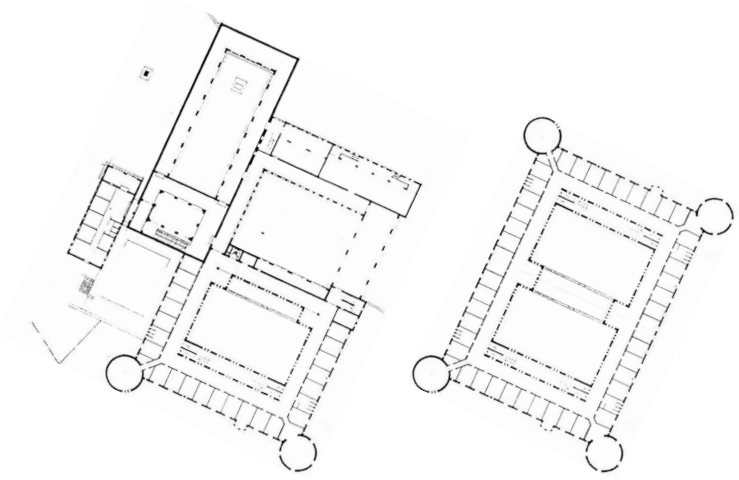
Em contrapartida, entender o seminário de Cardross como estádio de arquitectura em constante progresso, permite que se adapte aos desígnios cambiantes do mercado, e de um maior número de possíveis utilizadores. Tal abordagem debate-se porém com outra difícil gestão, entre a continuidade, ou seja, aquilo que se deverá manter, e o que, necessariamente, será sujeito a transformação em função das necessidades do presente.

Considerando genericamente as obras de arquitectura de outros períodos da história das quais hoje somos herdeiros, constata-se que elas compõe usualmente o somatório de várias vontades, de vários intervenientes, por vezes com séculos que os distanciam. A título de exemplo, ao teatro de Marcello em Roma cujo final da construção data do ano 12 a.C., sobrepôs-se no século XVI o Palazzo Savelli-Orsini, contrastando com o antigo edifício e deixando bem patentes dois tempos de construção. Já a unidade do mosteiro dos jerónimos, atenua pelo contrário a sobreposição de vários tempos , contributos encadeados, que a um olhar desatento poderão até passar despercebidos. Fixar um qualquer edifício em determinado momento impedindo que este se adapte, não parece constituir certamente a única forma válida de preservar a sua memória histórica.

61 Choay, Françoise, Op.cit. p.247

[75] entrada no mosteiro beneditino (Vaals, 1922-1988) pojecto original de Dominikus Bohm e ampliação de Dom Hans Van der Laan.

[76] planta do mosteiro beneditino em Vaals



[77] esquema do autor: planta interpretativa do mosteiro beneditino de Vaals, desenvolvimento espectável de acordo com o projecto de Dominikus Bohm.

Tomando ainda o exemplo da ampliação do mosteiro beneditino em Vaals, nele se encontrou perfeitamente ilustrada a possível relação de simbiose entre duas intervenções, tendo acompado o trabalho como referência importante.

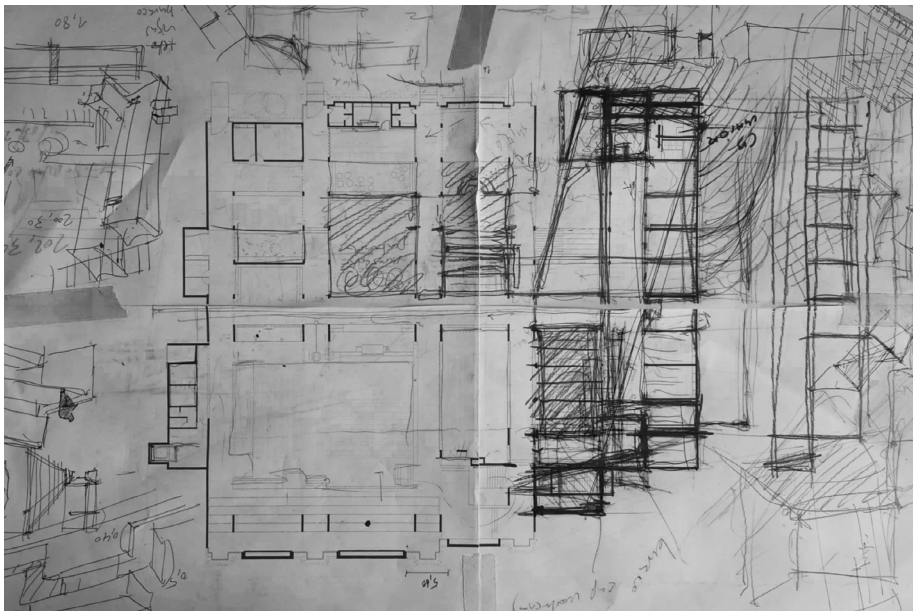
Tal como consta em Olivais Sul, também em Vaals Hans Van Der Laan se deparou com a lógica clara de um edifício existente, um mosteiro, por concluir. Fê-lo contudo de maneira surpreendente. Integrando o corpo de uma nova igreja, uma biblioteca e serviços anexos, desenhou e sinalizou a entrada para o complexo a poente, e completou a lógica precedente proporcionando dois novos pátios que medeiam os diferentes corpos. Trata-se de uma construção manifestamente nova, no desenho, em escala e no tratamento. Permite, portanto, a leitura clara entre os dois momentos de construção e, no entanto, ambos se articulam num vínculo de fecunda independência. Qualquer um perderia sem a presença do outro.

Entre as referências que se evocaram, o entendimento da intervenção em património como exercício de colaboração entre vários intervenientes, por oposição à noção de obra acabada, intocável, veio ganhando força ao longo do presente trabalho, sobretudo atendendo ao caso de estudo. Noção que, curiosamente, se encontraria claramente articulada num texto do próprio Pedro Vieira de Almeida:

"Poderei talvez dizer à partida em relação ao património, que o erro, segundo penso, não estará tanto em não se atender como se deveria, aquilo que constitui o património "espiritual" nem estará em considera-lo como herança que também o será pelo menos em parte.(…) O erro está por um lado em o fazer com exclusividade, o que logo se reflete no facto de nos autorizarmos a julgar que o podemos aceitar de maneira incrítica, como uma doação, num esquema de preguiçosos automatismos culturais, aí abrindo de facto as vias para uma genérica desresponsabilização colectiva neste sector. (…) Neste sentido temos pelo contrário de valorizar o nosso contributo específico enquanto receptores não passivos (...)"[62]

No que diz respeito à igreja de Olivais Sul, tendo por objectivo que esta se mantivesse como tal embora provida de novos espaços, viria a reconhecer-se o valor de uma lógica já implementada e favorável a uma evolução faseada. Nesse sentido, o trabalho passou em grande medida por tentar compreendê-la e dar-lhe continuidade. De outra parte, atestar o desfasamento entre o ideal a sua concretização, significou uma liberdade acrescida para a ruptura pontual dessa lógica, conforme se julgou necessário.

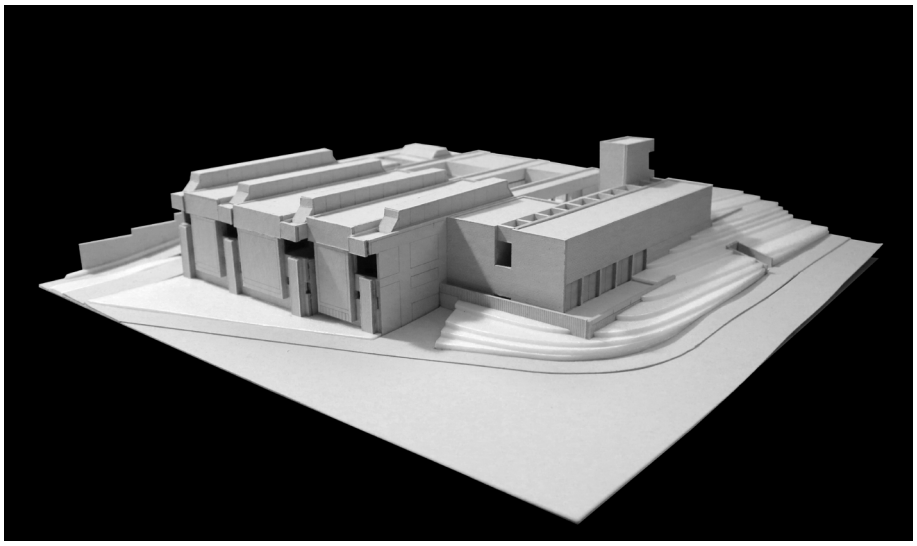
62 Almeida, Pedro Vieira de. "Dois Parâmetros De Arquitetura Postos Em Surdina". Porto: Centro de Estudos Arnaldo Araújo, 2010. p. 72

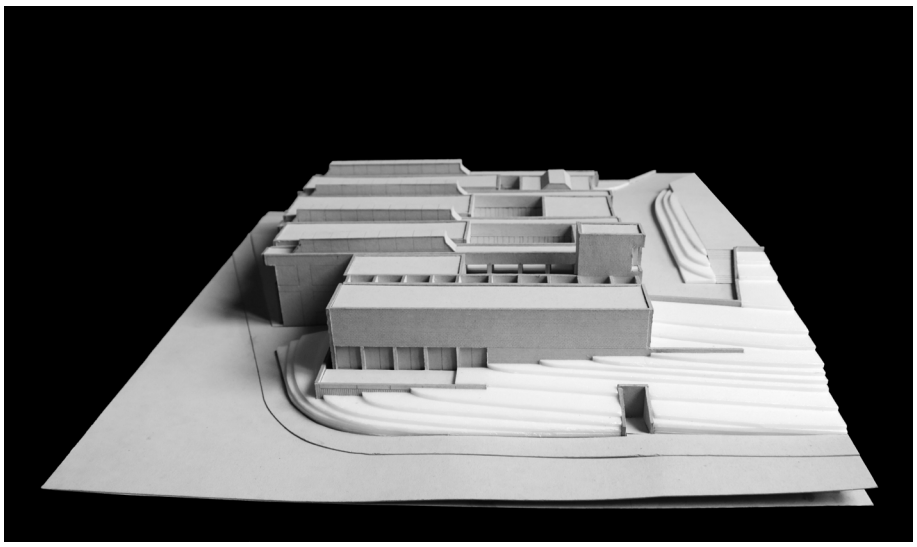


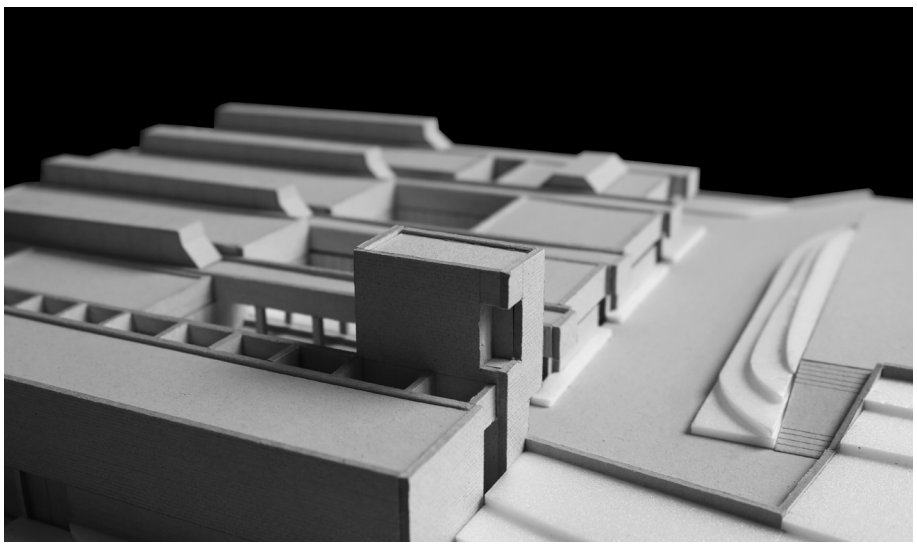
[78] desenho do autor.

Em retrospectiva, os desenhos de uma fase inicial da dissertação transparecem alguma avidez ao encarar o projecto revelando vontade de intervir e liberdade gratuita para transformar. Ao passo que o exercício foi sendo informado pelo estudo do edifício, e se adensou também o programa, os gestos rasgados e temerários da primeira abordagem, deram lugar a estudos mais ponderados, por um lado, informados pelo programa que se ia estabilizando, por outro, pelas próprias faculdades da pré-existência, reveladas pela investigação.

Ambas as ponderações que aqui se expuseram – a respeito da procura por uma economia de meios e da intervenção em património moderno - aparentemente dissociadas, confluem na intenção de encontrar o justo equilíbrio entre continuidade e ruptura, e de assim tirar maior partido da circunstância existente.







[79] fotografias de maquete, solução final de projecto.

O projecto convida a uma perspectiva optimista sobre a igreja paroquial de Olivais Sul, tanto pelo que é, como pelo que poderá vir a ser no futuro.

Definem-se duas fases para a construção. A primeira diz respeito à intervenção no existente, procurando valorizar o edifício sem incorrer em quaisquer alterações de fundo. A segunda corresponde a um novo volume, reinterpretando o sistema iniciado por Pedro Vieira de Almeida, ao encontro de uma intenção sua, entretanto perdida, de uma pequena urbanidade paroquial, ajustada às actuais necessidades da paróquia.

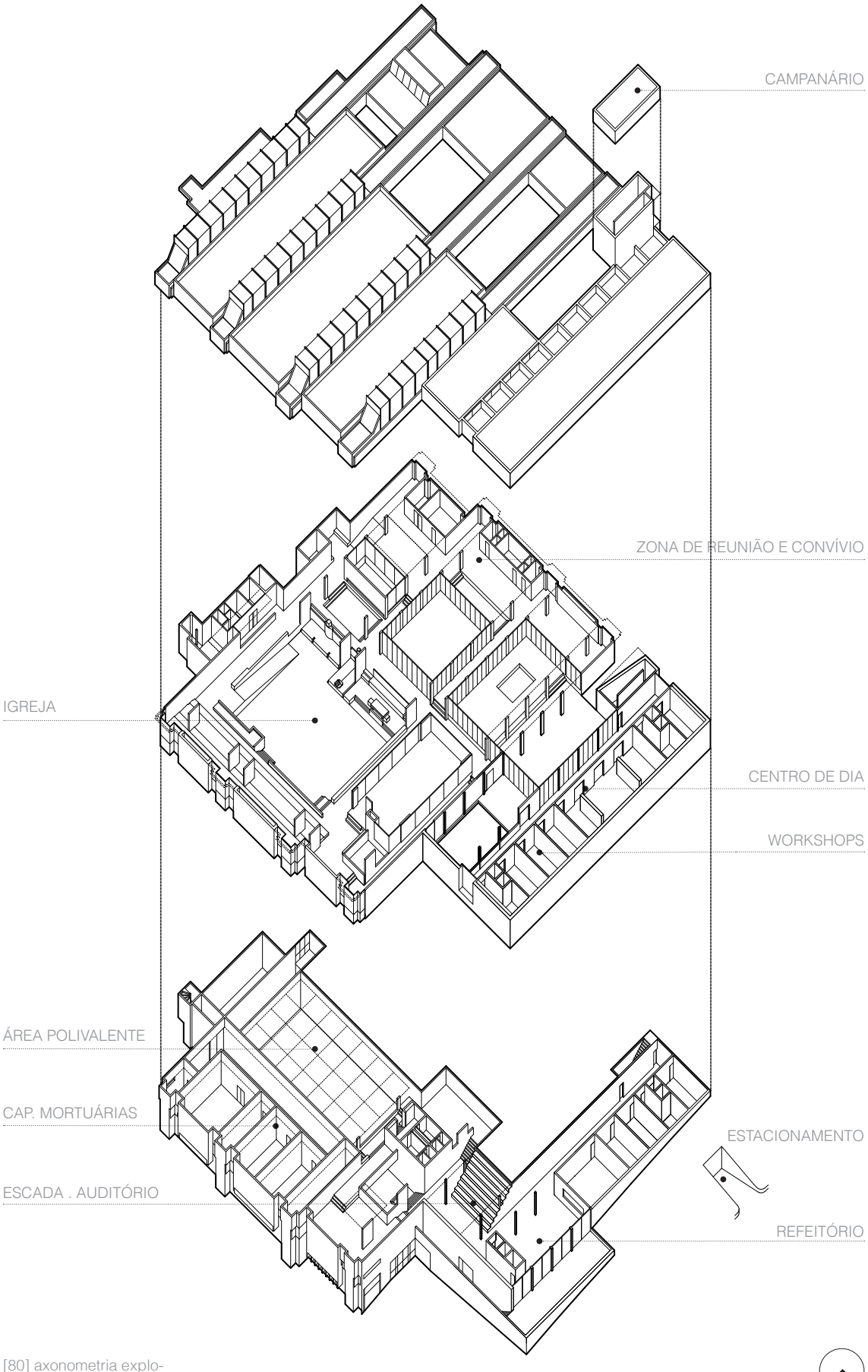
Evitou-se mimetizar a pré-existência, antes valorizando um diálogo fecundo entre dois tempos de construção. Do edifício existente retiram-se, no entanto, os ingredientes para a geometria e construção de uma futura ampliação.

O campanário faz o anúncio da entrada a poente. Entre o novo e o antigo é-se encaminhado até um pátio central que distribui para a igreja e restante programa paroquial no piso superior. À cota baixa, a nascente, dá-se a entrada independente para as capelas mortuárias e, no lado oposto, para o conjunto polivalente, capaz de se associar ao programa paroquial, ou de se autonomizar, contribuindo possivelmente como fonte de rendimento para a paróquia.

Numa altura em que a condição económica da paróquia limita as suas possibilidades, o principal obstáculo tornou-se um dos temas condutores do projecto. Uma atenção particular a uma economia de meios descreve por isso uma estratégia global - do faseamento da construção, à gestão do programa, às opções construtivas tomadas.

Partiu-se para o projecto com uma pluralidade de aspirações pertinentes - restituir a presença urbana digna de um edifício de marcada representatividade; desenhar uma entrada que se manifestasse com maior clarividência; gerir os acessos e utilização autónoma de três naturezas distintas de programa; e pensar a qualidade de cada espaço em particular, sem perder de vista a sua integração no conjunto mais alargado, bem como a economia da solução. O desafio passou em larga medida por abordar estas intenções, não como acções independentes, mas como parte integrante de uma estratégia holística comum.

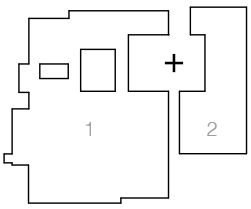
Num edifício onde por fim, se celebra a passagem a uma nova vida; se escuta a palavra de Deus; se educa os mais novos; se cuida dos mais velhos; se pode comer, beber, ou participar numa aula de karaté, cumpre-se porventura a pequena cidade que nunca chegou a ser.



[80] axonometria explodida da proposta.

Faseamento

Considerando a dimensão do edifício e o sempre elevado custo que uma intervenção global representará, prevê-se desde logo a possibilidade de realizar a construção em dois momentos.



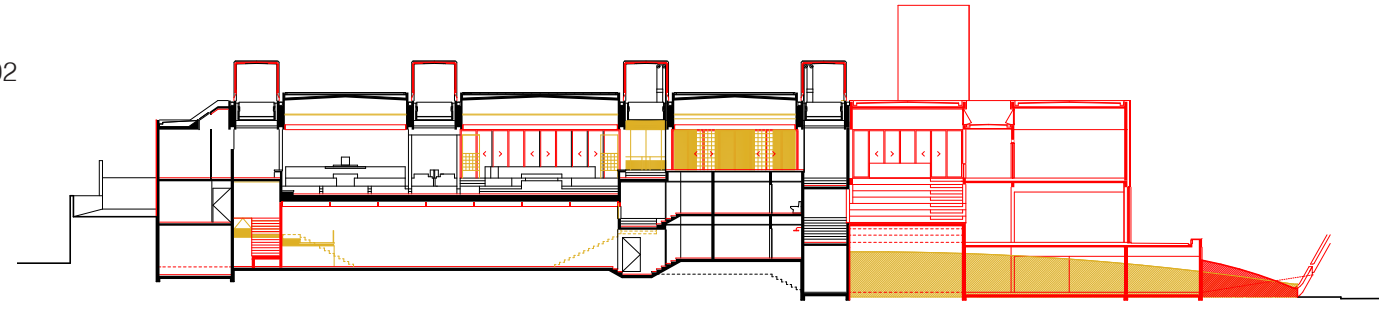
[81] esquema de faseamento da intervenção, sem escala.

O primeiro diz respeito à intervenção no existente, procurando valorizar o edifício sem incorrer em quaisquer alterações de fundo. Contempla, para o interior, a aplicação de um novo pavimento em betão leve; a substituição da caixilharia na relação com os pátios; a integração em diferentes instâncias de novos tectos em ripado de madeira; a reorganização da zona de catequese e convívio, bem como das capelas mortuárias; e a definição de uma nova entrada para o polivalente; pelo exterior, prevê o tratamento integral da fachada e a substituição dos blocos de vidro translúcido por uma nova caixilharia metálica, de vidro temperado.

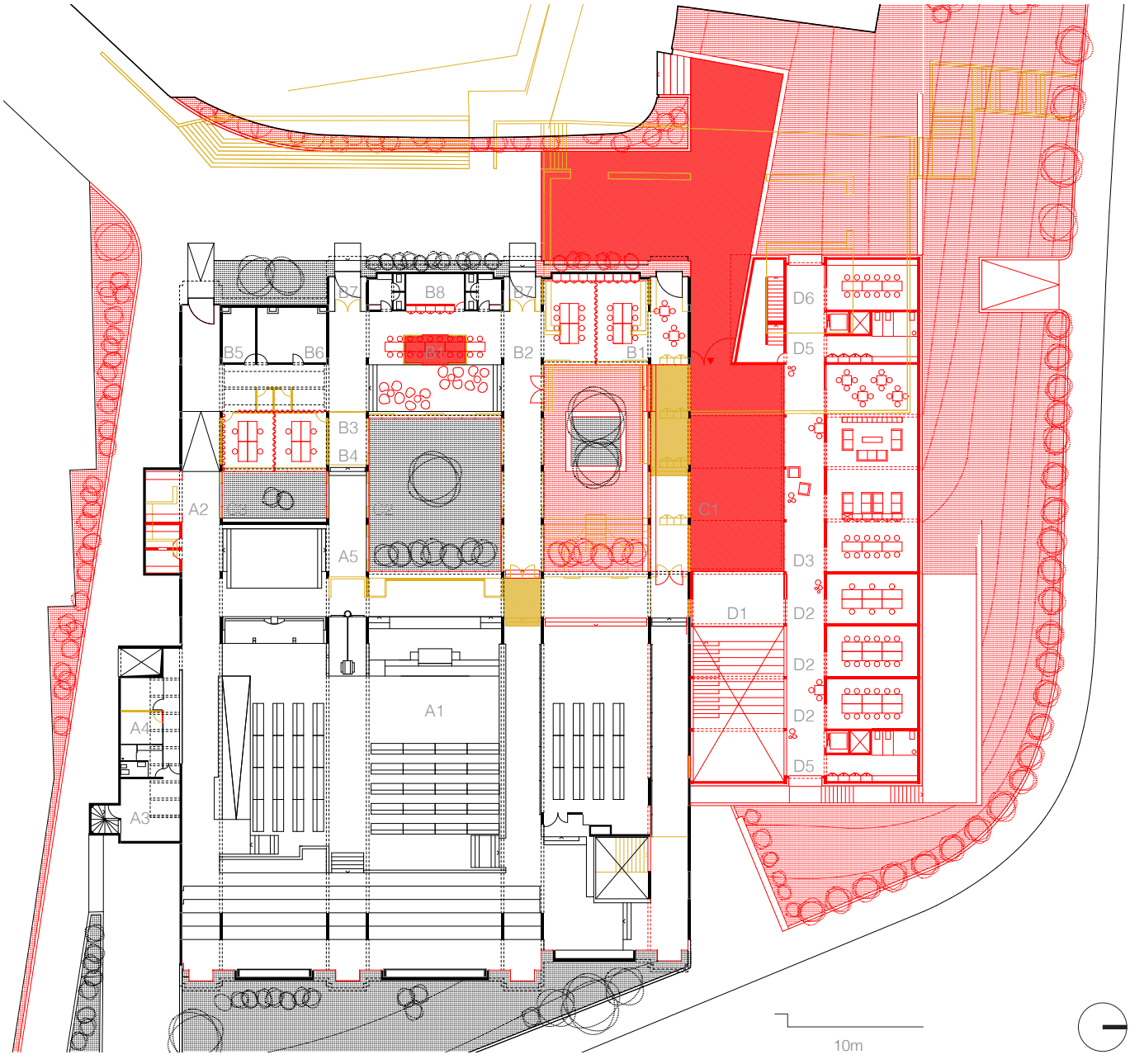
O segundo momento de construção corresponde à ampliação do edifício para o terreno adjacente e, consequentemente, ao tratamento da área verde da envolvente próxima. O novo volume abarca, no piso superior, o centro de dia e espaços para workshops para a academia sénior, no piso intermédio, um pequeno auditório e refeitório, e no piso inferior, estacionamento automóvel e áreas técnicas.

Acessibilidades

A complexa articulação entre cotas integrou para Pedro Vieira de Almeida uma estratégia de definição espacial, diferenciando a circulação dos espaços de permanência. Se nela reside em grande medida o interesse espacial do conjunto, simultaneamente, dela advém a imensa dificuldade em garantir no antigo edifício, o acesso a utentes com mobilidade reduzida a todos os espaços, estando ainda assim assegurada no piso superior a passagem – da rua à catequese, instalações sanitárias e igreja – por meio de duas rampas consecutivas que se mantêm. Já nos pisos inferiores, o complexo tratamento de cotas exigirá sempre a instalação de elementos mecânicos que garantam a acessibilidade.



[82] corte B, vermelhos e amarelos



[83] planta do piso superior, vermelhos e amarelos

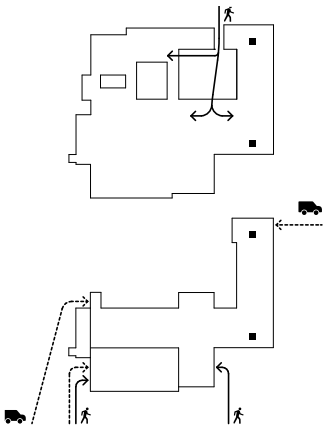
A igreja
A1 espaço litúrgico
A2 confessionários
A3 sacristia
A4 arrumo
A5 espaço sacário

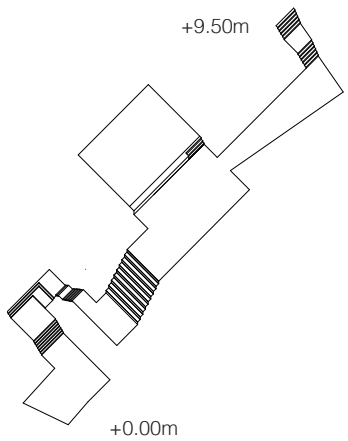
B areas de reunião e convívio
B1 convívio
copa
zona de leitura informal
B2 catequese 1
B3 catequese 2
B4 catequese 3
B5 reprografia
B6 gabinete
B7 instalações sanitárias
B8 arrumos

C espaços exteriores
C1 pátio 1
C2 pátio 2
C3 pátio 3

D centro de dia
D1 recepção
D2 workshop
D3 sala de estar
D4 arrumos
D5 instalações sanitárias
D6 administração
D7 sala do pessoal
D8 vestiário . i.s. do pessoal

Na segunda fase de intervenção, e porque o centro de dia se destina sobretudo a utilizadores de mobilidade reduzida, optou-se por não dar continuidade ao tema das variações de cota. Assim sendo, acede-se de nível, tanto à igreja, como ao centro de dia e workshops. Um elevador público e outro de serviço, estrategicamente posicionados, estabelecem a ligação entre os pisos.





[84] esquema de acessos, sem escala.

[85]esquemade atrevessamento do edifício, sem escala.

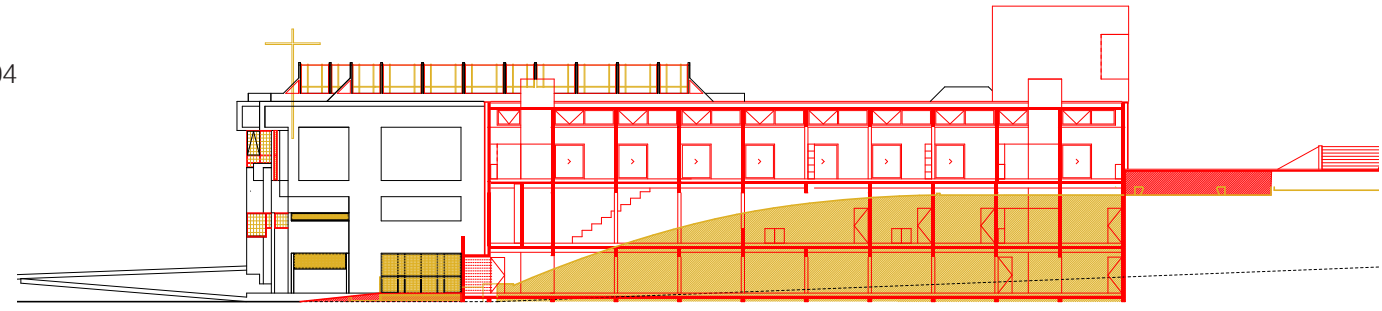
Acessos

Ambas as fases de construção compõem, no total, uma tríade programática que se quer, ainda que participante de um organismo único, independente. Definem-se então três acessos principais autónomos, e dois outros de serviço.

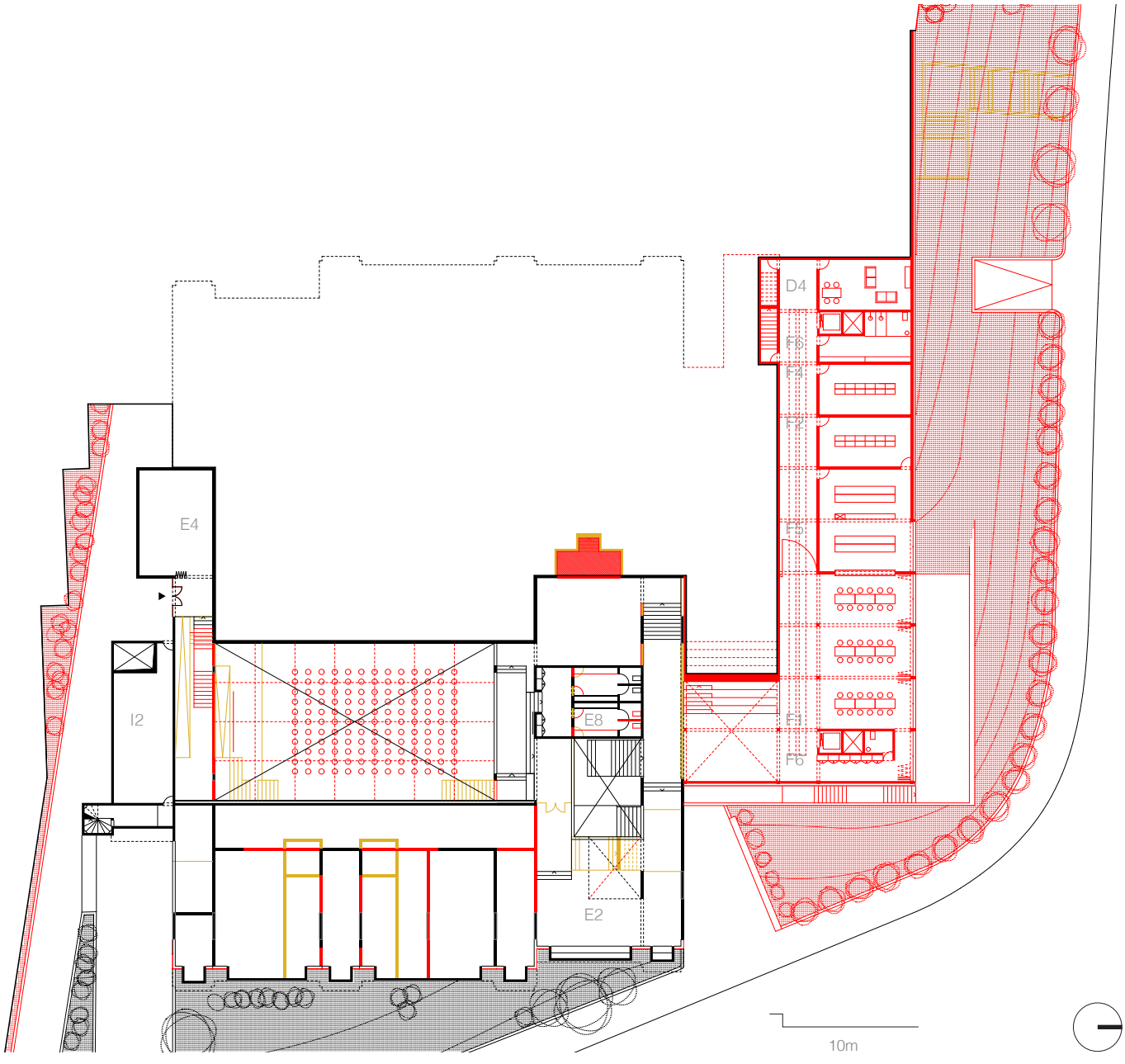
Respeitando a direcção da entrada actual pelo estacionamento à cota superior, proporciona-se o acesso a um um pátio central-adro, que distribui para os diferentes espaços do centro paroquial. Ao nível inferior, pela rua a Nascente, garante-se a autonomia do conjunto polivalente com uma entrada própria. A partir daí, uma sequência de escadas na qual se integra um pequeno auditório, forma um itinerário que atravessa o edifício e garante a comunicação com o piso superior, vencendo a acentuada disparidade de cotas, entres as ruas a nascente e poente.

Mantém-se a entrada independente para as capelas mortuárias, salvaguardando a privacidade que o programa requer.

Determinam-se ainda dois acessos de serviço. Um dos quais, a Sul, exclusivo da sala polivalente, directamente associado ao seu espaço de arrumação; o outro, a Norte, para cargas e descardas, recolha de lixos e entrada no estacionamento, com ligação aos restantes pisos através de um elevador de serviço.



[86] corte D, vermelhos e amarelos



[87] planta do piso intermédio, vermelhos e amarelos

D centro de dia
D4 arrumos
D7 sala do pessoal

E área polivalente
E2 espaço 2
E3 espaço 3
E4 arrumo do polivalente
E8 i. sanitárias
F refeitório

F1 zona de refeições
F2 cozinha
F3 compartimento de lixos
F4 dispensa
F5 instalações sanitárias

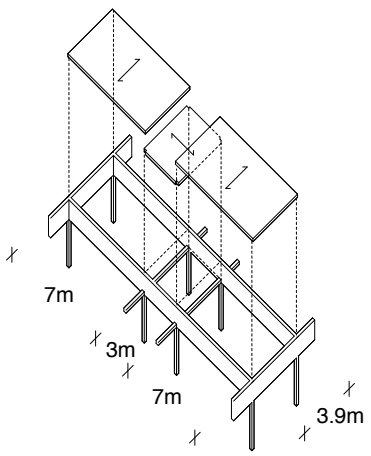
I Área técnica existente
I2 posto técnico

Estrutura

Para a ampliação do edifício, o material eleito é o betão armado pois possibilita tanto pelo interior, como pelo exterior, revestido com blocos do mesmo material, a unidade e coerência expressiva do conjunto.

Importa ainda salientar que é a partir do tema estrutural do edifício existente que se desenvolve a lógica da ampliação. Longitudinalmente, acrescentando dois novos pórticos, intermediados por um corredor sobre o qual é integrado um sistema de iluminação natural. Transversalmente, adoptando a métrica estrutural de 3,90m entre os eixos no encontro com o pátio, que se estende a todo o edifício, integrando no piso inferior, oito lugares interiores de estacionamento.

Tendo em vista a viabilidade económica da solução de projecto, assumiu-se como princípio não incorrer em quaisquer alterações à estrutura do edifício existente.

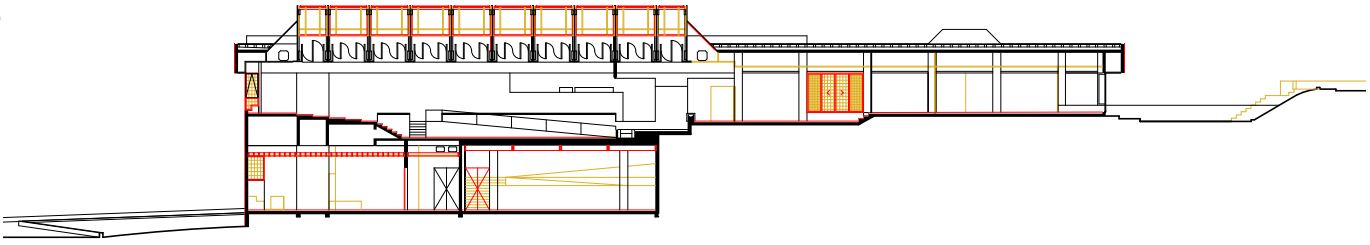


[88] esquema estrutural, sem escala.

Térmica

Ainda que se reconheça à partida que um bom desempenho térmico dependerá largamente das especialidades envolvidas numa fase de execução, procurou-se uma estratégia que contemplasse no projecto de arquitectura, além dos aspectos espaciais, um desempenho eficiente nesse sentido.

No caso do edifício existente, verificou-se a ausência quase total de isolamento, que compromete as condições de conforto dos espaços. Tendo em conta o esforço que representaria isolar termicamente todo o complexo, bem como a total disrupção da sua linguagem, assumiu-se desde logo que não se poderia garantir, para a pré-existência, condições



[89] corte A, vermelhos e amarelos

[90] planta do piso inferior . vermelhos e amarelos

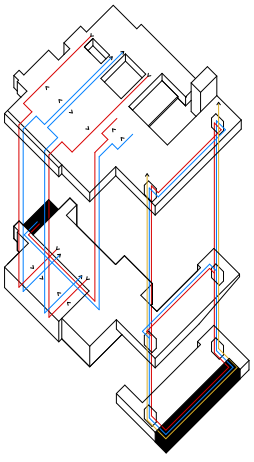
E centro de dia
E1 sala polivalente
E4 arrumo do polivalente
E5 recepção
E6 espaço 1 . átrio
E7 arrumo . bengaleiro
E8 balneários
F refeitório
F3 comp. de lixos
G serviços fúnerários
G1 capela mortuária 1
G2 capela mortuária 2
G3 capela mortuária 3
G4 instalações sanitárias
H estacionamento
H1 est. para bicicletas
I área técnica existente
I1 posto técnico
I2 posto técnico
I3 posto de transformação
I4 central de aquecimento e ar condicionado
J nova área técnica
J1 grupo gerador de emergência
J2 cisterna e grupo de bombagem
J3 central térmica
J4 UTAS . chiller

térmicas equiparáveis à nova construção, encontrando-se, no entanto, margem para as melhorar.

Tal melhoramento contará invariavelmente com um sistema de ventilação mecânica, pelo que se conservaram no projecto todos os canais de condutas e áreas técnicas associadas de um sistema já instalado, actualmente inutilizado, que deverá portanto ser recuperado ou substituído. Prevê-se ainda a revisão integral das caixilharias, de modo a evitar as recorrentes infiltrações e permitir a ventilação natural dos espaços, bem como o isolamento da cobertura.

As novas técnicas e materiais de construção permitem para a ampliação do edifício, criar as condições de conforto adequadas para receber uma população idosa por extensos períodos de tempo. Destaca-se a capacidade de inércia térmica do betão que, aliado ao isolamento térmico, garante um bom desempenho passivo, sem prescindir de um sistema próprio de ventilação mecânica.

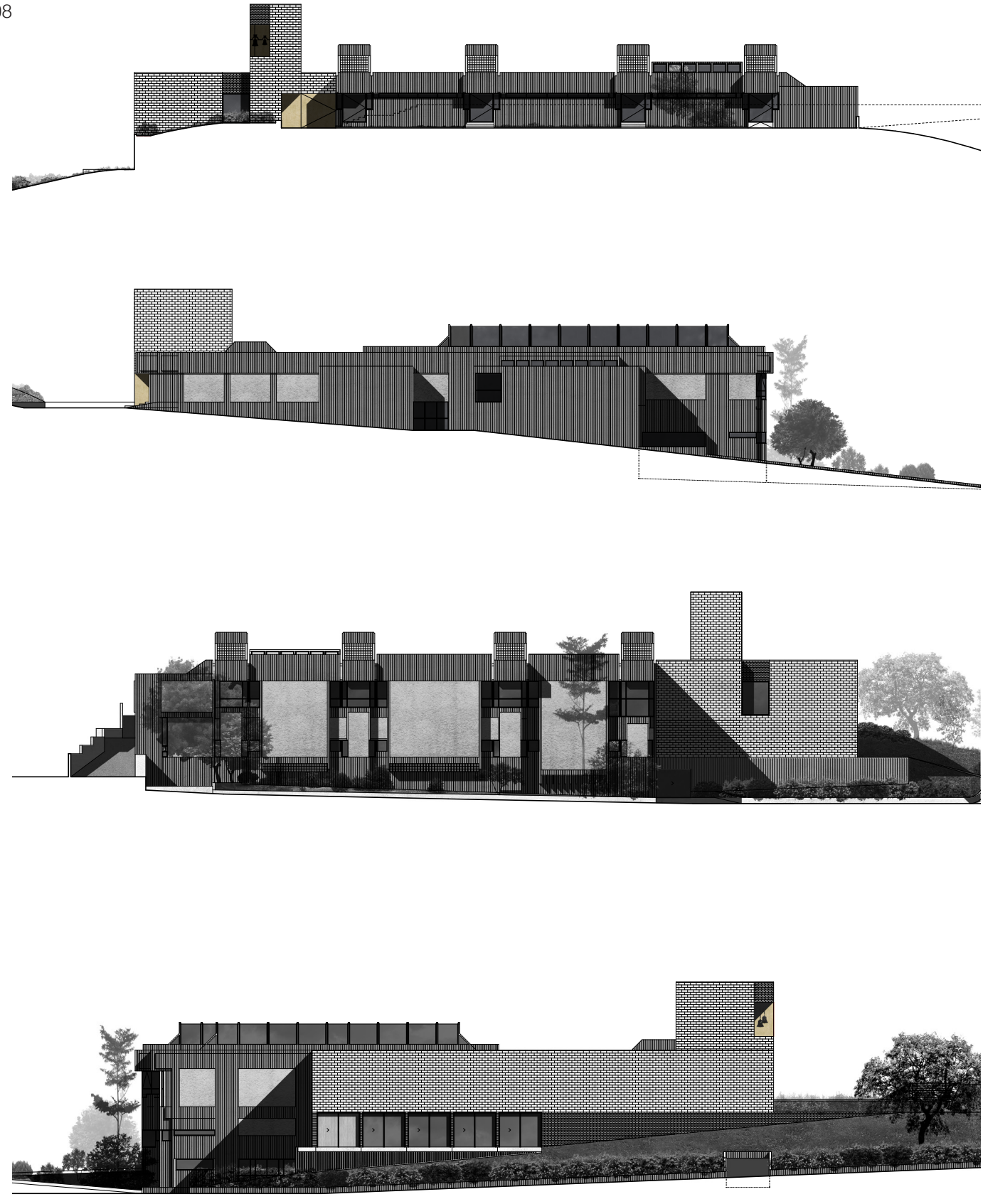
Importa ainda referir que, reinterpretando o tema das clarabóias do edifício existente, invertendo-as todavia, se proporciona a iluminação e ventilação natural para todos os compartimentos no piso superior, possibilitando o encerramento da fachada Norte. Sendo esta coerente com a expressão global do edifício, previne também eficazmente a perda de calor.



extracção
insuflação
chaminé
esquema infraestrutural
sem escala [91]

Fachada

Tendo em conta o actual estado de deterioração da fachada, prevê-se numa primeira fase de intervenção, o seu revestimento integral com uma camada de betão leve, salvo as superfícies em betão com acabamento rugoso, que se mantêm. Posteriormente, substituem-se os blocos de vidro por caixilhos de aro metálico preto e folha de vidro temperada, reforçando, pelo exterior, a sensação de vazio num conjunto marcadamente opaco.



[92] alçados poente, sul, nascente, norte. (sentido descendente)

10m

Evitando mimetizar a pré-existência, dela se retiram os ingredientes para as fachadas de uma futura ampliação. Desde logo, utilizando o betão em dois tons de cinzento de modo a fragmentar as vastas superfícies. Por outro lado, recorrendo como na pré-existência, a avanços e recuos, tirando partido dos jogos de luz e sombra. A contínuidade destes temas assegura uma leitura unitária entre os dois tempos de construção.

Numa lógica de deliberado anonimato, Pedro Vieira de Almeida dissocia o tratamento exterior da actividade no interior, que se manifesta pontualmente numa cruz e num campanário modesto. Não se verificando um momento de chegada inteligível que se considera que o programa requer, ergue-se um novo campanário que, em linha com a linguagem já estabelecida, faz o anúncio da chegada e formaliza o convite a entrar.

Tão relevante como as próprias fachadas são os espaços verdes que as circundam e assumem, no contraste com as superfícies de betão, um papel categórico na força expressiva do conjunto. Procurou-se dar continuidade a este tema, concretamente, desenhando a entrada a poente por meio de uma larga escada e inserção de uma faixa de terreno de forma a resolver a disparidade de cotas; e ainda, a Norte, tratando do terreno em função da ampliação do edifício, cujo muro e plataforma se prolongam até nele se acorarem.

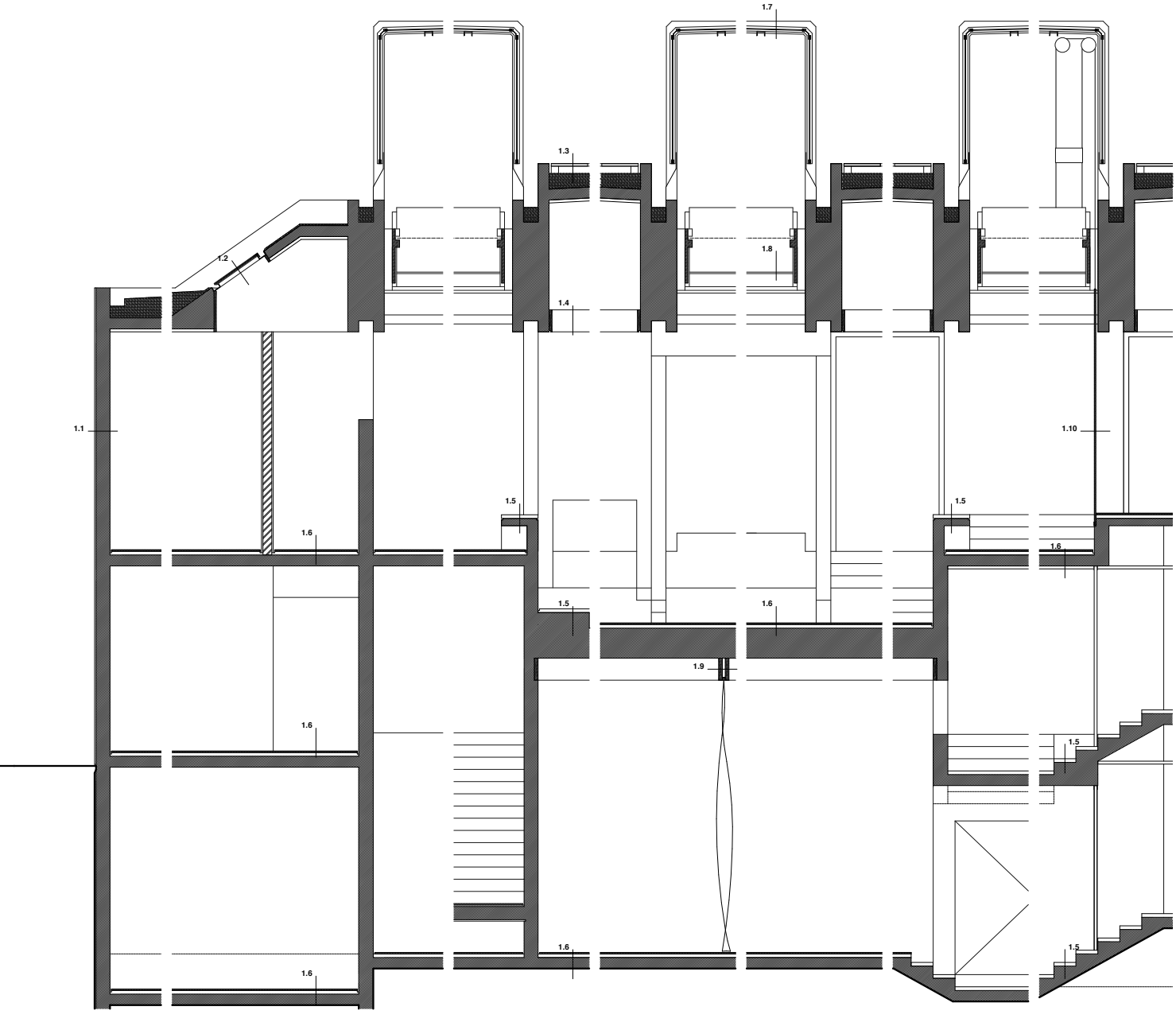
Economia

Procurou-se encarar a contenção de custos, não como impedimento, mas como tema condutor da solução de projecto.

Tendo o edifício existente como ponto de partida, nele se identificam qualidades que se pretende sublinhar e dele se retiram os temas que informam a estrutura, fachada e composição geométrica de uma futura ampliação. Obedecendo a uma lógica de economia, havia que tirar maior partido da situação existente.

No betão, encontra-se um material economicamente viável. Numa métrica estrutural de vãos nunca superiores a sete metros, os requisitos de uma construção económica.

O faseamento da construção, a par da autonomização parcial do programa , que poderá reverter a favor da paróquia, favorecem a longo prazo a gestão sustentável dos seus recursos.



1 m

FASE 1

1.1 novo revestimento em betão leve
parede de betão armado (e. 200mm)

1.2 novo caixilho metálico fixo com pintura a esmalte (preto) cf. originais

1.3 lajetas de betão (e.40mm)
tela betuminosa
camada de enchimento com pendente
laje de betão armado (e.150mm)

1.4 novo teto falso em ripado de madeira c.iluminação (e.20mm alt.300mm)

1.5 remate de em mármore branco (e.40mm)

1.6 novo revestimento de pavimento em betão afagado (e.20mm)
antigo revestimento em linóleo (carmim e branco, alternadamente)
regularização
laje de betão armado

1.7 novo caixilho metálico fixo com pintura a esmalte (preto)
c.f original

1.8 sistema manual de brise-soleil com placas de madeira rotativas existente (e.20mm)

1.9 novo teto falso em ripado duplo de madeira c.iluminação,
c.calha para cortinas (e.20mm alt.300mm)

1.10 sistema de madeira guilhotina existente a reabilitar (e.20mm)

FASE 2

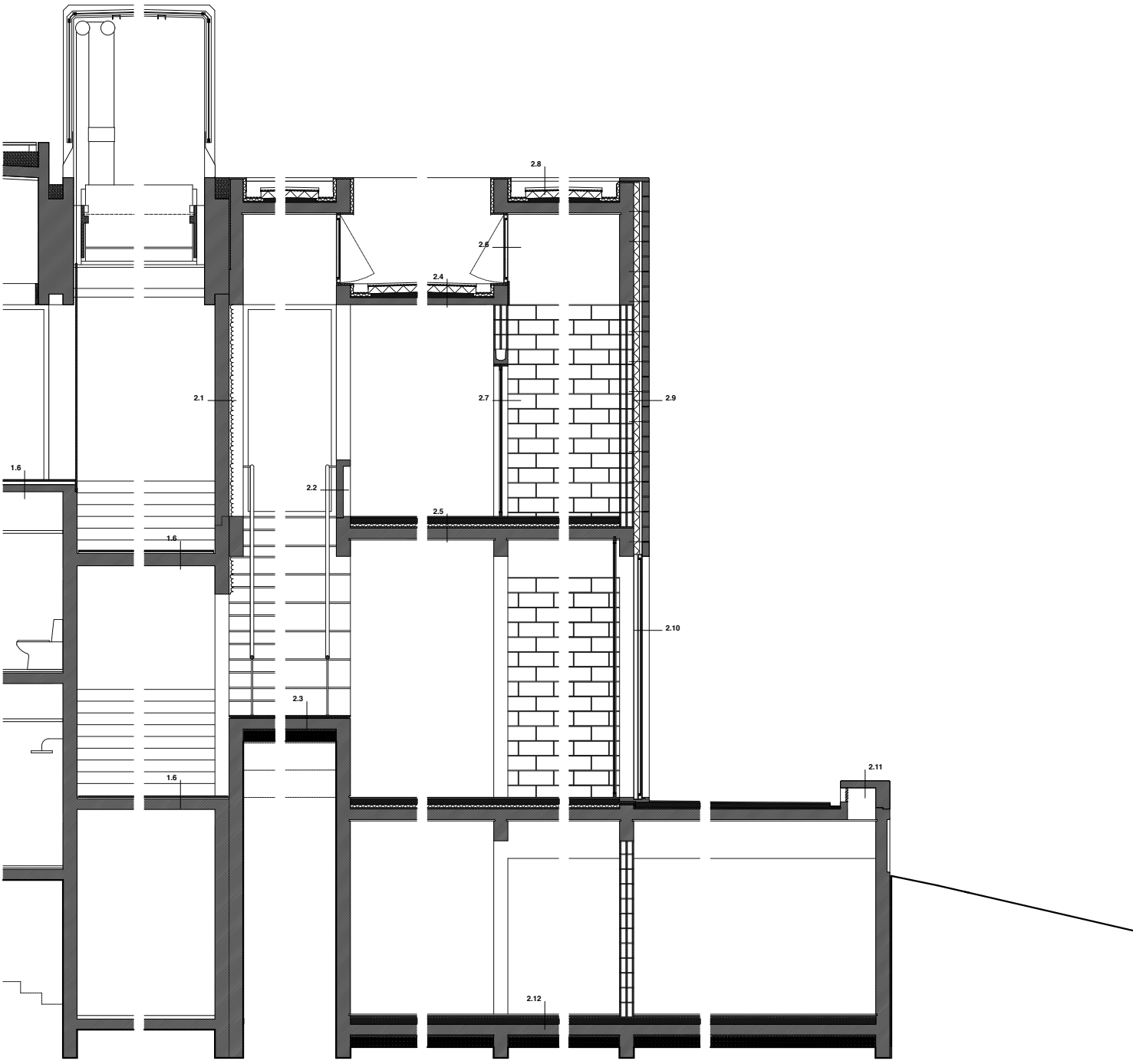
2.1 parede existente de betão com acabamento rugoso

2.2 corrimão em madeira (ø40mm)
apoios em tubulares metálicos com pintura esmalte preto (ø20mm)
parepeito em peça pré-fabricada de betão (e.100mm)

2.3 cobertura de escada-auditório em madeira (e.20mm)
regularização
laje de betão armado

2.4 chapa de zinco camarinha (e.2mm)
tela pitonada
roofmate (e.100mm)

FASE 1 FASE 2



tela pára-vapor
camada de enchimento com pendente
laje de betão armado (e.120mm)

2.5 acabamento em betão afagado (e.20mm)
regularização (e.80mm)
tela de polietileno
isolamento acústico (e.40mm)
regularizaçao
laje de betão armado (e.150mm)

2.6 caixilho metálico projectante com pintura a esmalte (preto)
cf. originais

2.7 porta de correr em folha de vidro e aro de madeira

2.8 chapa de zinco camarinha (e.2mm)
tela pitonada
roofmate (e.100mm)
tela pára-vapor
camada de regularização com pendente
laje de betão armado (e.150mm)

2.9 bloco de betão face à vista (500mm x 200mm x 200mm)
wallmate (e.80mm)
caixa de ar (e.40mm)
bloco de betão face à vista (500mm x 100mm x 200mm)

2.10 caixilho metálico de corrrer com pintura a esmalte (preto)
portada interior de madeira em harmonio

2.11 banco pré-fabricado de betão

2.12 acabamento em betão afagado (e.20mm)
regularização (e.20mm)
enchimento (e.80mm)
laje de betão armado (e.150mm)
geomembrana de impermeabilização
regularização (e.20mm)
sub-fundaçao de tout-venante (e.150mm)
terreno

[93] corte construtivo

[94] perspectiva interior
da igreja.

1 - tratamento integral da fachada com nova camada de betão leve;
2 - instalação de novos caixilhos na fachada;
3 - aplicação de um pavimento em betão afagado, em subtituição do actual pavimento
4 - instalação de novos caixilhos no contacto com os pátios;
5 - manutenção do sistema de ventilação mecânica existente;
6 - reorganização da zona de catequese e convívio;
7 - reorganização das capelas mortuárias;
8 - definição de uma nova entrada para a sala polivalente;
9 - integração pontual de novos tectos em ripado de madeira;

Igreja

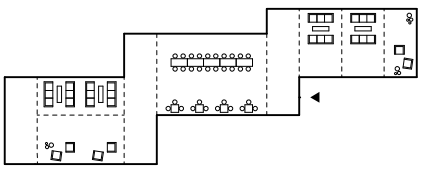
Chegando à igreja, é-se conduzido através de um eixo transversal, junto a uma extensa fila de arbustos, aos lugares da assembleia, ao espaço do sacrário e, por fim, aos confessionários. No espaço destinado aos ritos litúrgicos são poucas as alterações que, não obstante, se julga terem um impacto significativo. Reconhecendo no baptistério e altar de pedra mármore, uma qualidade escultórica admirável, optou-se por manter estes elementos. Preserva-se, portanto, também a tendência centralizante da disposição original, sugerindo todavia uma nova orientação dos bancos da assembleia lateral, obedecendo à ortogonalidade da planta, tal como se encontrou na igreja de Pastoor van Ars, de Aldo Van Eyck.

Propõe-se para este espaço, como é aliás intenção geral para todo o edifício, um novo pavimento em betão polido, que se julga mais ao encontro da expressão do edificado, por alternativa ao presente pavimento vermelho que, segundo se conhece, não terá sido previsto pelo arquitecto; e ainda, a instalação de um tecto em ripado de madeira, conforme a tonalidade das madeiras existentes. Este definirá uma zona de permanência e lhe atribui maior dignidade e conforto, resguardando as condutas de ventilação e filtrando a luz artificial.

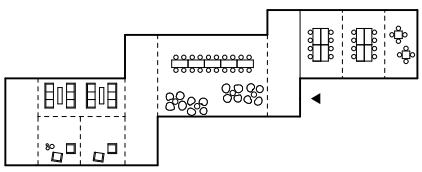
Porventura a maior alteração à experiência sensorial do espaço advém, no entanto, da relação de transparência que se estabelece com o exterior. A parede opaca por detrás do altar é substituída pelo mural verde do pátio, conferindo ao espaço uma nova amplitude, bem como uma nova luz, que hoje se considera escassa.

O espaço polivalente lateral elevado, vem sendo utilizado maioritariamente como área para onde se prolonga a assembleia e terá sido assim interpretado

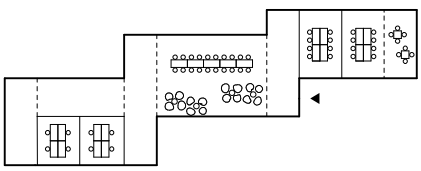
[95] perspectiva interior da área de reunião e catequese.



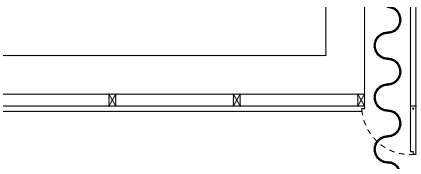
opção 1 . espaço aberto polivalente



opção 2 . convívio + 1 sala de catequese



opção 3 . convívio + 4 salas de catequese



esquema construtivo . cortinas recolhem para o plano da parede . sem escala

[96] esquemas de maleabilidade da área de reunião e catequese . sem escala

no projecto, sem o prejuízo de quaisquer outros usos que se-lhe possa dar. No sentido de favorecer a sua utilização, propõe-se a manutenção do sistema de painéis de guilhotina que o separa do espaço da igreja.

Junto ao sacrário, dada natureza introspectiva e contemplativa do espaço, optou-se por manter a parede que o separa do pátio adjacente e com ela, a qualidade sombreada daquele ambiente.

Finalmente, para os confessionários propõe-se a criação de dois espaços distintos - um dos quais, em linha com a tradição, encerrado e cumprindo a separação entre confessor e confessando; outro, mais informal, sob a forma de dois bancos, em relação directa com o pátio adiante.

Área de reunião e catequese

Respeitando a lógica que prevê, ou possibilita, a construção em dois momentos, procurou-se desde logo no primeiro, dar resposta tanto à actual falta de espaços para a catequese, como à ausência de um espaço para a reunião da vasta comunidade, em relação directa com os pátios exteriores.

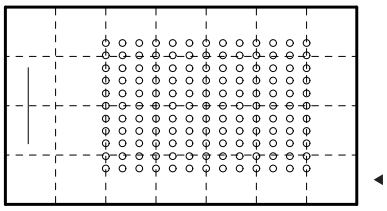
A demolição de alguns elementos, como seja o volume da antiga copa, a reprografia improvisada no corredor, duas pequenas instalações sanitárias e o gabinete do pároco, libertam um espaço de 325m2, denteado de um lado pelos pátios para os quais se abre, de outro, pelo avanço das paredes revestidas a madeira, que albergam dois gabinetes, entre eles, o novo gabinete do pároco, instalações sanitárias, arrumos e a bancada de uma nova copa.

A partir da estrutura do edifício determinam-se quatro núcleos para a catequese, e um maior para o convívio. Também aqui se propõe a instalação de tectos de madeira que, no contraste com o betão à vista, definem zonas de estar e lhes atribuem maior conforto. Neles se resolve um sistema de cortinas densas que possibilita a divisão expedita dos diferentes espaços, recolhendo quando conveniente para o plano da parede. Assim se recupera o tema da maleabilidade do esboceto de Pedro Vieira de Almeida, reinterpretando-o à luz das necessidades actuais, numa desejável informalidade espacial.

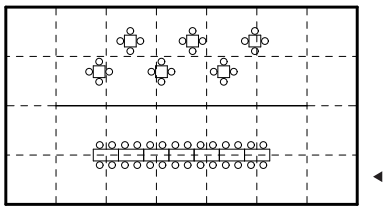
Espaço polivalente

No sentido de valorizar a sala polivalente no piso inferior, hoje utilizada para actividades de grupo da paróquia, e de a integrar num conjunto mais amplo de espaços, definiu-se uma nova entrada a Norte, fazendo uso do principal acesso à igreja previsto por Pedro Vieira de Almeida (tenha-se em conta que

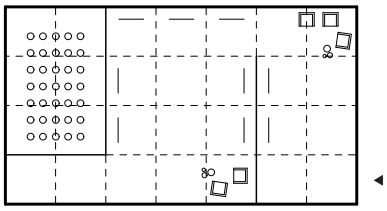
[97] perspectiva interior
da sala polivalente



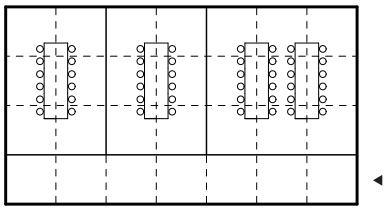
opção 1: espaço aberto, sala para grandes conferências, desporto, visualização de filmes.



opção2: duas salas para pequenas conferências



opção 3: espaço para exposições com sala multimédia



opção 4 . espaço tripartido para workshops

[98] esquemas de maleabilidade da sala polivalente . sem escala

a entrada é feita habitualmente ao nível superior). Subindo o primeiro lanço de escadas, é-se congratulado com o novo balcão da recepção e dali se pode seguir para os restantes espaços.

Da intervenção na sala polivalente destaca-se a demolição de duas escadas nas extremidades e de um meio piso, beneficiando-o com maior regularidade e cerca de 50m2 adicionais; a definição de um novo espaço de arrumação relacionado com o que passou a constituir um acesso de serviço, a Sul; o revestimento do pavimento e paredes a betão leve em tom cinzento claro; e a instalação de um tecto em madeira que define uma malha quadriculada, permitindo a subdivisão do espaço com cortinas amovíveis.

Seguindo a escada em sentido ascendente, encontramos dois espaços opostos, intermediados por um núcleo de instalações sanitárias e ainda, uma tribuna com visão sobre o polivalente. Interrompe-se o lanço que daria acesso à igreja de modo a assegurar a independência dos dois programas. Esta abertura é mantida como fonte de luz zenital, tornando o espaço no piso intermédio aprazível para exposições, ou workshops.

A esta sucessão de espaços, prevê-se a anexação posterior de um pequeno auditório e refeitório, compondo na globalidade um programa polivalente que poderá estender-se além da paróquia. Passível de se autonomizar, não se estipula, mas antes se sugere que possa vir a constituir uma importante fonte de rendimento para a paróquia, recebendo conferências, actividades culturais, sociais, ou pequenos eventos desportivos.

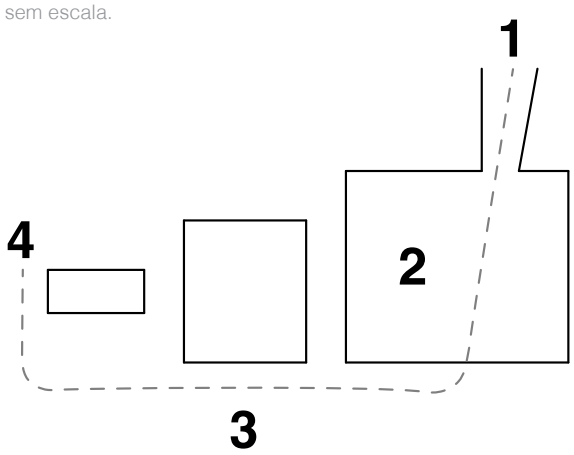
Capelas mortuárias

Das três capelas mortuárias existentes, apenas duas são hoje utilizadas regularmente, posto que, na capela central, a presença de dois pilares impede que ali se realizam as cerimónias. Já nas capelas laterais, a orientação transversal tira o maior partido dos espaços. Propõe-se, portanto, uma nova disposição da qual resulta para cada espaço, uma configuração simétrica e longitudinal, que favorece a sua utilização. (fig.39, p.52 e fig.90, p.106)

Como acontece noutras instâncias do projecto, a substituição dos actuais blocos de vidro na fachada por uma nova caixilharia, permite uma maior iluminação do interior, que se crê nestes espaços excessivamente escuro. Nesse sentido, também a substituição do actual tecto metálico pintado a preto, por um tecto em madeira, como o novo pavimento, cooperam na criação de um ambiente mais desafogado e, consequentemente, mais reconfortante.

[99] perspectiva exterior de pátio-adro.

[100] esquema de percurso gradual - do bairro ao interior da igreja , sem escala.



1. bairro

2. espaço para o encontro da comunidade, partilhado pelo centro de dia, catequese e sala lateral da igreja.

3. espaço de culto aberto sobre o pátio seguinte.

4. sacrário e confessiorários correspondem ao final de um percurso de crescente grau de intimidade, do bairro, até ao interior

1 - construção do novo volume: centro de dia para 50 utentes e administração; três salas de workshop para a universidade sénior; refeitório com lotação para 50 pessoas, cozinha e espaços de serviços anexos; auditório informal com 90 lugares sentados; 8 lugares de estacionamento interior;
2 - integração de sistema independente de ventilação mecânica;
3 - tratamento das plataformas ajardinadas na envolvente;

Pátio central

Entre o novo e o antigo, em direcção diagonal, é-se encaminhado até um portão em chapa de alumínio anodizado dourado, através do qual se acede a um espaço central resultante do somatório de dois pátios, que distribui para os diferentes programas do centro paroquial. Cumprindo a função tradicional do adro, na gradual transição entre exterior-interior, o pátio proporciona um lugar de encontro e sociabilização.

A resolução deste espaço a duas cotas prepara a transição para os demais pátios que, por virtude de uma caixilharia de correr, poderão funcionar como um espaço único. Do negativo dessa extracção resulta um pequeno espaço recatado, em redor de duas oliveiras existentes e um banco alongado que antecede a igreja.

Centro de dia e workshops

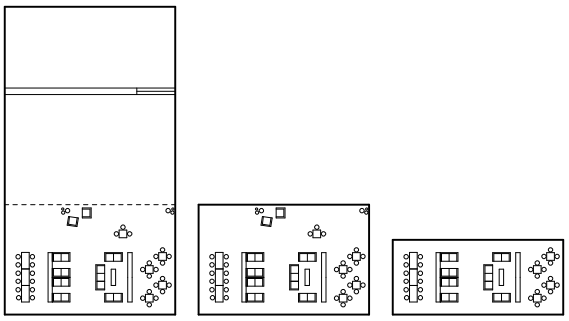
Se na generalidade se circula livremente entre os diferentes espaços da igreja de Olivais Sul, assumindo esta um carácter predominantemente público, para o centro de dia procurou-se proporcionar um lugar mais privado, mais próximo do carácter doméstico.

O largo corredor que distribui para os diferentes compartimentos constitui, pela relação que estabelece com o pátio e possibilidade de para ele se abrir, a área social mais exposta, que antecede as salas, por sua vez mais recolhidas. A clarabóia que o encima estende-se ao longo de todo o volume provindo todas as salas com capacidade de ventilação natural e uma luz temperada a vermelho, que se coaduna à neutralidade do betão.

Ressalva-se ainda a possibilidade dos espaços de workshop virem a ser partilhados pela catequese, ou de para lá se poder estender o próprio centro de dia, caso seja necessário.

[101] esquema de possível expansão do centro de dia, sem escala.

opção 1: centro de dia 105m2
opção 2: centro de dia + corredor 155m2
opção 3: centro de dia + corredor + pátio exterior 430m2



[102] perspectiva interior do centro de dia

[103] perspectiva interior da escada-auditório.

Escada-auditório

A larga escada que adquire pela sua escala, o estatuto de pequeno auditório informal com capacidade para cerca de 90 pessoas, integra o itinerário de atravessamento do edifício entre pisos. Neste espaço, a nova estrutura enquadra o acabamento rugoso do antigo edifício, criando um mural tridimensional estabelecendo um diálogo entre os dois tempos de construção.

Refeitório

Por fim, o refeitório trata-se de uma área para refeições com lotação até 50 pessoas aproximadamente, a ser utilizada pela paróquia ou, como se referiu, por eventos externos, com a particularidade de se poder prolongar para o exterior, numa plataforma que se confunde com o terreno envolvente.

Como na pré-existência, a imagem do novo volume, tanto pelo exterior como pelo interior, resulta directamente da estrutura de betão e das paredes de bloco do mesmo material, com pontuais revestimentos de madeira. Dá-se portanto continuidade a uma linguagem brutalista por excelência.

[104] perspectiva exterior

novo campanário e entrada para a Igreja paroquial de Olivais Sul, com apontamentos em chapa de alumínio anodizado dourado.

“Desbaratar uma herança ou, por incúria ou desatenção, deixá-la desbaratar-se, é mais do que renunciar a uma memória de quem somos devedores – é deixar quebrar uma cadeia que em muito nos antecede, que muito tempo nos havia de suceder, e da qual nos devíamos orgulhar de ser somente um elo, já que um só elo pode, por fraqueza, deitá-la completamente a perder, ou por força, permitir-lhe continuar.”

Miguel Esteves Cardoso, “A causa das coisas”

Na medida em que o projecto transparece o mais recente entendimento a respeito da igreja paroquial de Olivais Sul (1969-88) e do curso futuro que esta possa tomar, constitui porventura o maior contributo que se prestou para a sua valorização.

Ficará em aberto, para um mais aprofundado estudo, um exercício importante, que não coube no entanto ao presente trabalho. Uma análise rigorosa das patologias do edifício e da pluralidade de pormenores envolvidos, que necessitam hoje de ser avaliados em minúcia, e reajustados. Somente assim se poderá vir a determinar com maior exactidão o modo de proceder no projecto, conduzindo-o à fase de execução que informa a obra.

Retomando por fim a questão que lançou o trabalho - **de que ferramentas dispomos para acordar uma igreja adormecida?** - três se destacam, que poderão eventualmente estender-se a outras circunstâncias de projecto de intervenção em património arquitectónico:

- Procurar uma economia de meios - tantas vezes encarada como um empecilho, a contenção de custos será certamente um desafio, mas é também uma imposição de rigor às decisões tomadas no projecto que ao fim ao cabo o favorece e poderá assegurar a sua realização.

- Desmistificar a ideia de 'obra acabada' - tal como se encontrou na lógica pré-existente pistas claras para a completar, também uma intervenção hoje deverá mostrar-se permeável e assegurar futuras apropriações. Há-que encarar, portanto, a intervenção no património, não como acção singular, mas como o exercício prolongado no tempo que gere a inevitável transformação e soma o contributo de vários intervenientes. Coerentemente, não se pretende colocar um 'ponto final' na história desta igreja.

- Comunicar o potencial latente - em última instância, a vida continuada desta igreja moderna, como de qualquer outro edifício, dependerá sempre do apreço da comunidade que dele usufrui. Cabe a quem se propõe a intervir no património, decifrar o seu potencial cruzando-o com as necessidades actuais, e revelá-lo por meio do projecto a todos os interessados.

A dissertação cumpre o seu propósito tanto quanto desperte um olhar renovado sobre a igreja paroquial de Olivais Sul, que alcance além das feridas no betão, o seu real valor, abarcando as possibilidades futuras.

BIBLIOGRAFIA

LIVROS

Cardoso, Miguel Esteves. “A Causa Das Coisas”. Porto: Porto Editora, Lda., 2013.

Choay, Françoise. “A Alegoria Do Património”. Traduzido por Luciano Vieira Machado. São Paulo: Editora estação liberdade, 2001.

Eco, Umberto. “How to Write a Thesis”. Traduzido por Caterina Mongiat Farina and Geoff Farina. London, England: The MIT Press, 2015.

Eco, Umberto. “Opera Aperta”. Traduzido por Anna Cancogni. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1989.

Glendinning, Miles. “The Conservation Movement: A History of Architectural Preservation: Antiquity to Modernity”. Nova Iorque: Routledge, 2013.

Hammond, Peter. “Liturgy and Architecture”. New York: Columbia University Press, 1961.

Hertzberger, Herman. “Articulations”. Munique: Prestel publishing, 2002.

Hertzberger, Herman. “Lições De Arquitetura”. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Lapierre, Éric. “Economy of Means: How Architecture Works”. Lisboa: Lisbon Architecture Triennale, 2019.

Lerup, Lars. Building the Unfinished: Architecture and Human Action. London: Sage publications, 1977.

Lucas, Ray. Research Methods for Architecture. London: Laurence King Publishing, 2016.

Mason, Randall. Assessing the Values of Cultural Heritage. Los Angeles: The J. Paul Getty Trust, 2002.

Meurs, Paul. Heritage-Based Design. Delft: TU Delft - Heritage & Architecture, 2016.

Montaner, Josep Maria. A Modernidade Superada. Barcelona: Gustavo Gili, S.A., 2001.

Portas, Nuno. “Arquitectura(s): Teoria e Desenho, Investigação e Projecto”. Porto: FAUP Publicações, 2005

Solá-Morales, Manuel de. “De Cosas Urbanas”. Barcelona: Gustavo Gili, 2008.

Tanizaki, Junchiro. “Elogio Da Sombra”. Traduzido por Margarida Gil Moreira. Lisboa: Relógio de D’Água Editores, 2016.

Venturi, Robert. “Complexity and Contradiction in Architecture”. New York: The Museum of Modern Art, 1997.

TRABALHOS ACADÉMICOS

Lopes Dias, Tiago. “Teoria E Desenho Da Arquitectura Em Portugal, 1956-1974: Nuno Portas E Pedro Vieira De Almeida “, 2017. Tese de doutoramento

Marques, João Luís. “A Igreja Na Cidade, Serviço E Acolhimento : Arquitectura Portuguesa 1950 1975. Porto.” FAUP, 2017. Tese de doutoramento

Miranda, Bernardo Pizarro. “Liturgia E Arquitectura. Pensar Um Lugar Para a Liturgia: O Aggiornamento Como Programa?”, FAUP, 2014. Tese de doutoramento

Pathé, Maria. “Imaginar as experiências dos outros: o centro social da quinta da saúde”, FAUP, 2019. Dissertação de Mestrado

Vieira de Almeida, Pedro. Dois Parâmetros De Arquitetura Postos Em Surdina. Porto: Centro de Estudos Arnaldo Araújo, 2010.

Vieira de Almeida, Pedro. Ensaio Sobre O Espaço Na Arquitectura. Porto: Centro de Estudos Arnaldo Araújo, 2013.

Vieira de Almeida, Pedro. A Noção De Espessura Na Linguagem Arquitectónica. Porto: Centro de Estudos Arnaldo Araújo, 2013.

Vieira de Almeida, Pedro. O Espaço Perdido E Outros Textos Críticos. Porto: Centro de Estudos Arnaldo Araújo, 2018.

PERIÓDICOS

Clarke, Nicholas, Marieke Kuipers, and Sara Stroux. “Embedding Built Heritage Values in Architectural Design Education.” International Journal of Technology and Design Education 30, no. 5, (2019): 867-83. https://doi.

org/10.1007/s10798-019-09534-4.

Daelemans, Bert. “Pueblo De Dios, Cuerpo De Cristo Y Templo Del Espíritu.” Actas de Arquitectura Religiosa Contemporánea 6, (2020): 2-25. https://doi.org/10.17979/aarc.2019.6.0.6209.

Jonge, Wessel de. Em “Delft Lectures on Architectural Design”. Delft: TU Delft Open, 2018.

Kuipers, Marieke, and Wessel de Jonge. “Designing from Heritage: Strategies for Conservation and Conversion”. Delft: TU Delft - Heritage & Architecture, 2017.

Landau, Royston. “Notes on the Concept of an Architectural Position.” AA Files, no. 1, 1981): 111-14.

Tostões, Ana; Ferreira, Zara. “Modern Lisbon.” DOCOMOMO, no. 55 (2016).

Machado, Pe. Bruno. “Igreja Paroquial De Olivais Sul Assinala 30 Anos - Uma Igreja Que Se Prolonga.” By Diogo Paiva Brandão (acedido a 19.05.2020 2018).

Vieira de Almeida, Pedro. “Duas Igrejas: Sagrado Coração De Jesus E Paroquial De Almada. .” Arquitectura, no. 123 (Outubro de 1971): 164.

Vieira de Almeida, Pedro. “Igreja Do Sagrado Coração (I).” A Capital, Suplemento Literatura & Arte (22-07-1970 1970): 1.

ARQUIVO SNIP

Patriarcado, Secretariado das Novas Igrejas do. “Programa De Construção De Novas Igrejas.” Boletim de Informação Pastoral nº 46-47 (ano VIII): pp.25-38.

“Programa De Concurso Esbocetos Igreja De Olivais Sul.” edited by Arquivo SNIP. Lisboa, 1969.

Maurício, Luís M.A, José M. Murta, Paulo L. Baptista, João J. Malato, Albino

M. Cleto, José M. Santos, and Diogo L. Pimentel. “Relatório Do Júri - Concurso De Esbocetos Para a Nova Igreja De Olivais Sul.” Lisboa, 1970.

Vieira de Almeida, Pedro. “Memória Descritiva [Concurso De Esbocetos Para

a Nova Igreja De Olivais-Sul].” Lisboa: Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado, 1970.

Vieira de Almeida, Pedro. “Memória Descritiva” [projecto de execução para a nova igreja de Olivais Sul], Arquivo SNIP, 1974.

ARQUIVO PESSOAL DE MARIA HELENA MAIA

Vieira de Almeida, Pedro, [carta dirigida a pe. Janela e Presidente da Comissão Fabriqueira da Nova Igreja de N. Senhora de Olivais Sul], arquivo pessoal de Helena Maia, Lisboa, 1985

WEBSITES

Alves da Cunha, João. “Mrar - Movimento De Renovação Da Arte Religiosa.” https://www.snpcultura.org/obs_13_movimento_renovacao_arte_religiosa.html, acedido a 18.12.2020.

Usher, Matthew. “To Design for the Elderly, Don’t Look to the Past” 30 Oct 2018. ArchDaily.https://www.archdaily.com/904759/to-design-for-the-elderly-dont-look-to-the-past, acedido a 08.05.2020

FILMES

Grande, Nuno. “Sagrado.” Portugal: Ruptura Silenciosa, 2014.

Rocha, Paulo. “Os Verdes Anos.” Portugal: Vitória Filme, 1963

Valério, João. “A Espessura Da Luz.” Portugal, 2018.

CONFERÊNCIAS

Aires Mateus, Manuel. “Velho e novo” aula aberta UC Projecto 4 FAUP, 09 de março de 2021

Clarke, Nicholas, e Marieke Kuipers. “Intangibility Matters: International Conference on the Values of Tangible Heritage.” ata de conferência IMaTTe, Lisboa, 2017.

Collyer, Robin; Geers, Kersten; Lapierra, Éric. “Economy of means” apresentação Lisbon Architecture Triennale, The poetics of reason, 30 de novembro de 2019

Herzog, Jaques. “Re-use” apresentação ETSAM. 14 de novembro de 2017

Sergison, Jonathan; Bates, Stephen. “On Continuity” apresentação Harvard GSD, 27 de março de 2014

Valentim Lopes, Nuno. “Projecto e matéria existente” aula aberta UC Construir no Construído FAUP, 24 de fevereiro de 2021

van den Heuvel, Dirk; Mesman, Maarten; Quist, Wido; Lemmens, Bert. “The Challange of Change: Dealing with the Legacy of the Modern Movement.” ata de conferência. 10th International DOCOMOMO Conference, The Netherlands, 2008.

[01] fotografia do autor
[02] https://www.facebook.com/paroquiaolivaissul/photos/1807322289329891
[03]http://www.esap.pt/noticias/pedro-vieira-de-almeida-1933-2011recebe-hoje-o-titulo-postumo-de-membro-honorario-da-ordem-dos-arqui

1969

[04] desenho do autor
[05] desenho do autor
[06] Fernandes, Augusto. Arquivo municipal de Lisboa, 1966
[07] https://es.wikipedia.org/wiki/Archivo:Vatican-i.jpg
[08] http://hiddenarchitecture.net/pastoor-van-ars-churc/
[09] desenho do autor
[10] http://hiddenarchitecture.net/pastoor-van-ars-churc/
[11] Miranda, Bernardo Pizarro. "Liturgia E Arquitectura. Pensar Um Lugar Para a Liturgia: O Aggiornamento Como Programa?", FAUP, 2014. Tese de doutoramento, p.21
[12] consultado em Ibid. p.22
[13] consultado em Ibid. Loc. cit.
[14]Arquivo MRAR. https://snpcultura.org/mrar_continua_ser_licaoimportante.html
[15] https://www.pinterest.pt/pin/518476975820938395/
[16] https://lh5.ggpht.com/-0VrjShbnmhM/UKyfYu6mQWI/AAAAAAAAojw/ODhFV7Lk5xw/s1600-h/Igreja%252520de%252520F%2525C3%2525A1tima.1.jpg
[17]http://homelessmonalisa.com/obra/igreja-do-sagrado-coracao-de-jesus/
[18] http://hiddenarchitecture.net/sagrado-coracao-de-jesus-churc/
[19] composição do autor
[20] Estúdeio Mário Novais. https://gulbenkian.pt/biblioteca-arte/colecoes/galerias-e-exposicoes/fotografias-com-historia/bairro-dos-olivais/
[21] Serôdio, Armando Maia. Arquivo municipal de Lisboa. 1966. https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/
[22] fotografia da maquete de Manuel Vicente do concurso para a nova igreja de Olivais Sul . Arquivo SNIP. consultado em Marques, João Luís. "A Igreja Na Cidade, Serviço E Acolhimento : Arquitectura Portuguesa 1950 1975. Porto." FAUP, 2017. Tese de doutoramento. p. 468
[23] Vieira de Almeida, Pedro. Arquivo SNIP. consultado em Ibid. p. 477
[24] Vieira de Almeida, Pedro. Arquivo SNIP. consultado em Ibid. p. 476
[25] Vieira de Almeida, Pedro. Arquivo SNIP. consultado em Ibid. p. 477
[26] Vieira de Almeida, Pedro. Arquivo SNIP. consultado em Ibid. p. 476
[27] Vieira de Almeida, Pedro. Arquivo SNIP. consultado em Ibid. p. 474
[28] https://www.pinterest.pt/pin/402157441710494068/
[29] https://www.pinterest.pt/pin/33495590968951471/

[30] https://www.pinterest.pt/pin/535787686916076626/
[31] Vieira de Almeida, Pedro. Arquivo SNIP. consultado em Marques, João Luís. Op.cit. p. 472
[32] Vieira de Almeida, Pedro. Arquivo SNIP. consultado em Lopes Dias, Tiago. “Teoria E Desenho Da Arquitectura Em Portugal, 1956-1974: Nuno Portas E Pedro Vieira De Almeida “, 2017. Tese de doutoramento. p.170
[32] desenho do autor

2021

[34] desenho do autor
[35] desenho do autor
[36] fotografia do autor
[37] Vieira de Almeida, Pedro. Arquivo SNIP. consultado em Lopes Dias, Tiago. Op.cit. p.170
[38] fotografia do autor
[39] fotografia do autor
[40] fotografia do autor
[41] fotografia do autor
[42] fotografia do autor
[43] fotografia do autor
[44] Vieira de Almeida, Pedro. Arquivo SNIP. consultado em Marques, João Luís. Op.cit. p.482
[45] Vieira de Almeida, Pedro. Arquivo SNIP. consultado em Marques, João Luís. Ibid. Loc. cit.
[46] Vieira de Almeida, Pedro. Arquivo Municipal de Lisboa
[47] desenho do autor
[48] desenho do autor
[49] Vieira de Almeida, Pedro. Arquivo Municipal de Lisboa
[50] fotografia do autor
[51] Vieira de Almeida, Pedro. Arquivo pessoal de Maria Helena Maia
[52] desenho do autor
[53] desenho do autor
[54] fotografia do autor
[55] desenho do autor
[56] fotografia do autor
[57] fotografia do autor
[58] fotografia do autor
[59] http://gmrvisual.blogspot.com/2019/04/
[60] Valério, João. “A Espessura Da Luz.”
[61] fotografia do autor
[62] fotografia do autor
[63] https://www.pinterest.pt/pin/482940760026198343/
[64] fotografia do autor
[65] desenho do autor

[66] desenho do autor
[67] desenho do autor
[68] desenho do autor
[69] https://www.wikiwand.com/en/St_Peter%27s_Seminary,_Cardross
[70]https://www.doorsopendays.org.uk/places/argyll-bute/st-peters-seminary/
[71] https://dirtyhenri.wordpress.com/
[72] https://pixels.com/featured/rome-theater-of-marcellus-granger.html
[73] http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/dgpc/m/mosteiro-dos-jeronimos/
[74] desenho do autor
[75]https://domhansvanderlaan.nl/theory-practice/practice/abbey-st-benedictusberg/explore/
[76] https://middletonvanjonker.wordpress.com/category/van-der-laan/
[77] desenho do autor
[78] desenho do autor
[79] fotografia do autor
[80] desenho do autor
[81] desenho do autor
[82] desenho do autor
[83] desenho do autor
[84] desenho do autor
[85] desenho do autor
[86] desenho do autor
[87] desenho do autor
[88] desenho do autor
[89] desenho do autor
[90] desenho do autor
[91] desenho do autor
[92] desenho do autor
[93] desenho do autor
[94] desenho do autor
[95] desenho do autor
[96] desenho do autor
[97] desenho do autor
[98] desenho do autor
[99] desenho do autor
[100] desenho do autor
[101] desenho do autor
[102] desenho do autor
[103] desenho do autor
[104] desenho do autor

A IGREJA PAROQUIAL DE OLIVAIS SUL

DE UM PRIMEIRO ESBOÇO A UM FUTURO IMAGINADO

Dissertação de mestrado integrado em arquitectura

apresentada por Damião Rebocho Machado Bebiano de Franco
sob a orientação do Professor Doutor João Luís Marques
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto . 2021

ÍNDICE DE DESENHOS

EXISTENTE

01 EXIS_planta implantação . escala 1.5000
02 EXIS_planta implantação . escala 1.2000
03 EXIS_planta piso inferior . escala 1.200
04 EXIS_planta piso intermédio . escala 1.200
05 EXIS_planta piso superior . escala 1.200
06 EXIS_planta cobertura . escala 1. 200
07 EXIS_corte B e alçado nascente . escala 1.200
08 EXIS_corte A e alçado norte . escala 1.200
09 EXIS_alçado poente e alçado sul . escala 1.200

VERMELHOS E AMARELOS

01 VEA_planta piso inferior . escala 1.200
02 VEA_planta piso intermédio . escala 1.200
03 VEA_planta piso superior . escala 1.200
04 VEA_planta cobertura . escala 1. 200
05 VEA_corte B e alçado nascente . escala 1.200
06 VEA_corte A e alçado norte . escala 1.200
07 VEA_alçado poente e alçado sul . escala 1.200
08 VEA_corte C e corte D . escala 1.200

PROJECTO

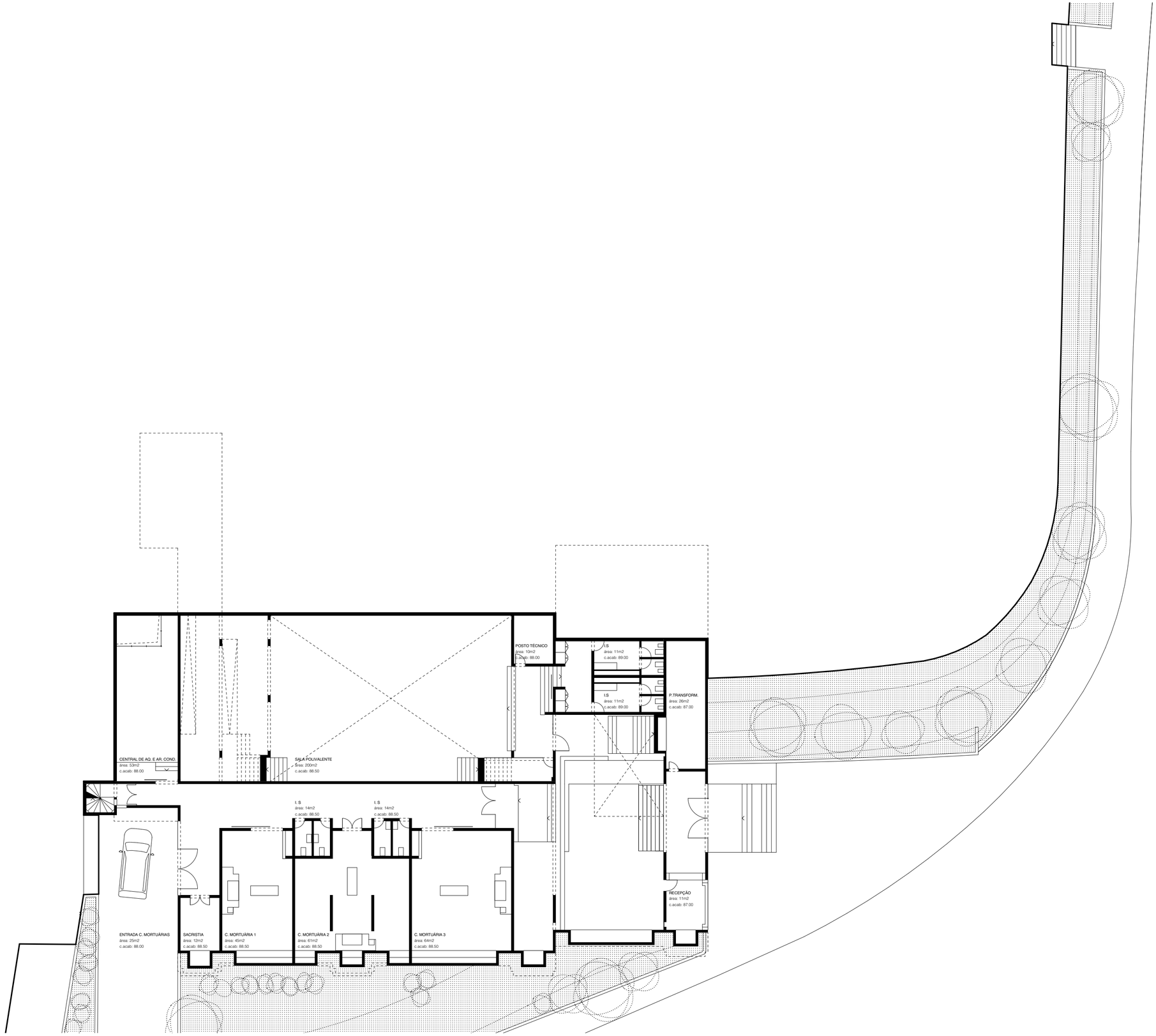
01 PAINEL
02 PAINEL
03 PAINEL
04 PAINEL
05 PAINEL
06 PAINEL

A IGREJA PAROQUIAL DE OLIVAIS SUL: DE UM PRIMEIRO ESBOÇO A UM FUTURO IMAGINADO . DAMIÃO FRANCO

01 EXIS_planta implantação . escala 1.5000

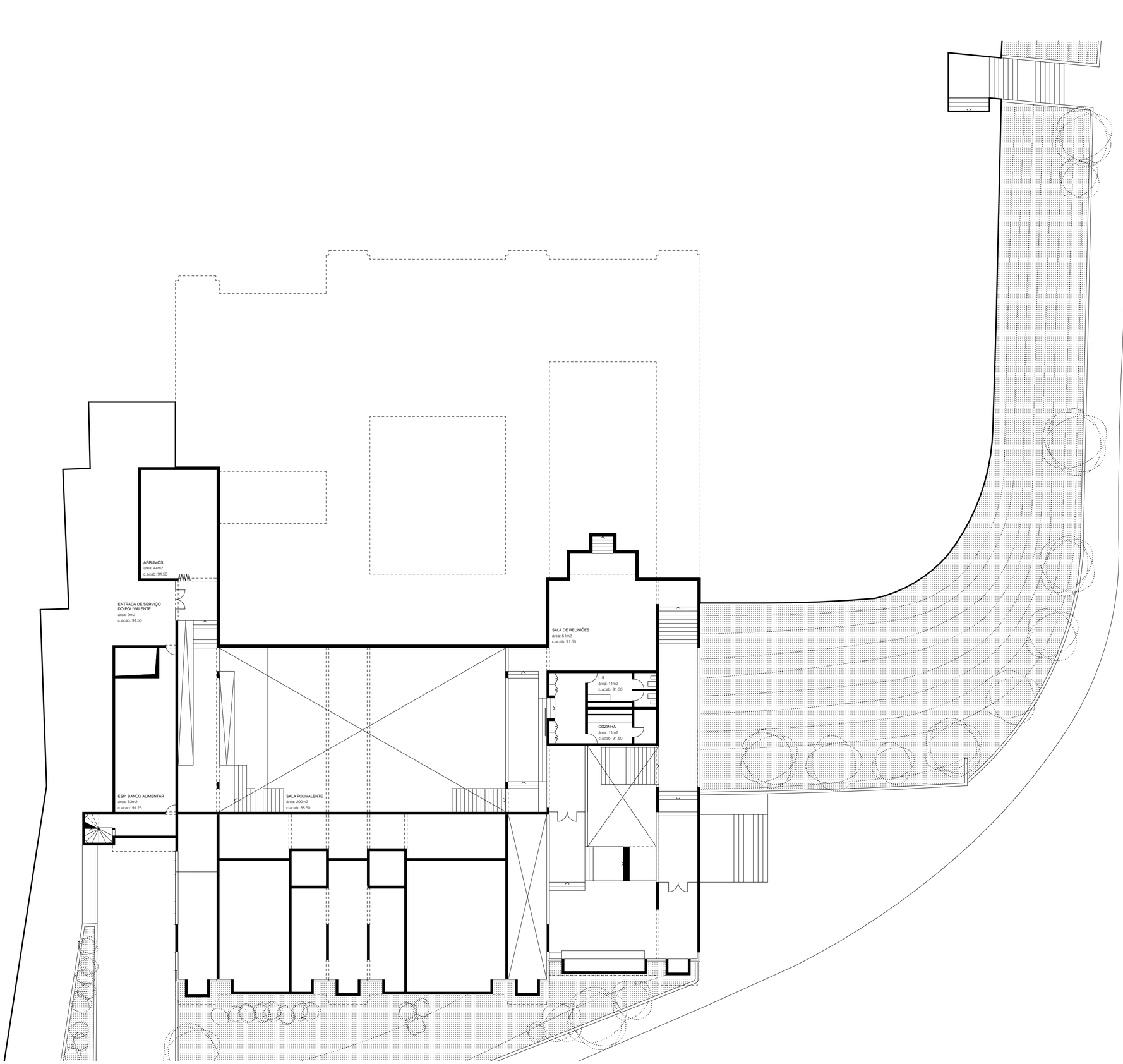
A IGREJA PAROQUIAL DE OLIVAIS SUL: DE UM PRIMEIRO ESBOÇO A UM FUTURO IMAGINADO . DAMIÃO FRANCO

02 EXIS_planta implantação . escala 1.2000



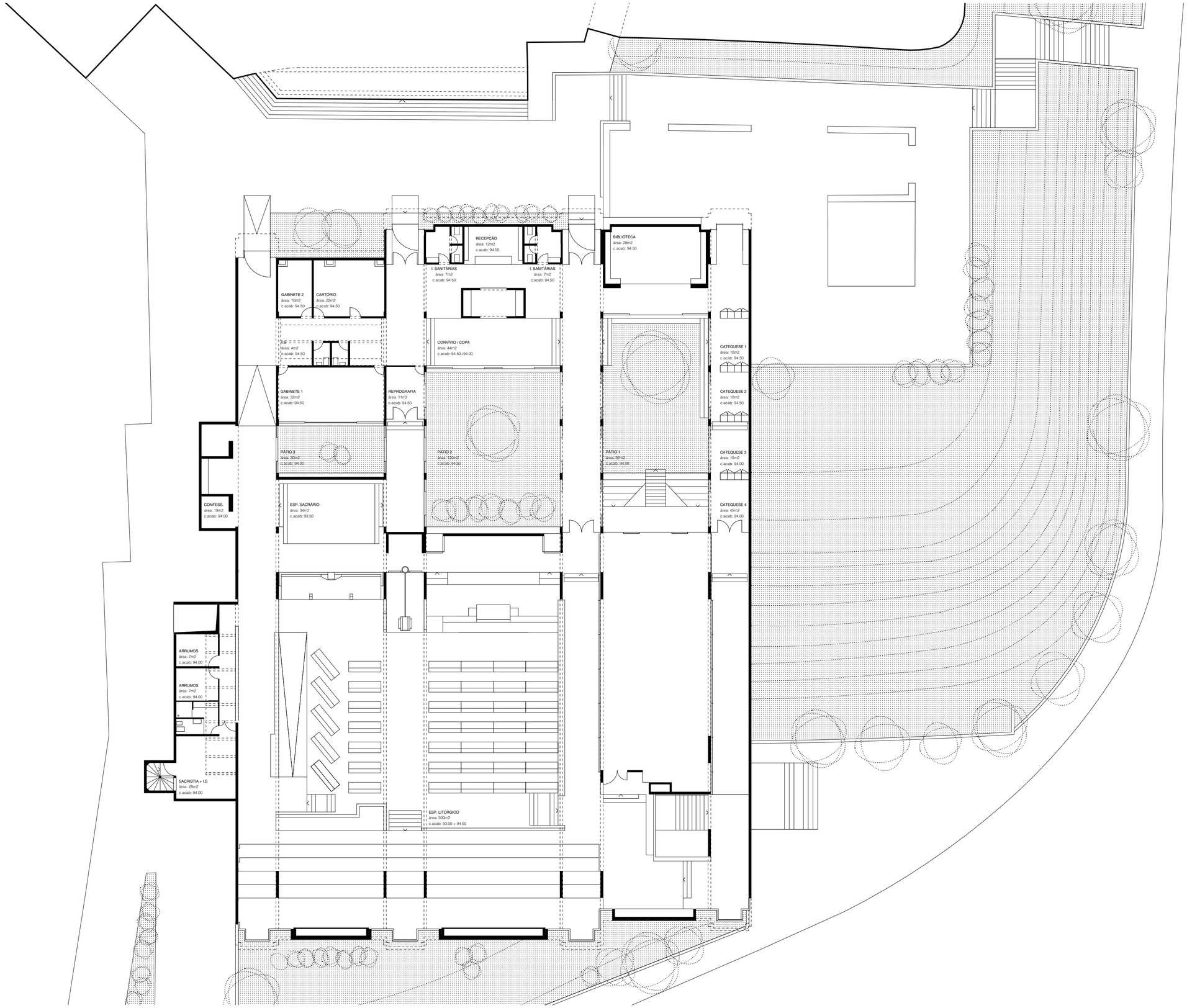
A IGREJA PAROQUIAL DE OLIVAIS SUL: DE UM PRIMEIRO ESBOÇO A UM FUTURO IMAGINADO . DAMIÃO FRANCO

03 EXIS_planta piso inferior . escala 1.200



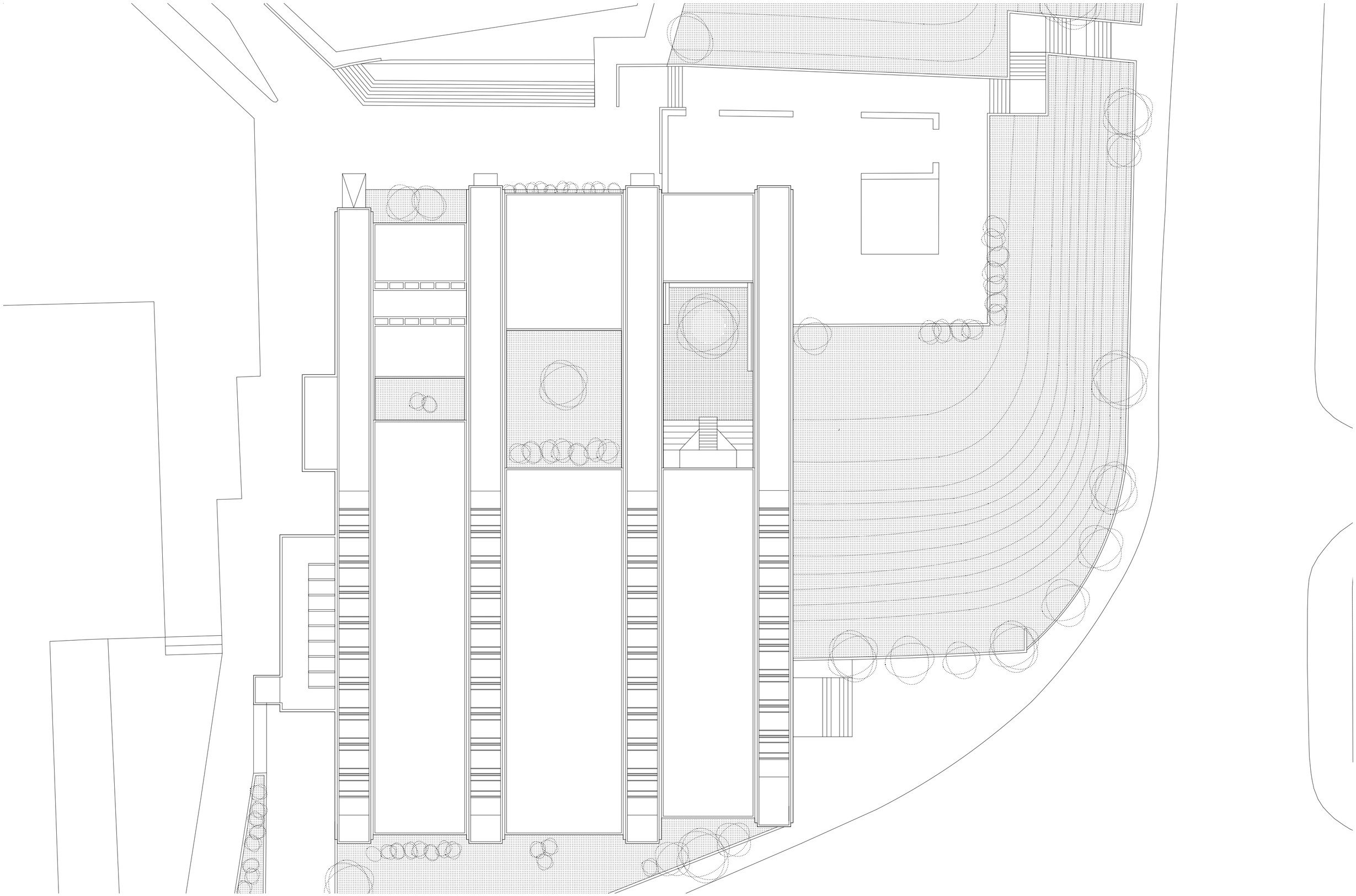
A IGREJA PAROQUIAL DE OLIVAIS SUL: DE UM PRIMEIRO ESBOÇO A UM FUTURO IMAGINADO . DAMIÃO FRANCO

04 EXIS_planta piso intermédio . escala 1.200



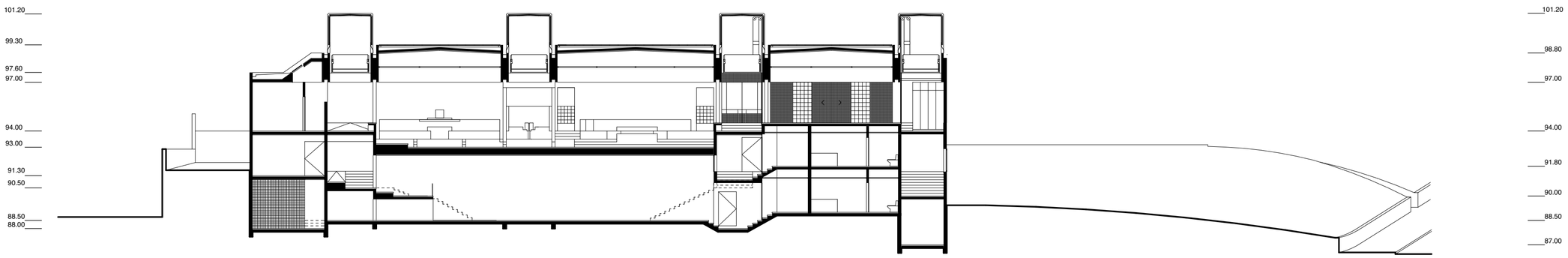
A IGREJA PAROQUIAL DE OLIVAIS SUL: DE UM PRIMEIRO ESBOÇO A UM FUTURO IMAGINADO . DAMIÃO FRANCO

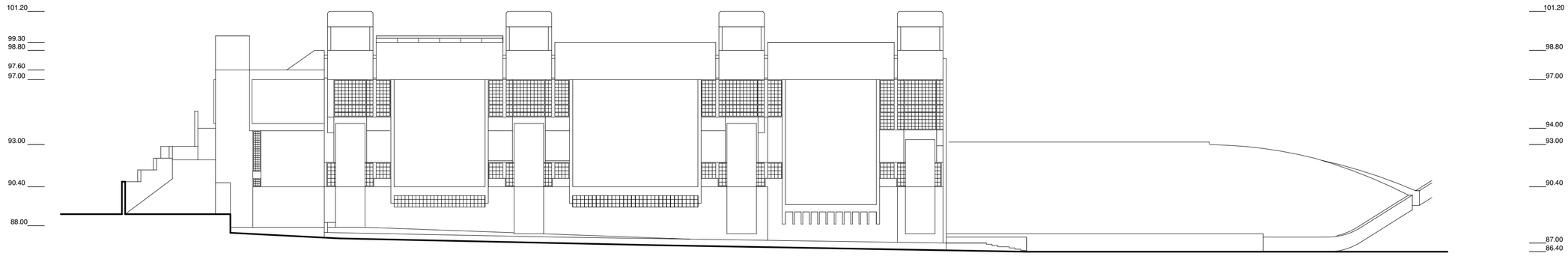
05 EXIS_planta piso superior . escala 1.200

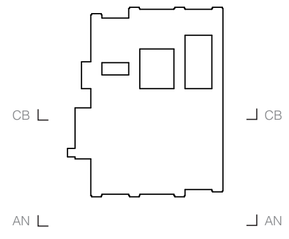


A IGREJA PAROQUIAL DE OLIVAIS SUL: DE UM PRIMEIRO ESBOÇO A UM FUTURO IMAGINADO . DAMIÃO FRANCO

06 EXIS_planta cobertura . escala 1. 200

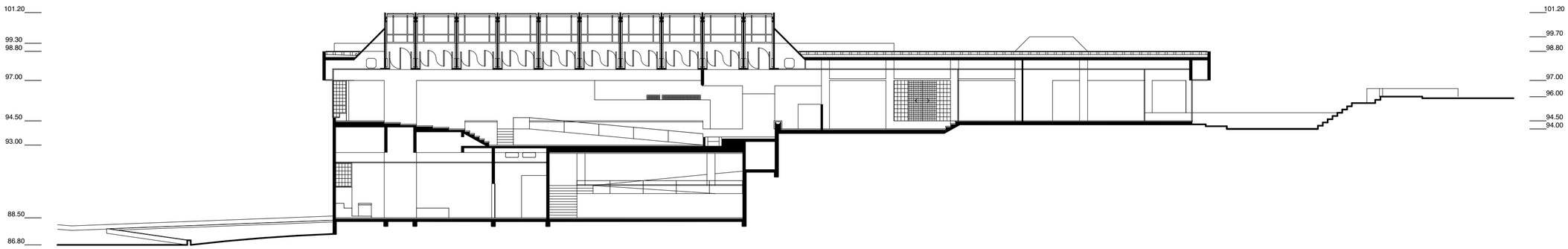


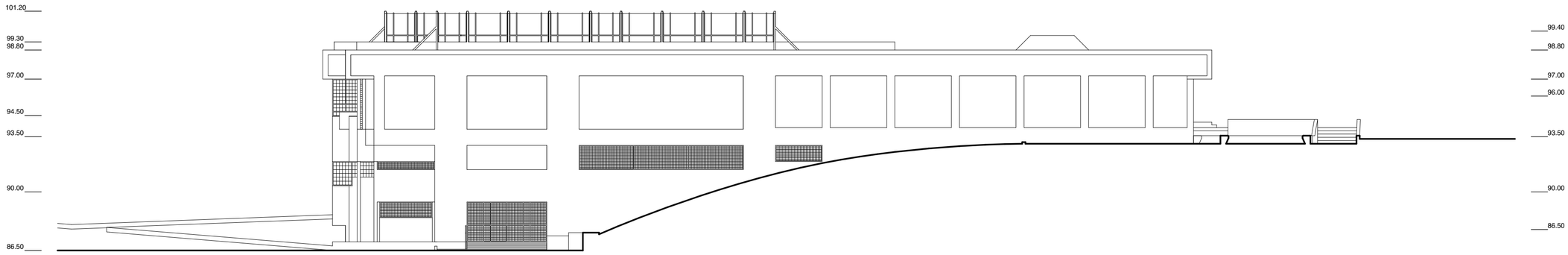


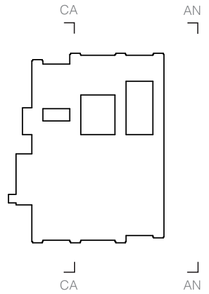


A IGREJA PAROQUIAL DE OLIVAIS SUL: DE UM PRIMEIRO ESBOÇO A UM FUTURO IMAGINADO . DAMIÃO FRANCO

07 EXIS_corte B e alçado nascente . escala 1.200

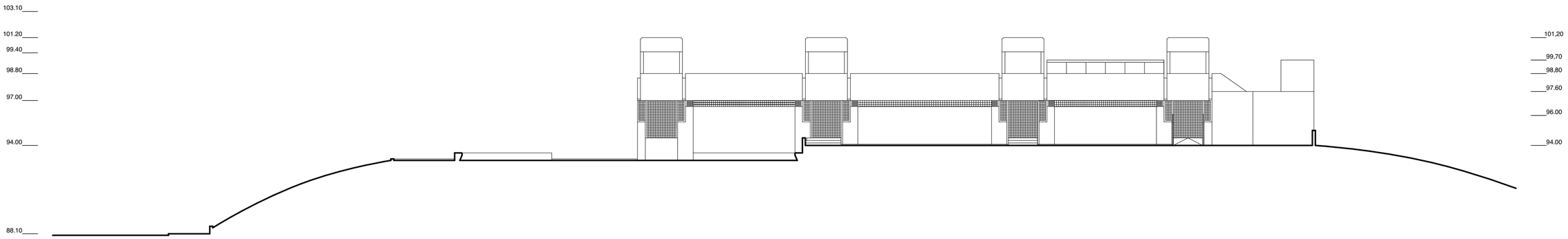


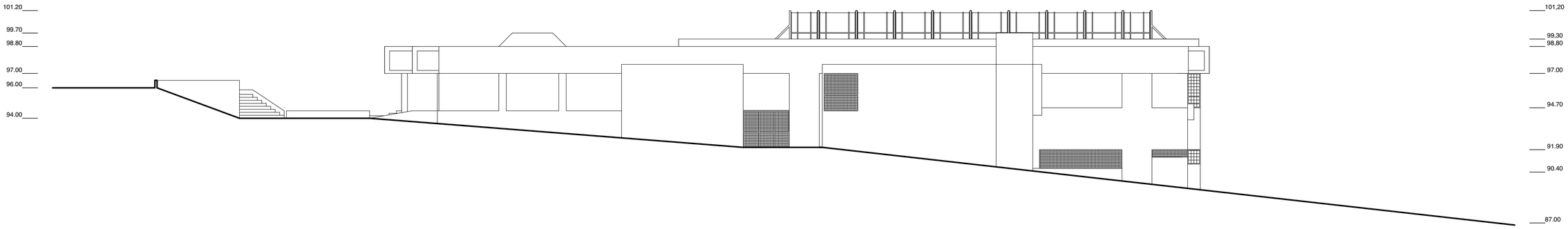


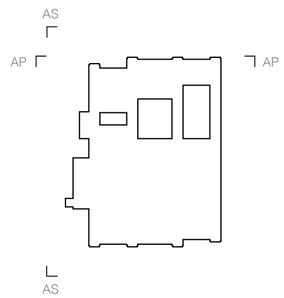


A IGREJA PAROQUIAL DE OLIVAIS SUL: DE UM PRIMEIRO ESBOÇO A UM FUTURO IMAGINADO . DAMIÃO FRANCO

08 EXIS_corte A e alçado norte . escala 1.200







A IGREJA PAROQUIAL DE OLIVAIS SUL: DE UM PRIMEIRO ESBOÇO A UM FUTURO IMAGINADO . DAMIÃO FRANCO

09 EXIS_alçado poente e alçado sul . escala 1.200

C. DE LIXOS
área: 5m2
c.acab: 87.00

EST. BICICLETAS
área: 7m2
c.acab: 87.00

G. GERADOR
DE EMERGÊNCIA
área: 34m2
c.acab: 87.00

CISTERNA E
G.DE BOMBAGEM
área: 34m2
c.acab: 87.00

CENTRAL TÉRMICA
área: 34m2
c.acab: 87.00

CARGAS E DESCARGAS /
RECOLHA DE LIXOS /
ESTACIONAMENTO
c.acab: 87.60

POSTO TÉCNICO
área: 10m2
c.acab: 88.00

BALNEÁRIO
área: 19m2
c.acab: 89.00

BALNEÁRIO
área: 19m2
c.acab: 89.00

POSTO TÉCNICO
área: 20m2
c.acab: 87.00

ESTACIONAMENTO
área: 60m2 / 8 lugares cob.
c.acab: 87.00

UTAS / CHILLER
área: 60m2
c.acab: 87.00

CENTRAL DE AQ. E AR. COND.
área: 53m2
c.acab: 88.00

SALA POLIVALENTE
área: 240m2
c.acab: 88.50

ARRUMO / BENGALEIRO
área: 9m2
c.acab: 88.00

COTA
a.int.: 88.40
dep.int.: 88.00

ENTRADA INDEPENDENTE
REFEITÓRIO
c.acab: 87.00

ENTRADA
POLIVALENTE
c.acab: 87.00

ENTRADA C. MORTUÁRIAS
área: 25m2
c.acab: 88.00

SACRISTIA
área: 12m2
c.acab: 88.50

C. MORTUÁRIA 1
área: 67m2
c.acab: 88.50

I.S + ARRUMOS
área: 24m2
c.acab: 88.50

C. MORTUÁRIA 2
área:42m2
c.acab: 88.50

C. MORTUÁRIA 3
área: 42m2
c.acab: 88.50

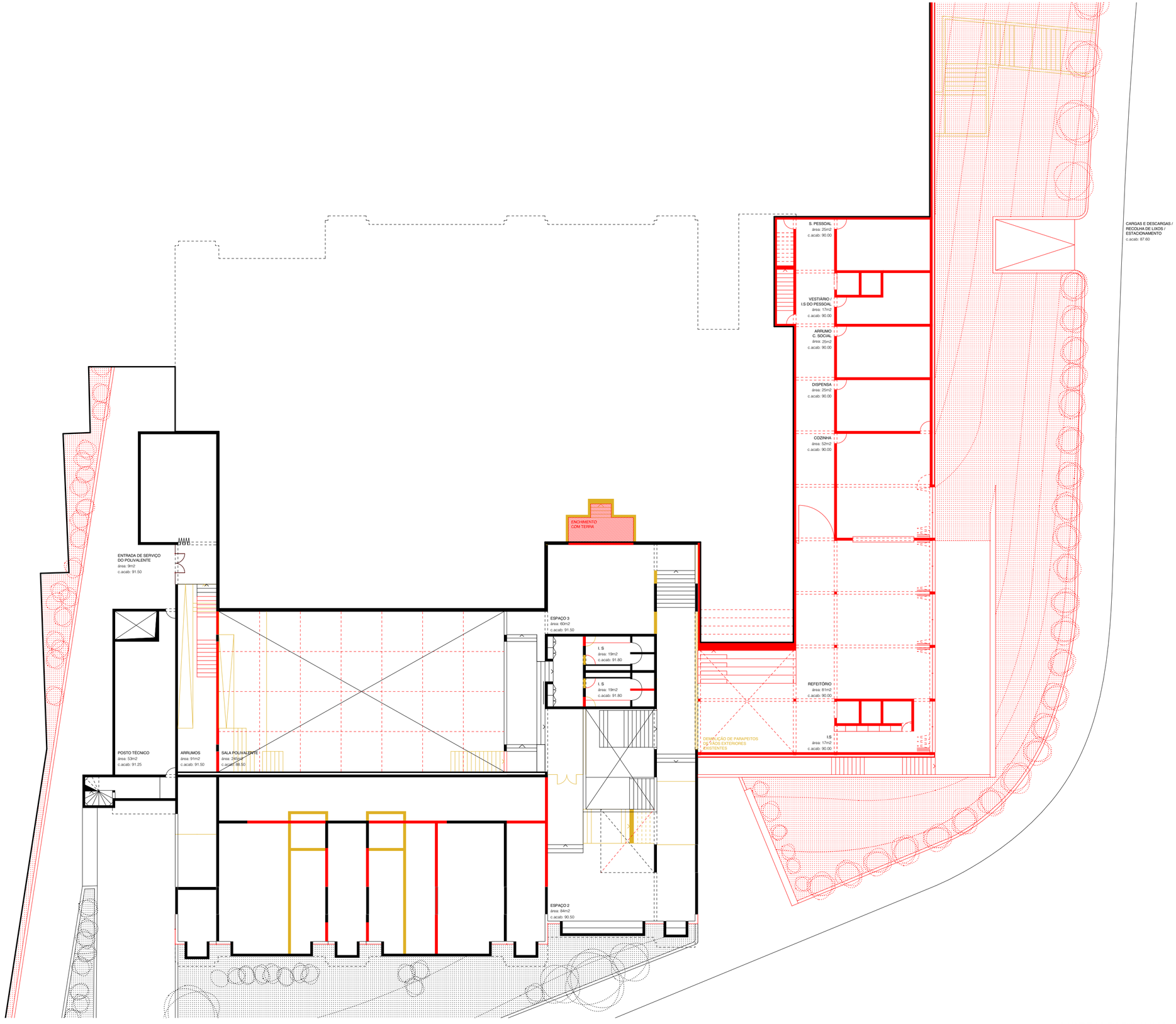
RECEPÇÃO
área: 24m2
c.acab: 88.50

ESPAÇO 1
área: 76m2
c.acab: 88.00

COTA
soma de referência: 88.00
cotas de nivelamento: 87.60 a 88.00

A IGREJA PAROQUIAL DE OLIVAIS SUL: DE UM PRIMEIRO ESBOÇO A UM FUTURO IMAGINADO . DAMIÃO FRANCO

01 VEA_planta piso inferior . escala 1.200

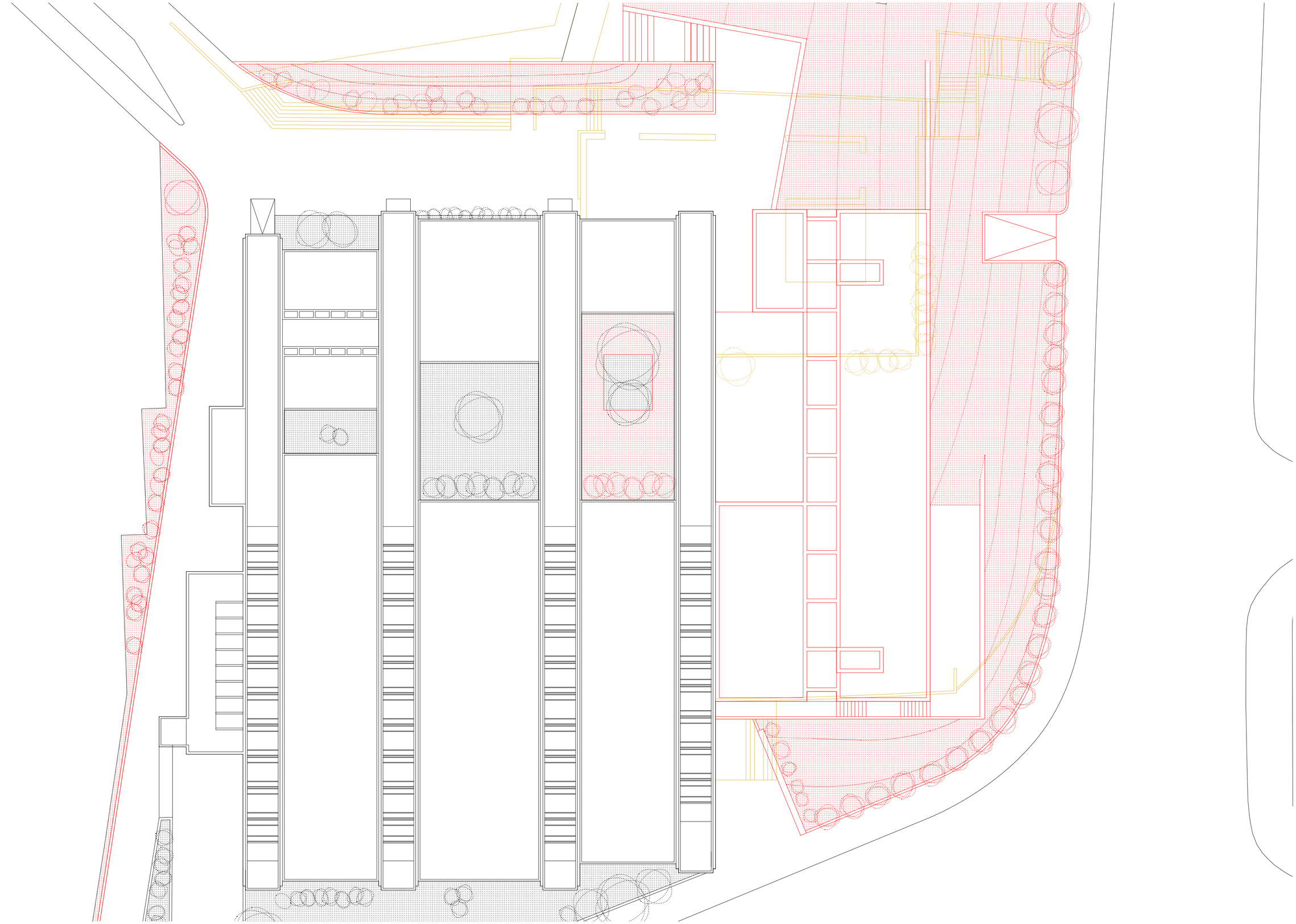


A IGREJA PAROQUIAL DE OLIVAIS SUL: DE UM PRIMEIRO ESBOÇO A UM FUTURO IMAGINADO . DAMIÃO FRANCO

02 VEA_planta piso intermédio . escala 1.200

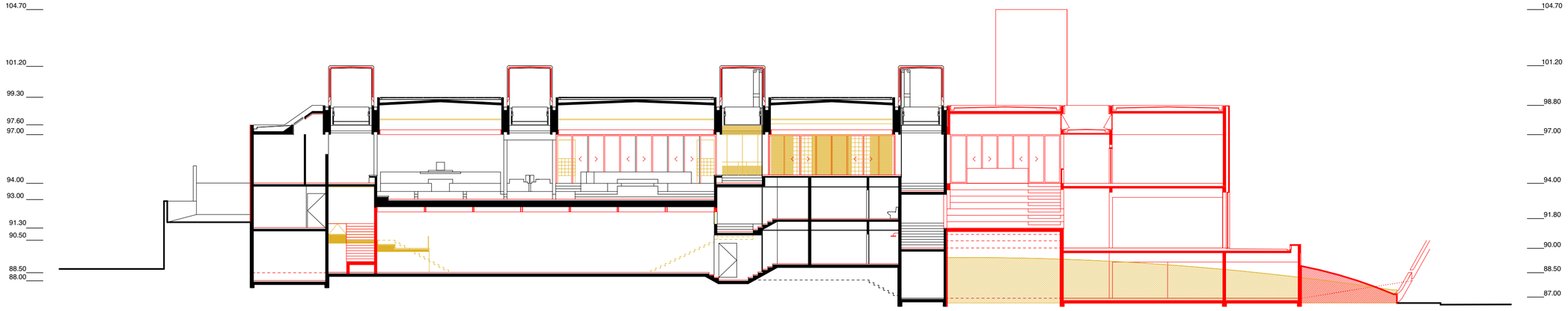
A IGREJA PAROQUIAL DE OLIVAIS SUL: DE UM PRIMEIRO ESBOÇO A UM FUTURO IMAGINADO . DAMIÃO FRANCO

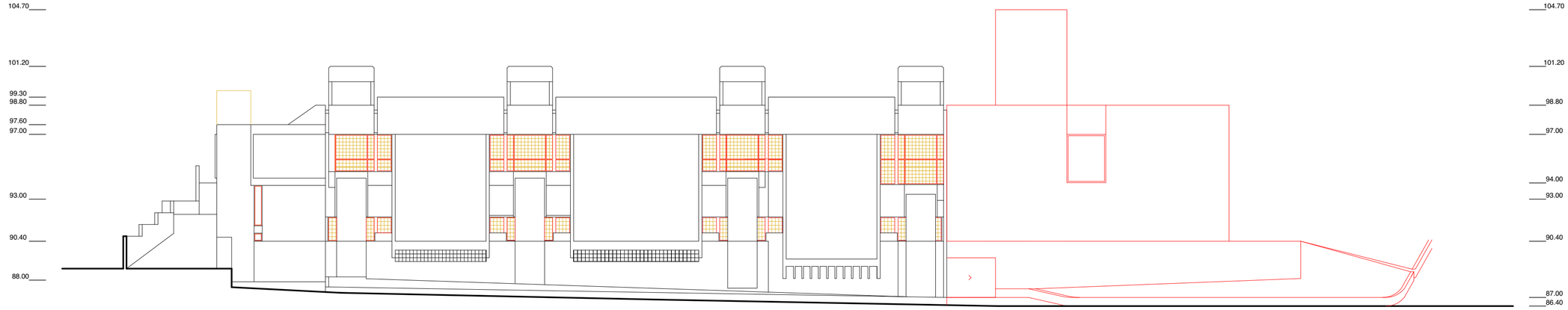
03 VEA_planta piso superior . escala 1.200

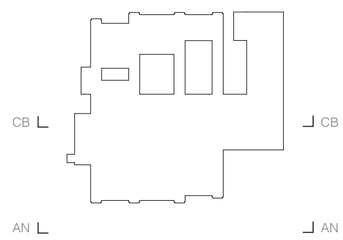


A IGREJA PAROQUIAL DE OLIVAIS SUL: DE UM PRIMEIRO ESBOÇO A UM FUTURO IMAGINADO . DAMIÃO FRANCO

04 VEA_planta cobertura . escala 1. 200

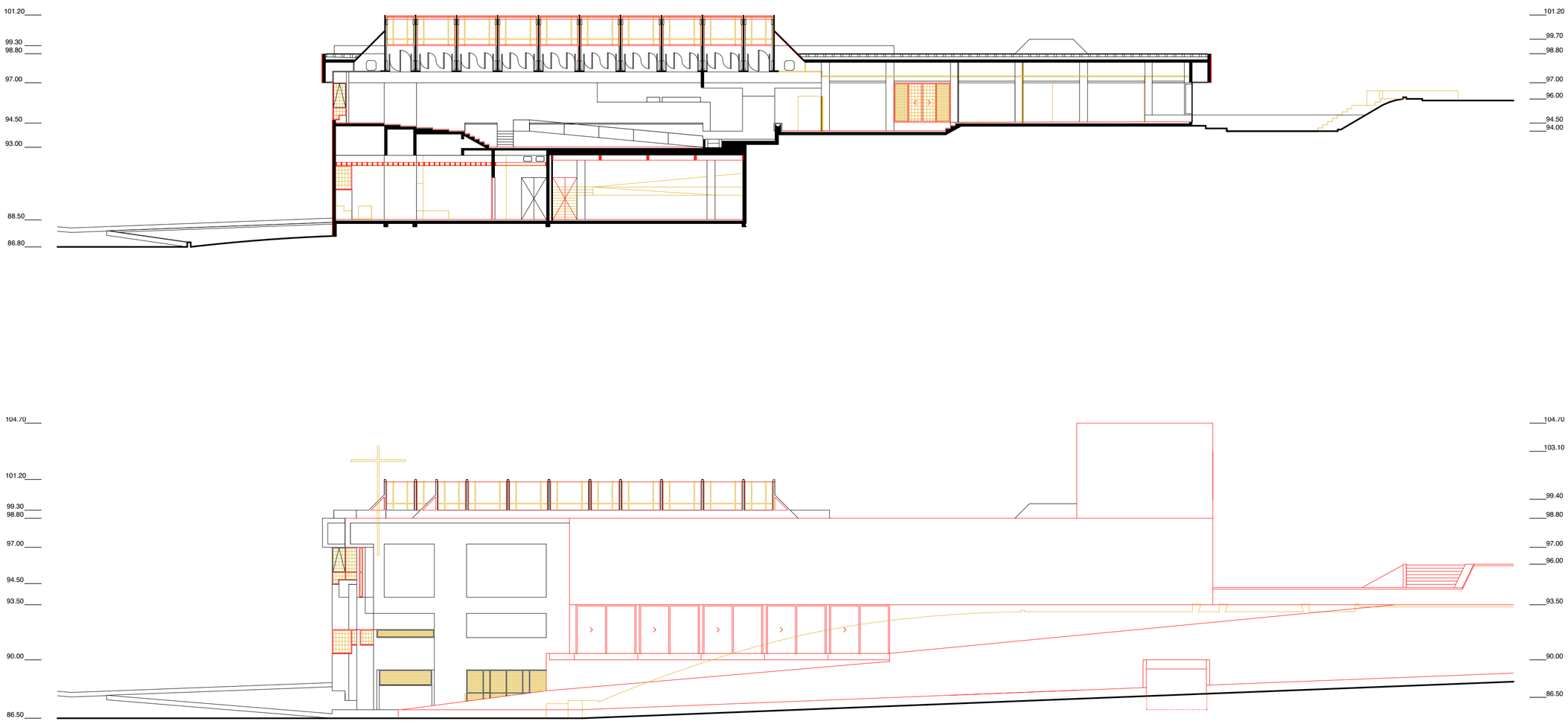


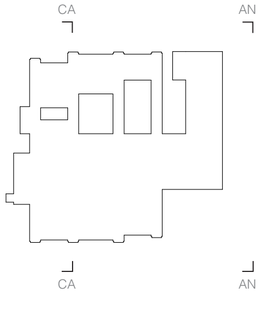




A IGREJA PAROQUIAL DE OLIVAIS SUL: DE UM PRIMEIRO ESBOÇO A UM FUTURO IMAGINADO . DAMIÃO FRANCO

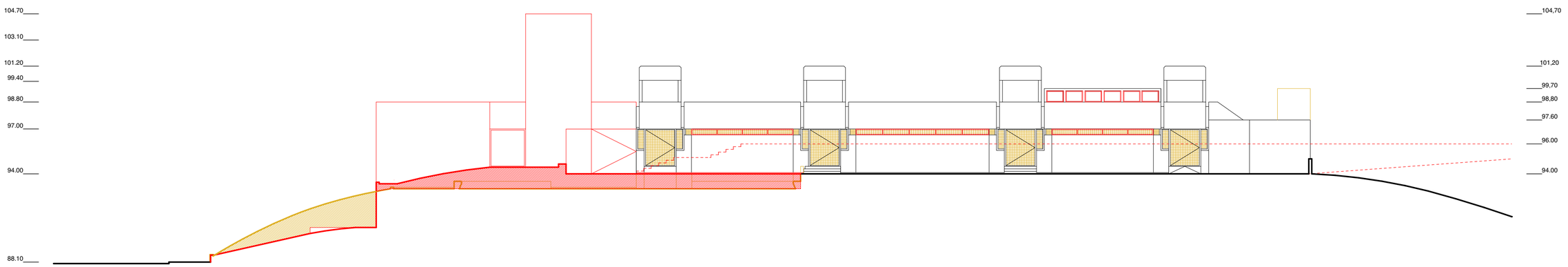
05 VEA_corte B e alçado nascente . escala 1.200

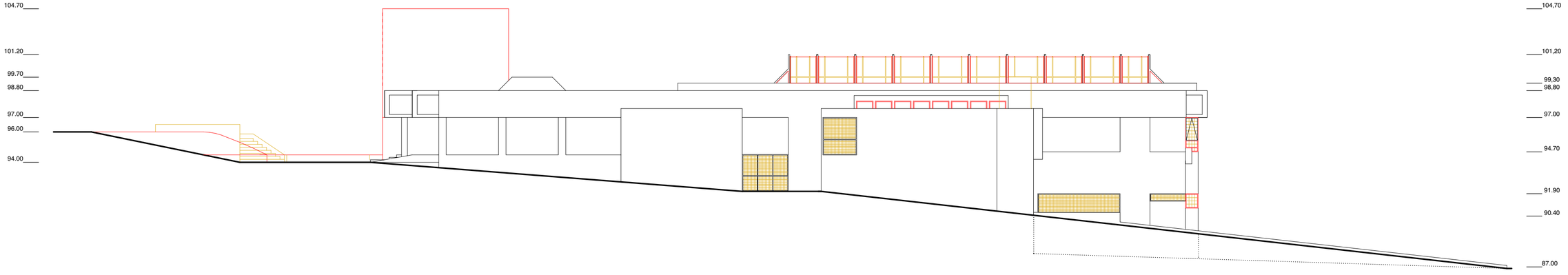


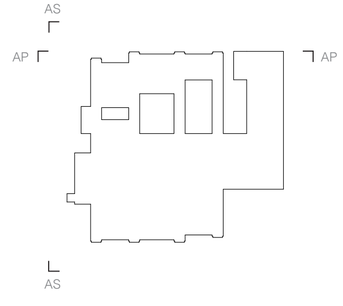


A IGREJA PAROQUIAL DE OLIVAIS SUL: DE UM PRIMEIRO ESBOÇO A UM FUTURO IMAGINADO . DAMIÃO FRANCO

06 VEA_corte A e alçado norte . escala 1.200

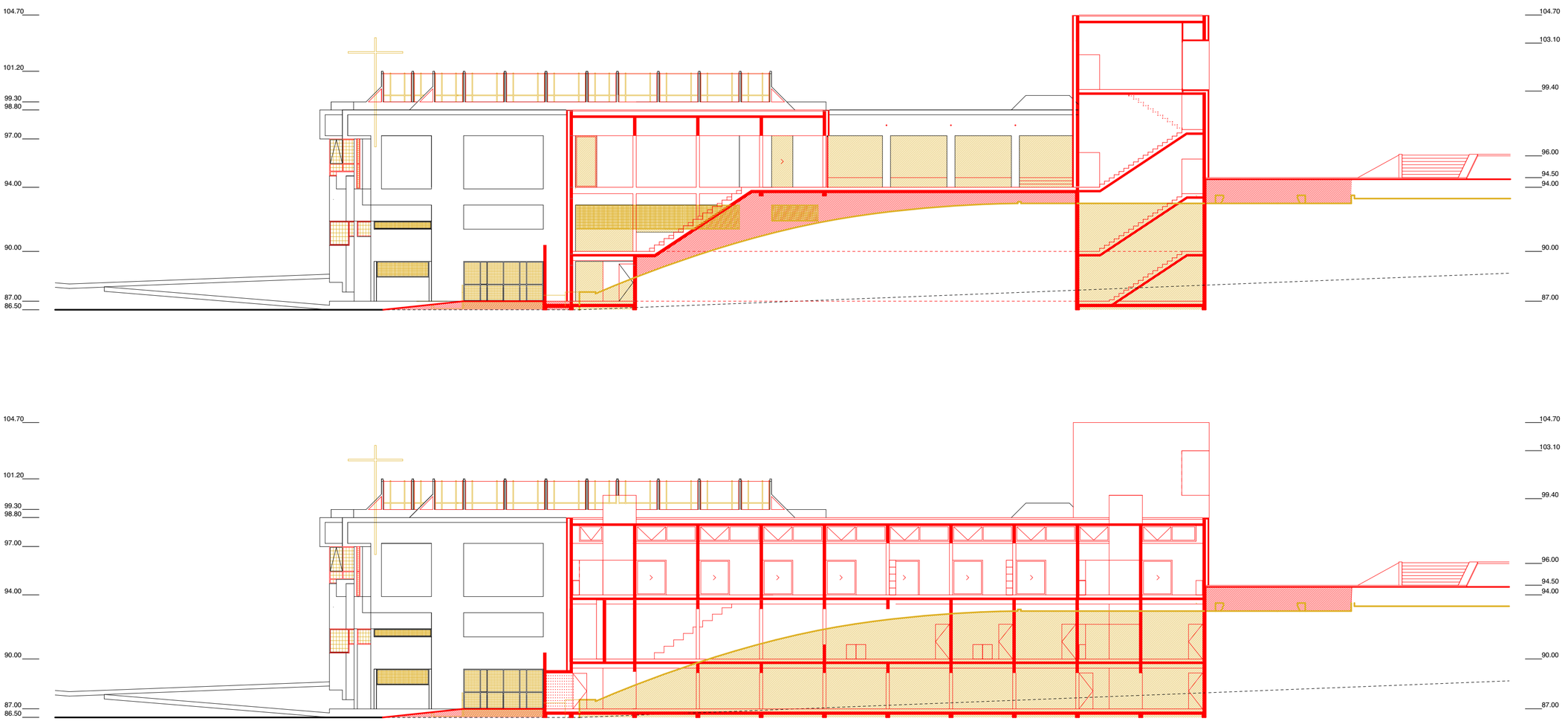


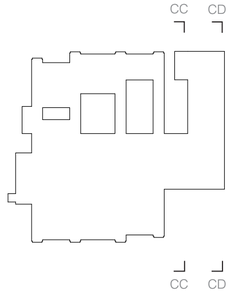




A IGREJA PAROQUIAL DE OLIVAIS SUL: DE UM PRIMEIRO ESBOÇO A UM FUTURO IMAGINADO . DAMIÃO FRANCO

07 VEA_alçado poente e alçado sul . escala 1.200



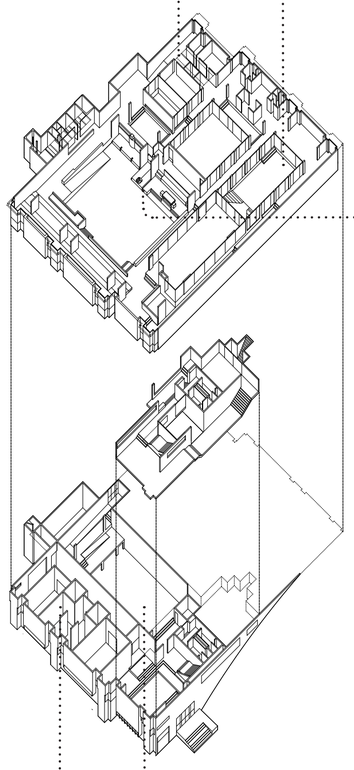


A IGREJA PAROQUIAL DE OLIVAIS SUL: DE UM PRIMEIRO ESBOÇO A UM FUTURO IMAGINADO . DAMIÃO FRANCO

08 VEA_corte C e corte D . escala 1.200

A actual caixilharia compromete a relação franca que se previa com os pátios no projecto de Pedro Vieira de Almeida. Sublinha-se a importância de salvaguardar a relação com os mesmos, à semelhança do que sugere esta imagem de 1971. Situação que implicará, senão uma nova caixilharia, uma revisão e adaptação integral da existente.

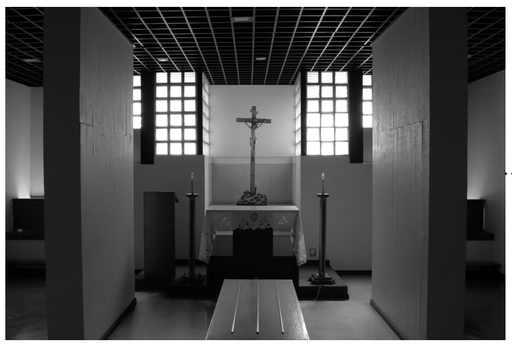
Para a zona dos gabinetes e área de convívio, desde cedo se foram experimentando disposições alternativas à actual. Pois ainda que a sua compartimentação em pequenos núcleos proporcione um bom gabinete, uma pequena biblioteca, recepção, etc. prescinde da área necessária para o encontro da comunidade alargada, ou para as actividades da catequese.



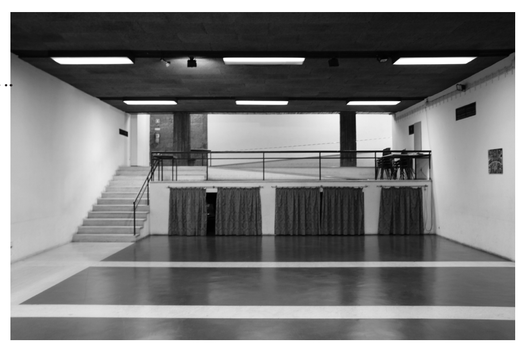
O estado incompleto do edifício e declino material da fachada comprometem hoje a sua leitura global. Por outro lado, dificilmente se reconhece a entrada. Sugere-se por isso que a igreja poderá beneficiar de um tratamento integral da fachada, mas também de uma entrada que se manifeste com maior clarividência.

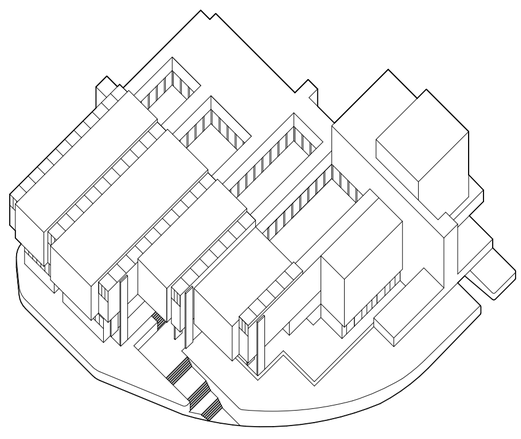
Porventura a maior alteração que se propõe para a igreja advém da relação de transparência que se procura estabelecer com o exterior, em conformidade com a intenção original do projecto. A parede opaca que sucede o altar é assim substituída pelo mural verde do pátio, conferindo ao espaço uma nova amplitude, bem como uma nova luz.

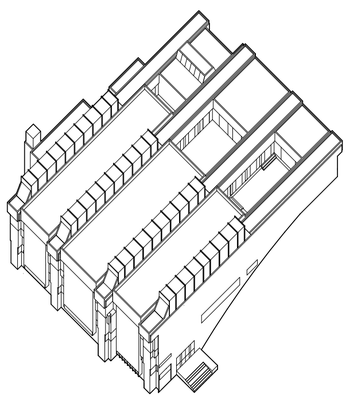
A estrutura interfere na actual disposição da capela mortuária central tornando-a difícil de utilizar, o que levou a que se pensasse uma solução alternativa para estes espaços. Esta implicará seguramente uma demolição parcial do existente.

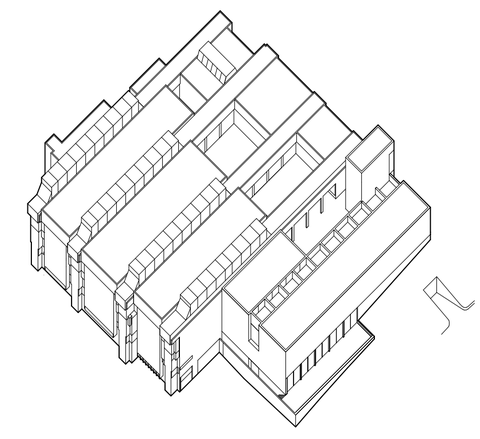


Para valorizar a grande sala no piso inferior, prevê-se a anexação futura de um pequeno auditório e refeitório, compondo na globalidade um programa polivalente, capaz estender-se além da própria paróquia, autonomizar-se, e reverter a seu favor.









A IGREJA PAROQUIAL DE OLIVAIS SUL

DE UM PRIMEIRO ESBOÇO A UM FUTURO IMAGINADO

INTRODUÇÃO

Constitui o presente trabalho, a exposição de uma investigação a respeito da valorização uma igreja, um edifício adormecido, à luz das necessidades actuais. Uma narrativa que acompanha o percurso de um edifício, do primeiro esboço apresentado a concurso, ao momento presente, explorando um possível futuro através do projecto. Para lá do caso prático que se trata, que exige uma resposta a um problema real, o exercício proporciona uma reflexão mais abrangente, em torno dos temas que descrevem uma realidade complexa, exterior aos muros desta igreja – seja a respeito da reabilitação de uma herança moderna recém-chegada, da necessária atenção a uma economia de meios em tempos de crise, ou da procura por o que possa ser hoje, um centro para a vida de uma comunidade cristã.

Damião Franco
aluno do mestrado integrado em arquitectura . FAUP

1969

Por altura do concurso chegavam os primeiros moradores a Olivais Sul, que se encontrava ainda em fase de desenvolvimento. Havia que construir uma nova igreja e com ela, os espaços para a reunião da comunidade católica recém-instalada. Pedro Vieira de Almeida propôs então o que se apelidaria de “micro-cidade”, integrando o templo num sistema mais alargado de espaços, com o intuito ali se gerar uma pequena urbanidade paroquial, em si contendo uma vida e animação que o bairro, no seu entender, não proporcionava.

Poucos anos antes, tinha-se estabelecido no Concílio Vaticano II (1962-65), o precedente que motivaria a procura por novos espaços de culto - favoráveis por um lado, a uma vivência comunitária da fé, inspirada pela experiência dos primeiros cristãos, por outro, permeáveis às mais recentes manifestações artísticas e culturais. Sucede-se uma série de experiências transformadoras no campo da arquitectura religiosa, entre as quais, a igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição, em Olivais Sul.

2021

O conjunto que hoje conhecemos, formado por igreja, espaços de reunião, sala polivalente e capelas mortuárias, corresponde apenas à primeira de duas fases previstas de construção, em muito diferindo do projecto original. Não satisfaz, por isso, os requisitos da pequena cidade idealizada por Pedro Vieira de Almeida, tampouco corresponde às exigências da actual paróquia.

Desde logo, pela falta de espaços para a catequese; de um recinto amplo para o convívio da comunidade; ou do lugar apropriado para acolher condignamente os mais velhos; e ainda, pelo natural desgaste dos materiais, que compromete as condições de conforto dos espaços, bem como a percepção que se tem do edifício.

Na reabilitação dos espaços existentes e eventualidade de uma futura ampliação, encontrou-se a oportunidade de completar o sistema iniciado por Pedro Vieira de Almeida e de nele vir a acomodar um programa multifacetado, aproximando-o da realização da pequena cidade que nunca chegou a ser.

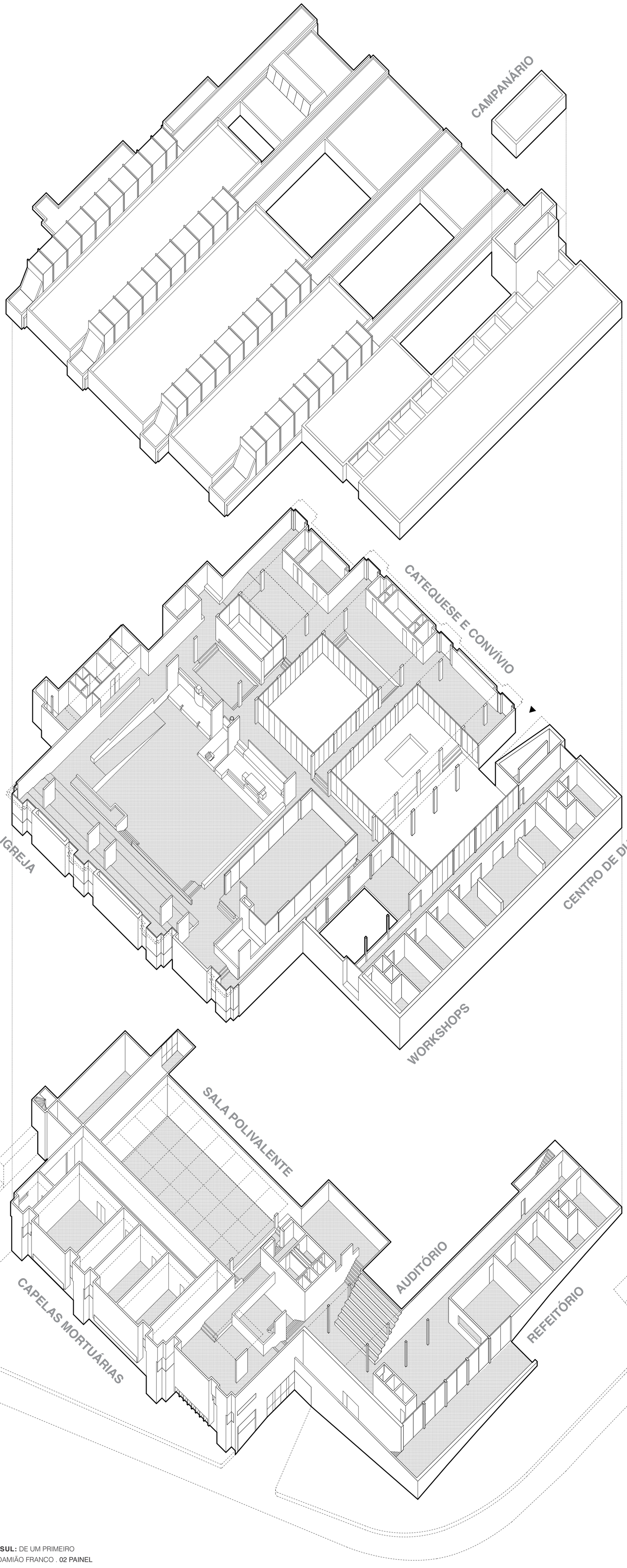
2025

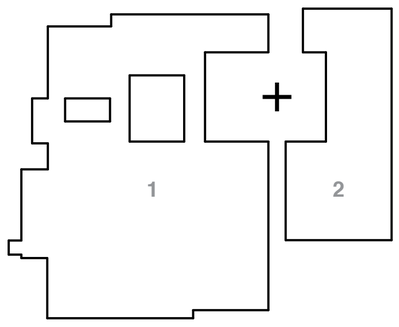
O projecto convida a uma perspectiva optimista sobre a igreja paroquial de Olivais Sul, tanto pelo que é, como pelo que poderá vir a ser no futuro.

Definem-se duas fases para a construção. A primeira diz respeito à intervenção no existente, procurando valorizar o edifício sem incorrer em quaisquer alterações de fundo. A segunda corresponde a um novo volume, completando e reiterpretando o sistema já iniciado por Pedro Vieira de Almeida.

Numa altura em que a condição económica da paróquia limita as suas possibilidades, o obstáculo tornou-se o tema que conduziu o projecto. Uma atenção particular a uma economia de meios descreve por isso uma estratégia global - do faseamento da construção, à gestão do programa, às opções construtivas tomadas.

perspectiva exterior . nova entrada para a igreja e centro paroquial



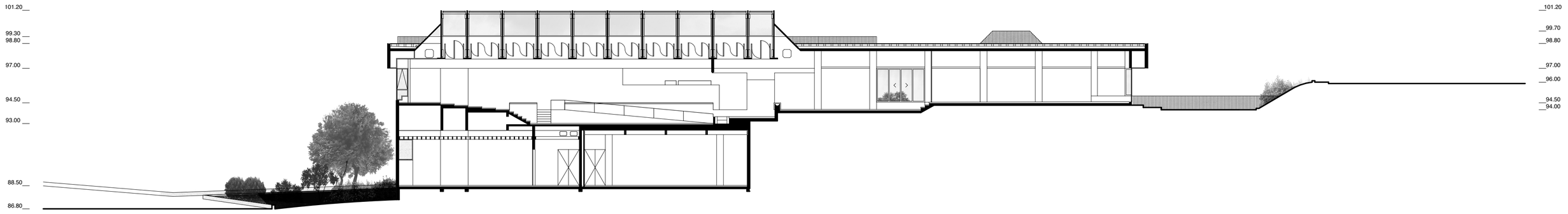


1ª FASE DE CONSTRUÇÃO
INTERVENÇÃO NO EXISTENTE

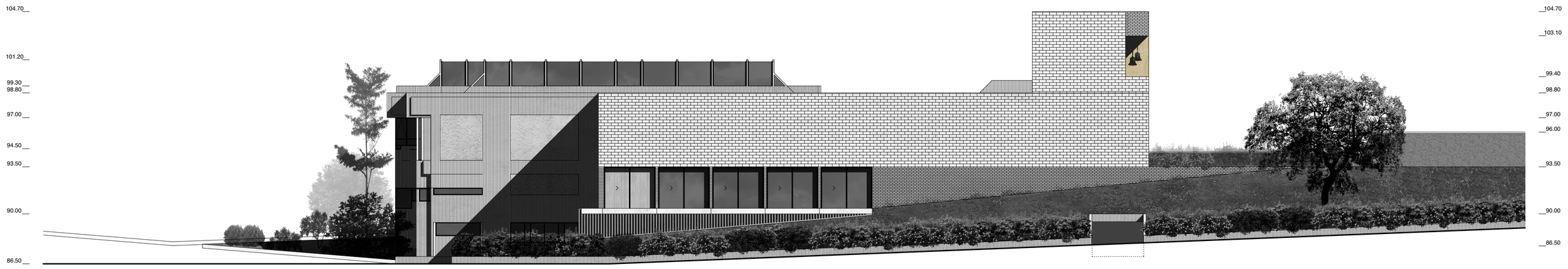
- tratamento integral da fachada com nova camada de betão leve;
- instalação de novos caixilhos na fachada;
- aplicação de um pavimento em betão afagado, em subtituição do actual pavimento;
- instalação de novos caixilhos no contacto com os pátios;
- manutenção do sistema de ventilação mecânica existente;
- reorganização da zona de catequese e convívio;
- reorganização das capelas mortuárias;
- definição de uma nova entrada para a sala polivalente;
- integração pontual de novos tectos em ripado de madeira;

2ª FASE DE CONSTRUÇÃO
AMPLIAÇÃO DO EDIFÍCIO

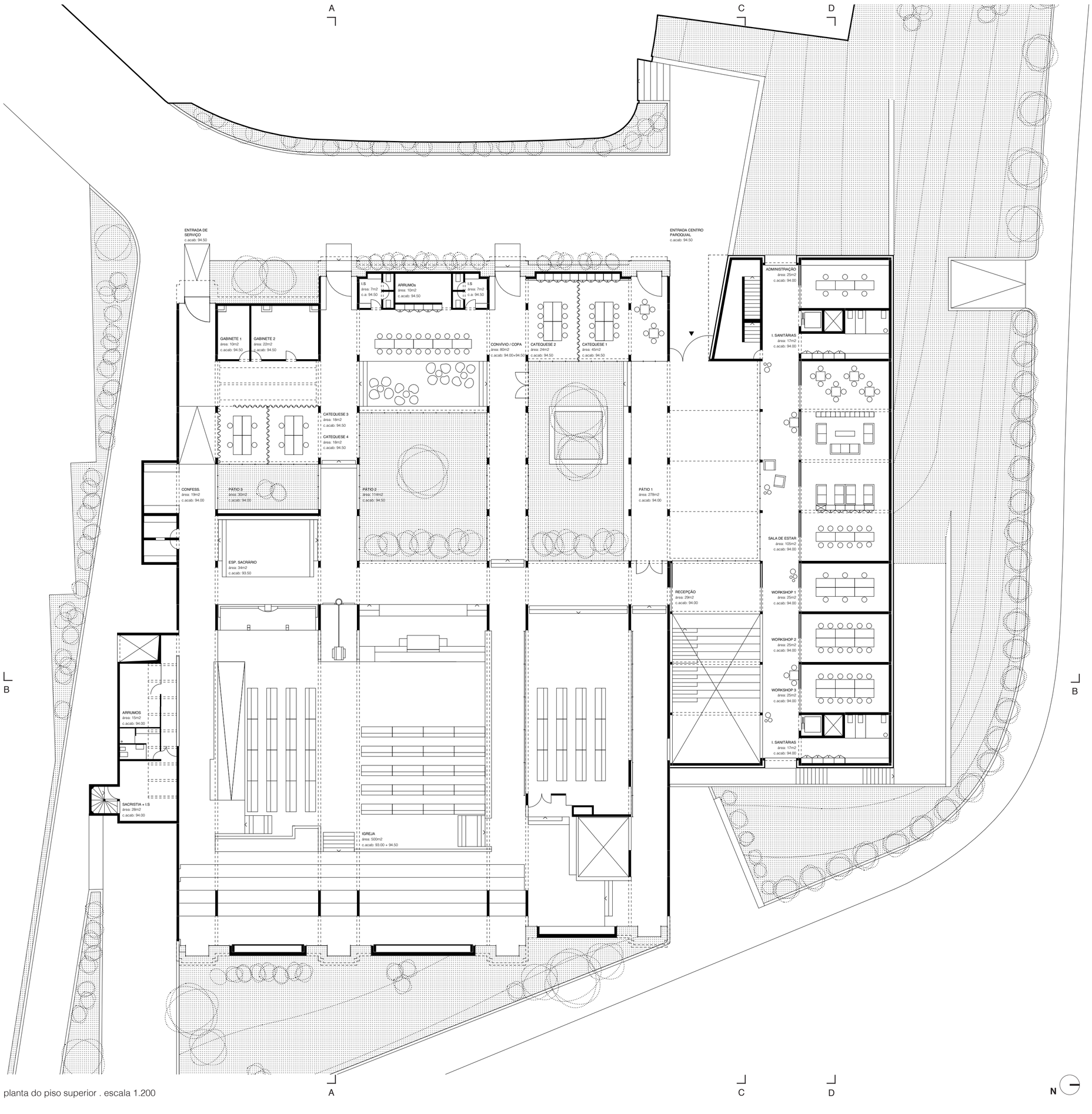
- construção do novo volume: centro de dia para 50 utentes e administração; três salas de workshop para a universidade sénior; refeitório com lotação para 50 pessoas, cozinha e espaços de serviços anexos; auditório informal com 90 lugares sentados; 8 lugares de estacionamento interior;
- integração de sistema independente de ventilação mecânica;
- tratamento das plataformas ajardinadas na envolvente;



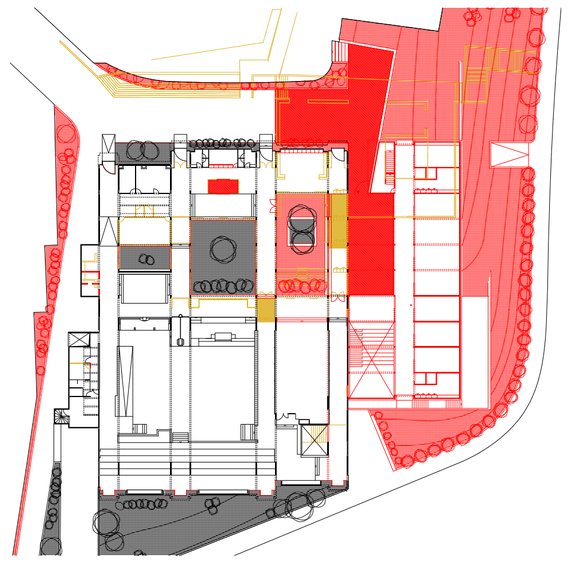
corte A . escala 1.200



alçado norte . escala 1.200



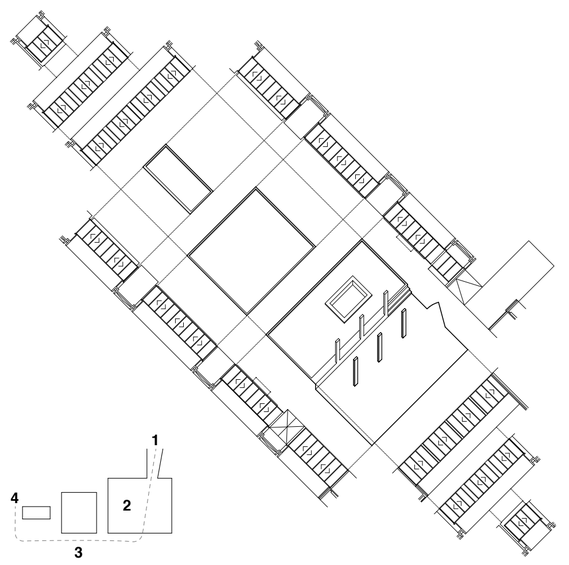
planta do piso superior . escala 1.200



esquema de vermelhos e amarelos s. escala
preto - construção . vermelhos - construção . amarelos - demolições

ANÚNCIO DA CHEGADA

Não se verificando um momento de chegada inteligível que se considera que o programa requer, ergue-se um novo campanário que, em linha com a linguagem já estabelecida, faz o anúncio da chegada e formaliza o convite a entrar.



1. bairro; 2. espaço para o encontro da comunidade, partilhado pelo centro de dia, catequese e sala lateral da igreja; 3. espaço de culto aberto sobre o pátio seguinte; 4. sacrário e confessiorários correspondem ao final de um percurso de crescente grau de intimidade - do bairro, até ao interior

PÁTIO CENTRAL

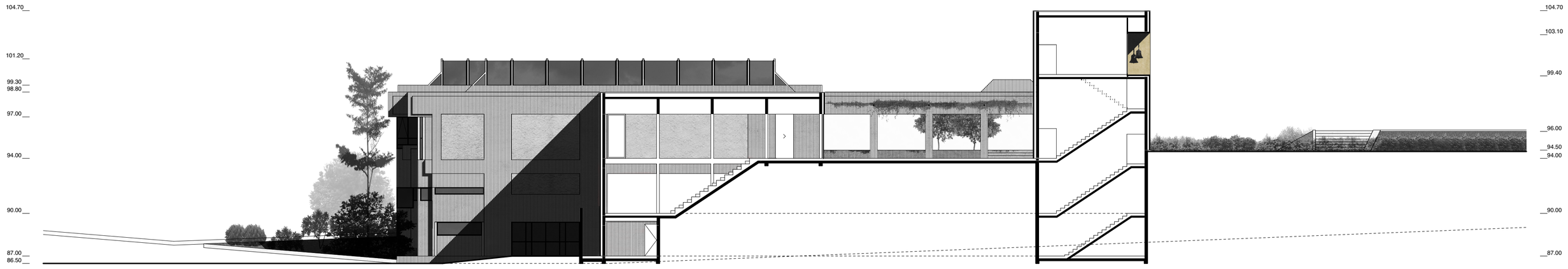
Entre o novo e o antigo, em direcção diagonal, é-se encaminhado até um espaço central que resulta do somatório de dois pátios, a partir do qual se acede aos diferentes programas do centro paroquial. Cumprindo a função tradicional do adro, na gradual transição entre exterior-interior, proporciona um lugar de encontro para os paroquianos e área para que ali se realizem as habituais festividades.

A resolução deste espaço a duas cotas prepara a transição para os demais pátios que, por virtude de uma caixilharia de correr, poderão funcionar como um espaço único, Dessa extracção resulta um espaço recatado, em redor de duas oliveiras existentes e um banco alongado, que antecede a entrada na igreja.

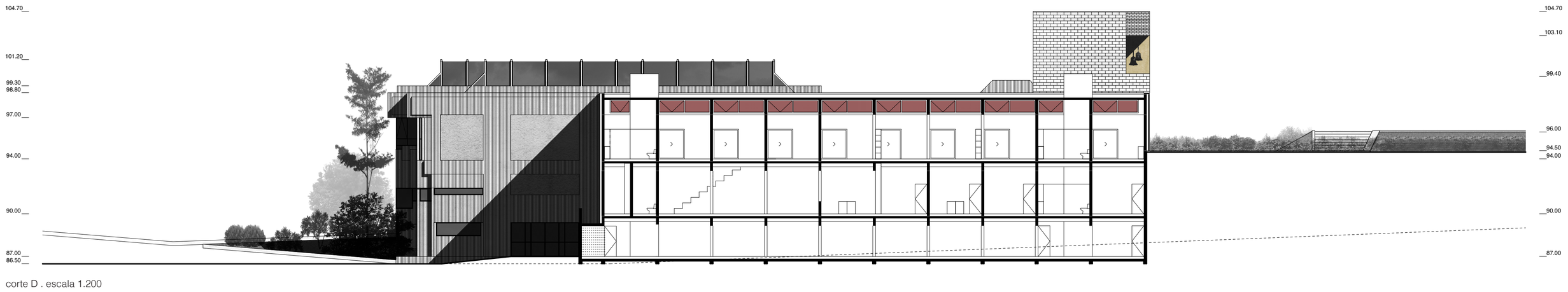
perspectiva exterior . pátio central

perspectiva interior . áreas de reunião e convívio

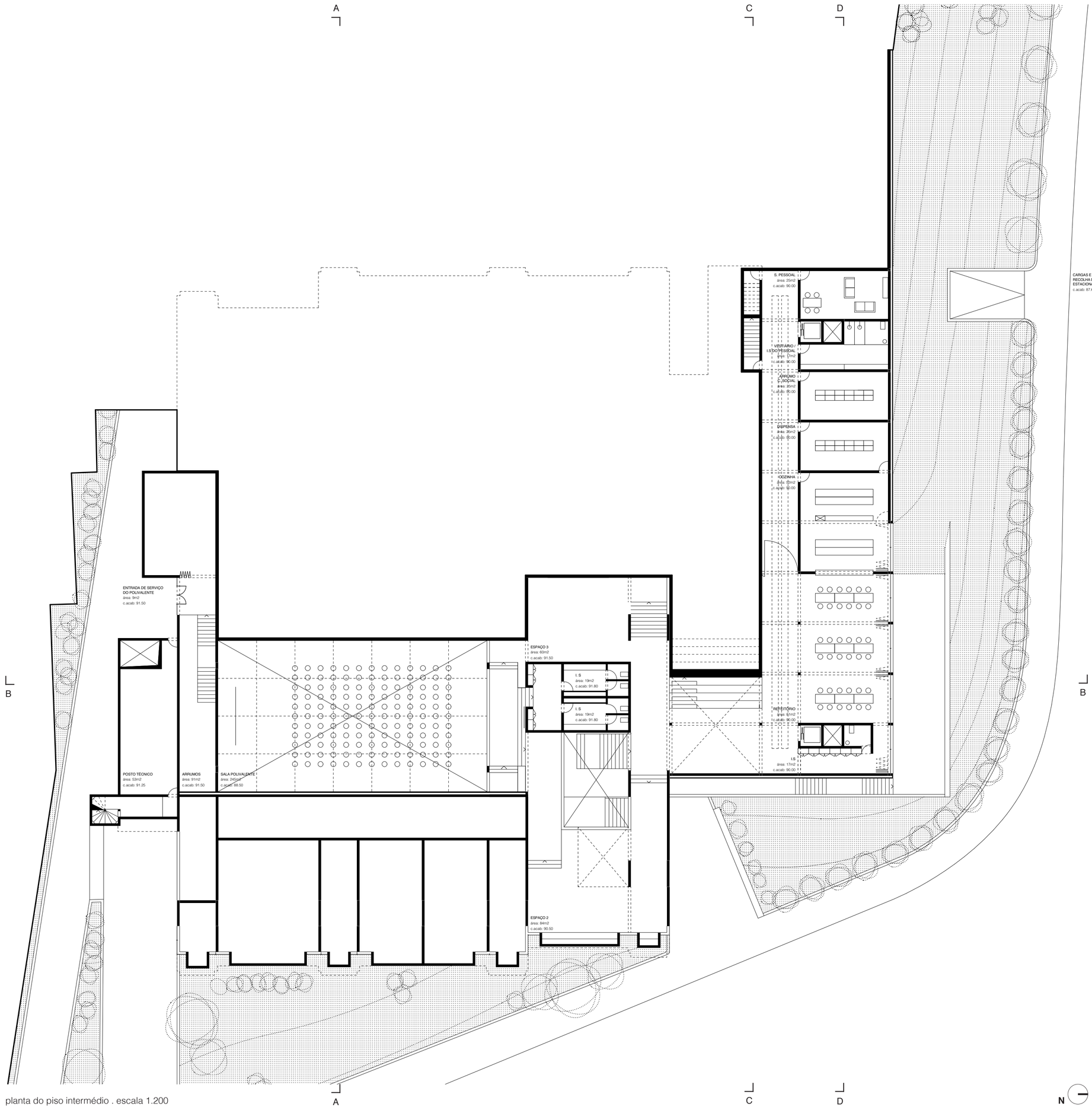
perspectiva interior . igreja



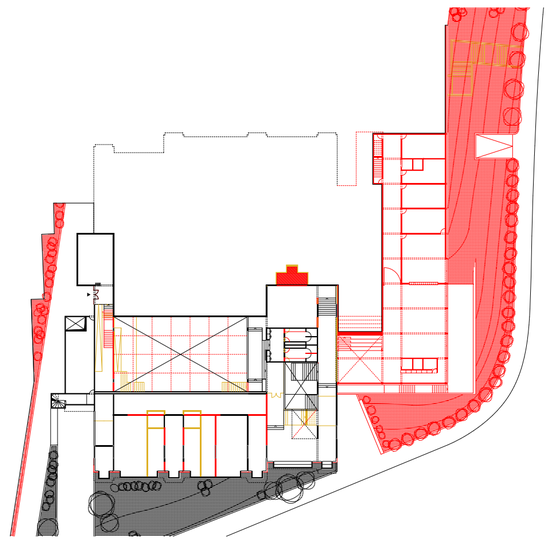
corte C . escala 1.200



corte D . escala 1.200



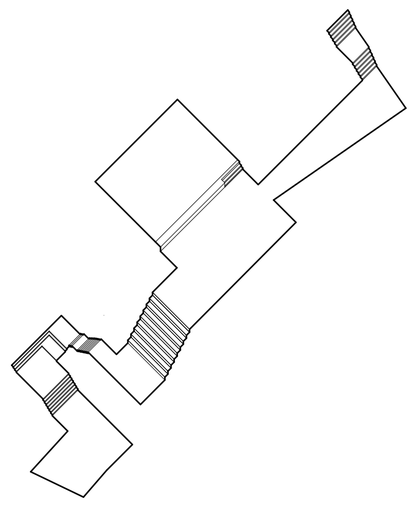
planta do piso intermédio . escala 1.200



esquemas de vermelhos e amarelos do piso intermédio
preto - construção . vermelhos - construção . amarelos - demolições

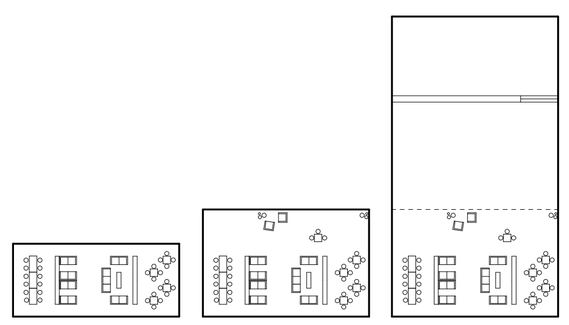
ATRAVESSAMENTO

Uma sequência de escadas na qual se integra o pequeno auditório forma um itinerário que atravessa o edifício e garante a comunicação entre pisos, vencendo a acentuada disparidade de cotas, entres as ruas a nascente e poente.



POSSÍVEL EXPANSÃO DO CENTRO DE DIA

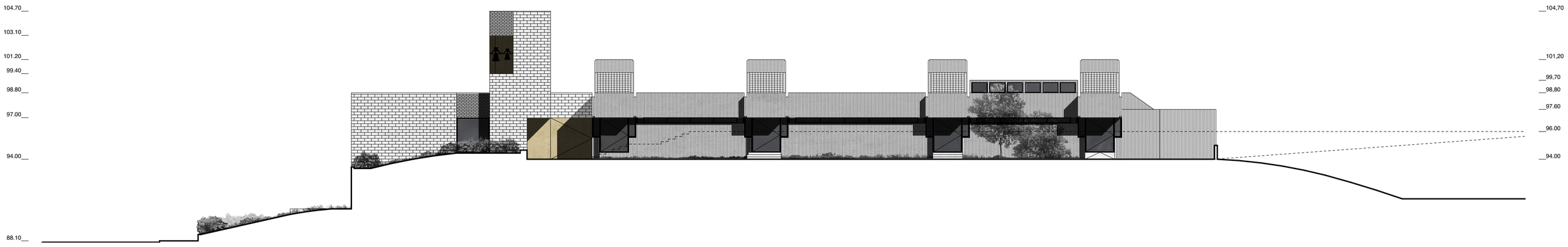
opção 1 . centro de dia . 105m2
opção 2 . centro de dia + corredor . 155m2
opção 3 . centro de dia + corredor + pátio exterior . 430m2



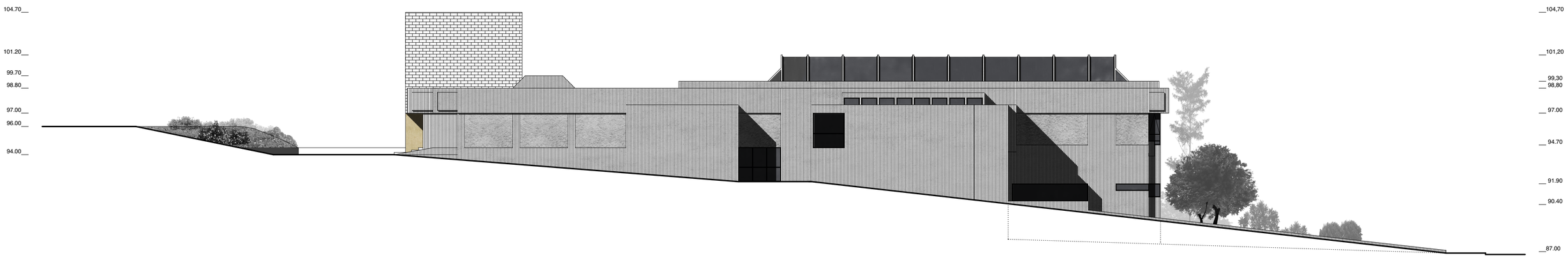
perspectiva interior . sala polivalente

perspectiva interior . escada-auditório

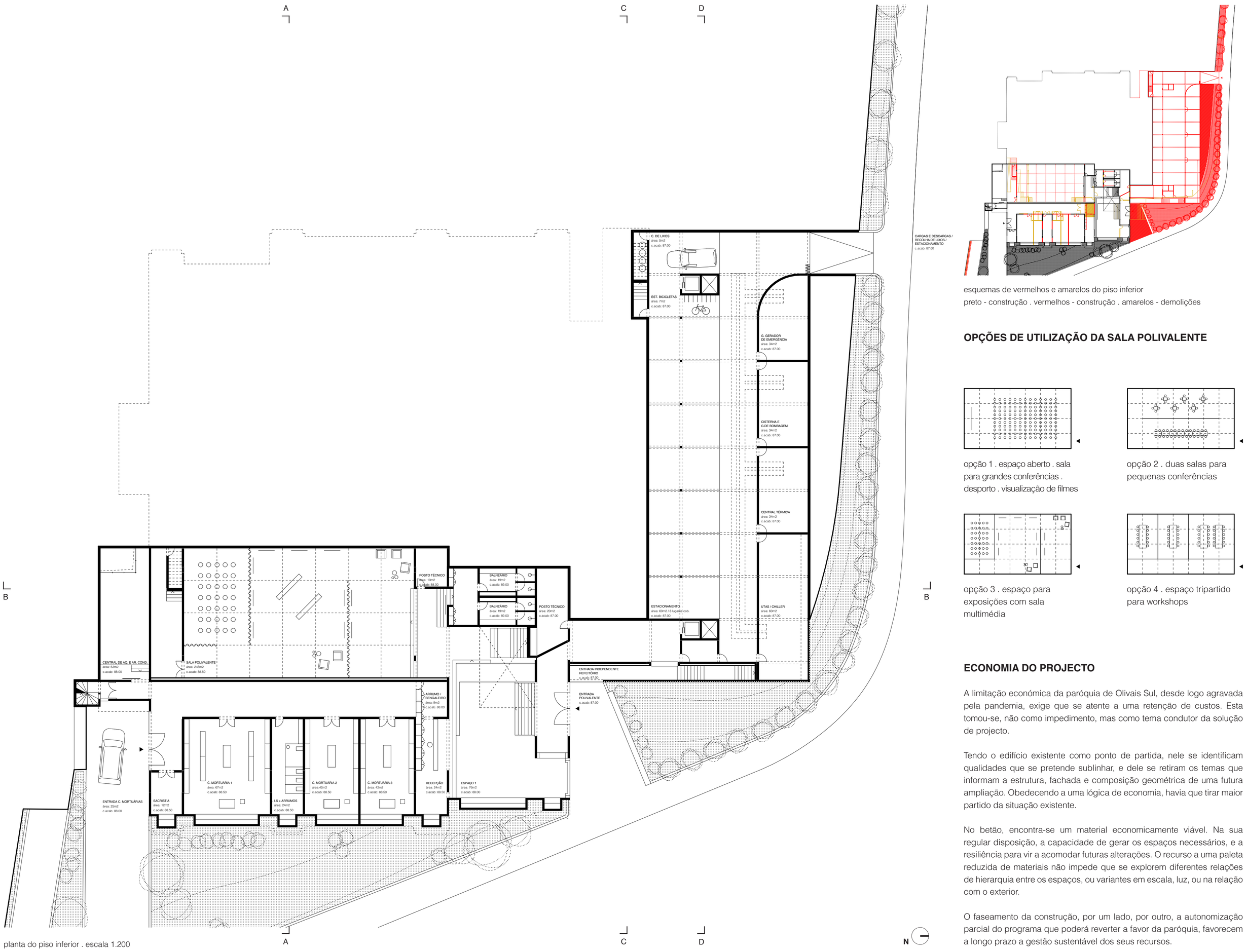
perspectiva interior . centro de dia



alçado poente . escala 1.200



alçado sul . escala 1.200



planta do piso inferior . escala 1.200

esquemas de vermelhos e amarelos do piso inferior
preto - construção . vermelhos - construção . amarelos - demolições

OPÇÕES DE UTILIZAÇÃO DA SALA POLIVALENTE

opção 1 . espaço aberto . sala para grandes conferências . desporto . visualização de filmes

opção 2 . duas salas para pequenas conferências

opção 3 . espaço para exposições com sala multimédia

opção 4 . espaço tripartido para workshops

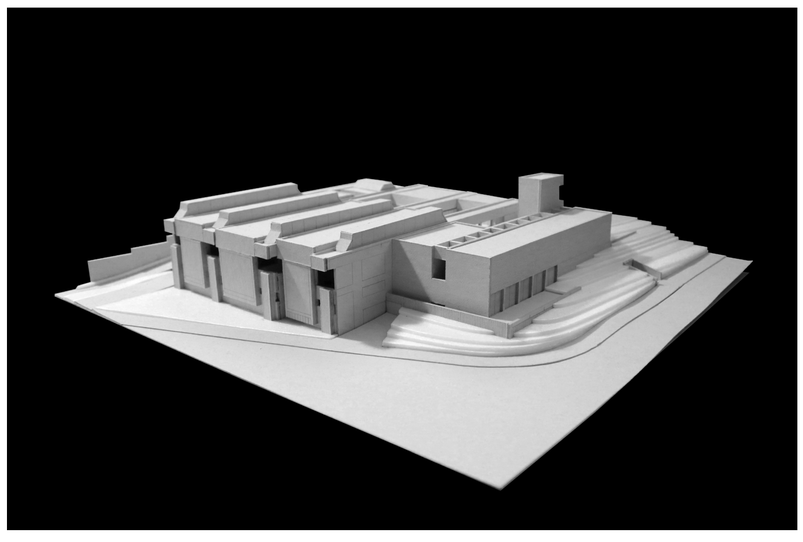
ECONOMIA DO PROJECTO

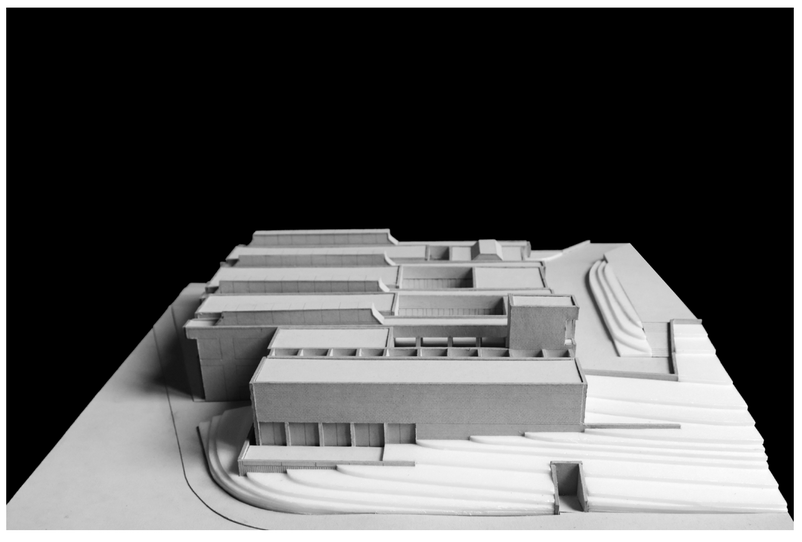
A limitação económica da paróquia de Olivais Sul, desde logo agravada pela pandemia, exige que se atente a uma retenção de custos. Esta tomou-se, não como impedimento, mas como tema condutor da solução de projecto.

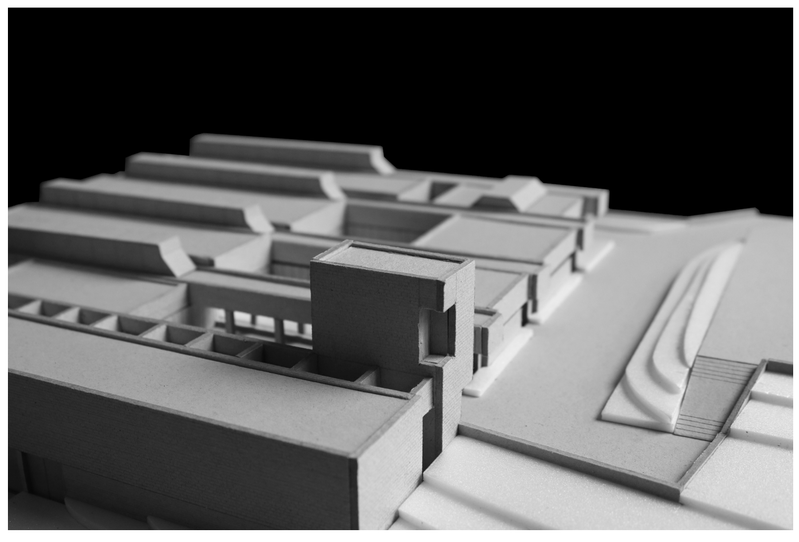
Tendo o edifício existente como ponto de partida, nele se identificam qualidades que se pretende sublinhar, e dele se retiram os temas que informam a estrutura, fachada e composição geométrica de uma futura ampliação. Obedecendo a uma lógica de economia, havia que tirar maior partido da situação existente.

No betão, encontra-se um material economicamente viável. Na sua regular disposição, a capacidade de gerar os espaços necessários, e a resiliência para vir a acomodar futuras alterações. O recurso a uma paleta reduzida de materiais não impede que se explorem diferentes relações de hierarquia entre os espaços, ou variantes em escala, luz, ou na relação com o exterior.

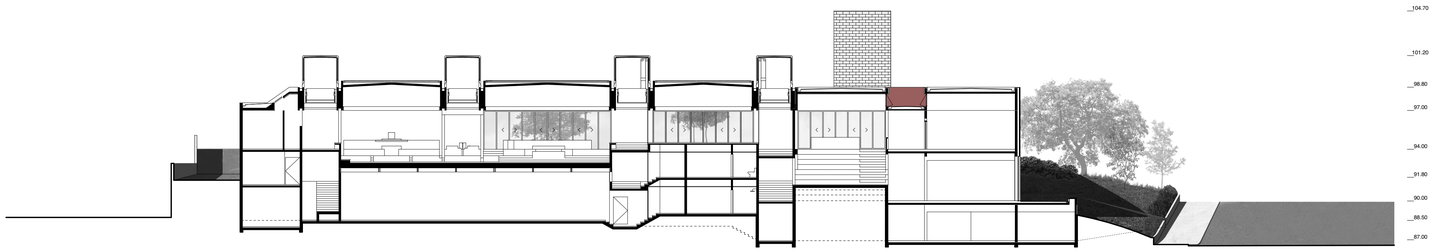
O faseamento da construção, por um lado, por outro, a autonomização parcial do programa que poderá reverter a favor da paróquia, favorecem a longo prazo a gestão sustentável dos seus recursos.



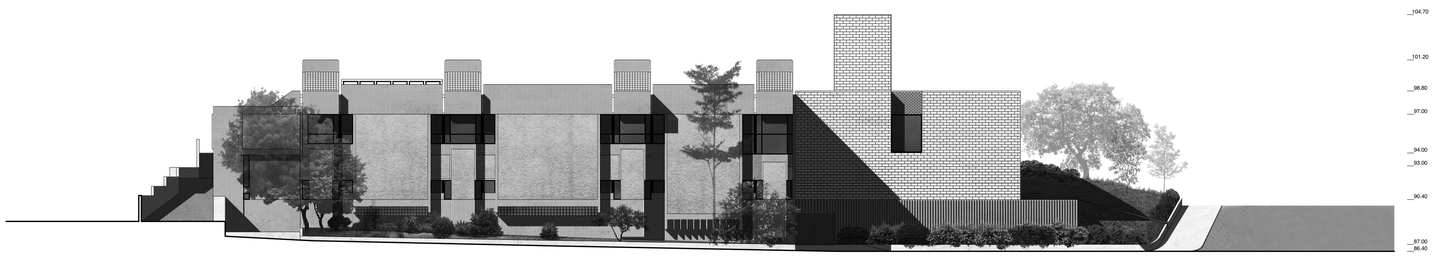




fotografias de maquete



corte B . escala 1.200

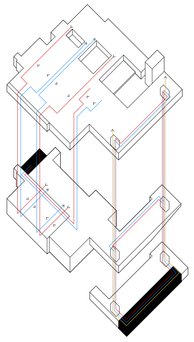


alçado nascente . escala 1.200

TÉRMICA

No caso do edifício existente, verificou-se a ausência quase total de isolamento, que compromete as condições de conforto dos espaços. Tendo em conta o esforço que representaria isolar termicamente todo o complexo, bem como a total disrupção da sua linguagem, assumiu-se desde logo que não se poderia garantir, para a pré-existência, condições climáticas equiparáveis à nova construção, encontrando-se, no entanto, margem para as melhorar.Tal melhoramento contará invariavelmente com um sistema de ventilação mecânica, pelo que se conservaram no projecto todos os canais de condutas e áreas técnicas associadas de um sistema já instalado, actualmente inutilizado, que deverá portanto ser recuperado ou substituído. Prevê-se ainda a revisão integral das caixilharias, de modo a evitar as recorrentes infiltrações e permitir a ventilação natural dos espaços, hoje inexistente.

As novas técnicas e materiais de construção permitem para a ampliação do edifício, criar as condições de conforto adequadas para receber uma população idosa por extensos períodos de tempo. Destaca-se uma vez mais a capacidade de inércia térmica do betão que, aliado ao isolamento térmico, garante um bom desempenho passivo, sem prescindir de um sistema próprio de ventilação mecânica.

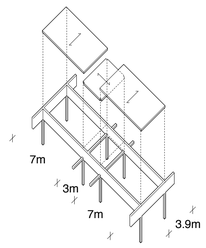


FACHADA

Tendo em conta o actual estado de deterioração material da fachada, prevê-se numa primeira fase de intervenção, o seu revestimento integral com uma camada de betão leve, salvo as superfícies em betão rugoso, que se mantêm. Simultaneamente, substituem-se os blocos de vidro por caixilhos de aro metálico preto e folha de vidro temperada, reforçando, pelo exterior, a sensação de vazio num conjunto marcadamente opaco.

Evitando mimetizar a pré-existência, dela se retiram os ingredientes para a futura ampliação. Desde logo, pelo uso do betão em dois tons de cinzento de modo a fragmentar as vastas superfícies. Por outro lado, recorrendo como na pré-existência, a avanços e recuos, através dos quais de explora a tridimensionalidade, tirando partido dos contínuos jogos de luz e sombra. Assim se procura transparecer os dois tempos de construção, sem comprometer uma leitura unitária.

Tão relevante como as próprias fachadas são os espaços verdes que as circundam e assumem, no contraste com as superfícies de betão, um papel categórico na força expressiva do conjunto.

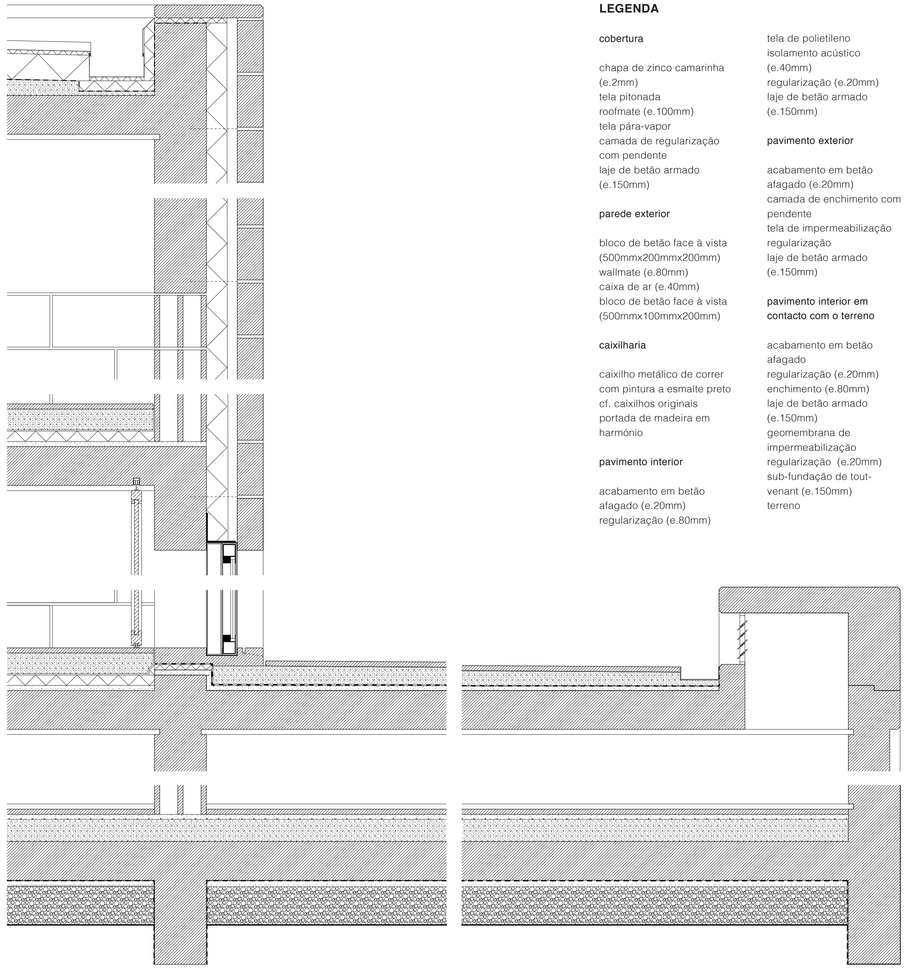


ESTRUTURA

Tendo em vista a viabilidade económica da solução de projecto, assumiu-se como princípio não incorrer em quaisquer alterações à estrutura do edifício existente.

Para a ampliação do edifício o material eleito é o betão pois possibilita tanto pelo interior, como pelo exterior, a unidade e coerência expressiva do conjunto. Com recurso a vãos nunca superiores a sete metros, satizfaz também os requisitos de uma construção económica.

O tema estrutural do edifício existente informa a lógica da ampliação. Longitudinalmente, acrescentando dois novos pórticos, intermediados por um corredor sobre o qual é integrado um sistema de iluminação natural. Transversalmente, adoptando a métrica estrutural de 3,90m entre os eixos no encontro com o pátio, que se estende a todo o edifício, integrando no piso inferior, oito lugares de estacionamento.



LEGENDA

cobertura

chapa de zinco camarinha
(e.2mm)
tela pitonada
roofmate (e.100mm)
tela pára-vapor
camada de regularização
com pendente
laje de betão armado
(e.150mm)

parede exterior

bloco de betão face à vista
(500mmx200mmx200mm)
wallmate (e.80mm)
caixa de ar (e.40mm)
bloco de betão face à vista
(500mmx100mmx200mm)

caixilharia

caixilho metálico de correr
com pintura a esmalte preto
cf. caixilhos originais
portada de madeira em
harmónio

pavimento interior

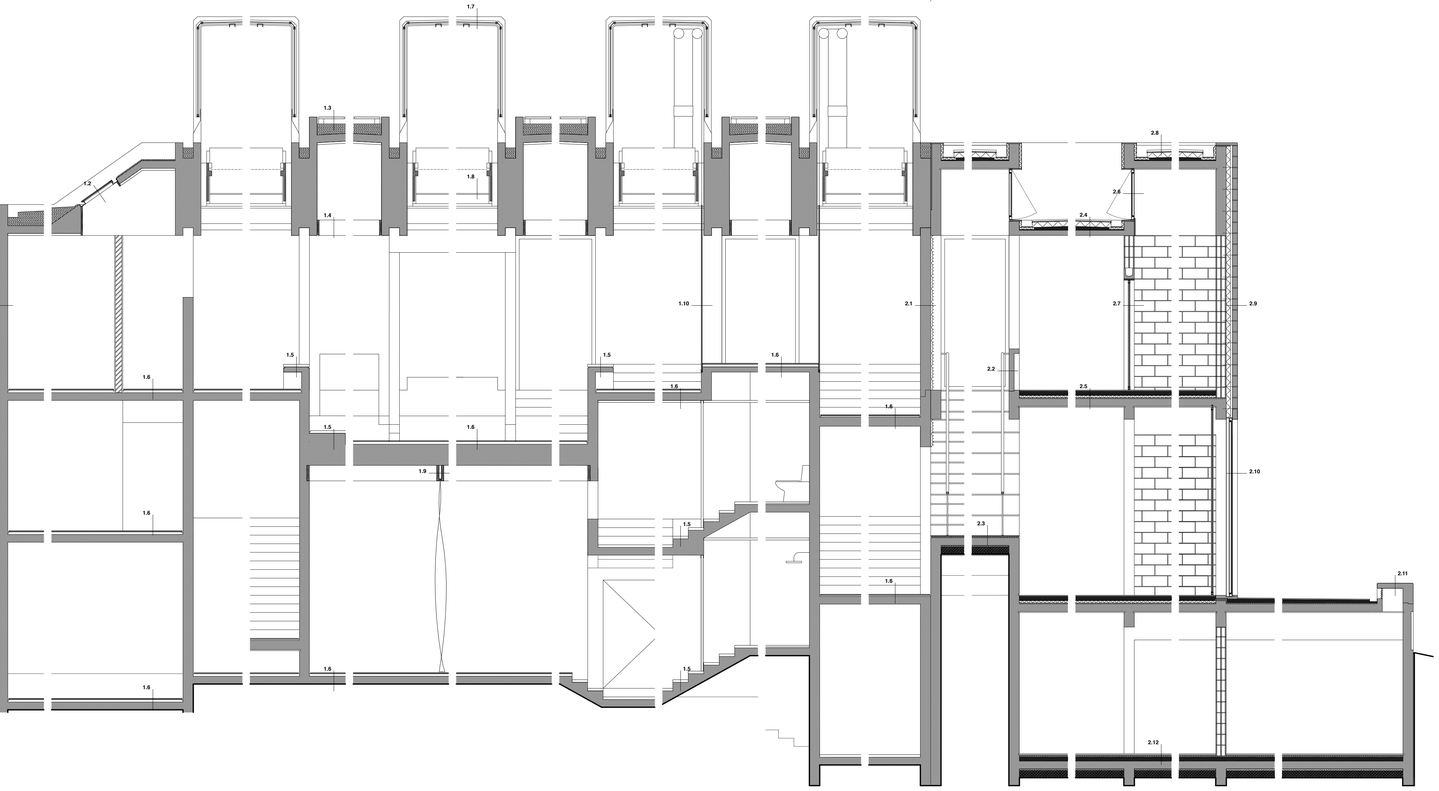
acabamento em betão
afagado (e.20mm)
regularização (e.80mm)
tela de polietileno
isolamento acústico
(e.40mm)
regularização (e.20mm)
laje de betão armado
(e.150mm)

pavimento exterior

acabamento em betão
afagado (e.20mm)
camada de enchimento com
pendente
tela de impermeabilização
regularização
laje de betão armado
(e.150mm)

pavimento interior em contacto com o terreno

acabamento em betão
afagado
regularização (e.20mm)
enchimento (e.80mm)
laje de betão armado
(e.150mm)
geomembrana de
impermeabilização
regularização (e.20mm)
sub-fundação de tout-
venant (e.150mm)
terreno



FASE 1

1.1 novo revestimento em betão leve
parede de betão armado (e. 200mm)

1.2 novo caixilho metálico fixo com pintura a esmalte (preto) cf. originais

1.3 lajetas de betão (e.40mm)
tela betuminosa
camada de enchimento com pendente
laje de betão armado (e.150mm)

1.4 novo teto falso em ripado de madeira c.iluminação (e.20mm alt.300mm)

1.5 remate de em mármore branco (e.40mm)

1.6 novo revestimento de pavimento em betão afagado (e.20mm)
antigo revestimento em linóleo (carmim e branco; alternadamente)
regularização
laje de betão armado

1.7 novo caixilho metálico fixo com pintura a esmalte (preto)
c.f original

1.8 sistema manual de brise-soleil com placas de madeira rotativas existente (e.20mm)

1.9 novo teto falso em ripado duplo de madeira c iluminação,
c.calha para cortinas (e.20mm alt.300mm)

1.10 sistema de madeira guilhotina existente a reabilitar (e.20mm)

FASE 2

2.1 parede existente de betão com acabamento rugoso

2.2 corrimão em madeira (ø40mm)
apoios em tubulares metálicos com pintura esmalte preto (ø20mm)
parepeito em peça pré-fabricada de betão (e.100mm)

2.3 cobertura de escada-auditório em madeira (e.20mm)
regularização
laje de betão armado

2.4 chapa de zinco camarinha (e.2mm)
tela pitonada
roofmate (e.100mm)
tela pára-vapor
camada de enchimento com pendente
laje de betão armado (e.120mm)

2.5 acabamento em betão afagado (e.20mm)
regularização (e.80mm)
tela de polietileno
isolamento acústico (e.40mm)
regularização
laje de betão armado (e.150mm)

2.6 caixilho metálico projectante com pintura a esmalte (preto)
cf. originais

2.7 porta de correr em folha de vidro e aro de madeira

2.8 chapa de zinco camarinha (e.2mm)
tela pitonada
roofmate (e.100mm)
tela pára-vapor
camada de regularização com pendente
laje de betão armado (e.150mm)

2.9 bloco de betão face à vista (500mm x 200mm x 200mm)
wallmate (e.80mm)
caixa de ar (e.40mm)
bloco de betão face à vista (500mm x 100mm x 200mm)

2.10 caixilho metálico de correr com pintura a esmalte (preto)
portada interior de madeira em harmonio

2.11 banco pré-fabricado de betão

2.12 acabamento em betão afagado (e.20mm)
regularização (e.20mm)
enchimento (e.80mm)
laje de betão armado (e.150mm)
geomembrana de impermeabilização
regularização (e.20mm)
sub-fundaçao de tout-venante (e.150mm)
terreno

corte construtivo C . escala 1.50